

BEATRIZ COSTA REIS

FANFICTION DE HARRY POTTER NO BRASIL: O
DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO DO GÊNERO POR
AUTORES BRASILEIROS

São José do Rio Preto

2015

BEATRIZ COSTA REIS

FANFICTION DE HARRY POTTER NO BRASIL: O
DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO DO GÊNERO POR
AUTORES BRASILEIROS

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências,
Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual
Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para
obtenção do título de Mestre em Letras (Área de
concentração: História, Cultura e Literatura)

Orientador: Prof. Dr. Alvaro Luiz Hattner

São José do Rio Preto

2015

Reis, Beatriz Costa.

Fanfiction de Harry Potter no Brasil : o desenvolvimento da produção do gênero por autores brasileiros / Beatriz Costa Reis. -- São José do Rio Preto, 2015

139 f.

Orientador: Alvaro Luiz Hattner

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura fantástica - História e crítica - Teoria, etc. 2. Ficção fantástica. 3. Fanfiction. 4. Comunicação de massa. 5. Mídia digital. 6. Rowling, J. K., 1965- Harry Potter - Crítica e interpretação. I. Hattner, Alvaro Luiz. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.
CDU – 8-344.09

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof. Dr. Alvaro Luiz Hattner – Orientador

Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi

Prof^a. Dr^a. Vera Helena Gomes Wielewicki

Suplentes

Prof. Dr. Márcio Roberto do Prado

Prof^a. Dr^a. Susanna Busato

Agradecimentos

À minha família e aos meus pais, Adriana e Valdir, pelo incentivo constante aos meus estudos, pelas histórias contadas e os (centenas) de livros na estante, e, principalmente, pelo amor e pelo apoio incondicionais.

A Daniel Armiato, pelo companheirismo, pela paciência e pelo carinho, desde sempre.

A Fernanda Sbrissa, por ser minha parceira de *fandoms* diversos e pelas conversas sobre fanfiction.

Às amigas Carol e Júlia, que me ofereceram abrigo e boas conversas em tempos de estágio de docência, e a todos os outros amigos que também me encorajaram a dar início a esta jornada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

À banca examinadora, pela presença em minha defesa e pelas contribuições com o desenvolvimento deste trabalho e, em especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Alvaro Luiz Hattner, que jamais duvidou do *fandom* como objeto de pesquisa e que tornou este trabalho possível.

Finalmente, às autoras das fanfictions analisadas aqui e a todos os fãs que alimentam o *fandom* diariamente com a sua imaginação.

RESUMO

Com o intuito de descrever e verificar os recursos mais recorrentes utilizados na criação de fanfictions sobre Harry Potter por autores brasileiros, discute-se neste trabalho o movimento de consumidores a uma cultura participativa nas últimas décadas, suas implicações nos debates sobre propriedade intelectual e o impacto da evolução da tecnologia na produção e circulação de produtos midiáticos. O surgimento das fanfictions e os mecanismos existentes na reinterpretação de narrativas originais também são abordados, bem como os números expressivos que representam o sucesso dos livros de J.K. Rowling como fenômeno editorial e como comunidade na internet. Tendo em vista a atividade significativa de fãs brasileiros da série e sua produção de histórias inspiradas em Harry Potter, três fanfictions representativas da produção do *fandom* no Brasil foram analisadas e constatou-se que os recursos mais frequentes em seu desenvolvimento são: universo alternativo, foco em personagem secundário, o subgênero *slash* e extensão da linha do tempo, premissa que evidencia predileção de autores e leitores por maior espaço para criação própria.

Palavras-chave: fanfiction; fandom; Harry Potter

ABSTRACT

In order to describe and verify the most common resources used in the creation of Harry Potter fanfictions in Brazil, this study presents the movement of consumers towards a more participative culture in the last two decades, its implications to debates on intellectual property and the impact of technological evolution on the production and circulation of media content. The work also examines the history of fanfiction and the existent mechanisms of reinterpretation of original narratives, as well as the expressive numbers that represent the success of J.K. Rowling's books both as an editorial phenomenon and fandom on the internet. Given the significant production inspired in the Harry Potter series by Brazilian fans, three representative fanfictions are analyzed, in the light of the specific ways the original is rewritten. Alternative universe, focus on secondary characters, *slash* and timeline expansion, which were found to be the most recurrent procedures in the rewritings, evince partiality for personal creation on the part of authors and readers.

Key words: fanfiction; fandom; Harry Potter

SUMÁRIO

Introdução	09
1. <i>Fan studies</i> : uma introdução à história do <i>fandom</i> e aos estudos sobre a cultura do fã	13
2. Fanfiction e o <i>fandom</i> de Harry Potter	23
3. Fanfictions sobre Harry Potter no Brasil: análise de três histórias representativas	35
3.1. <i>Hades: às portas do inferno</i> (2004)	37
3.1.1. Retomada e criação: episódios recuperados e desenvolvidos	41
3.1.2. Desenvolvimento de personagens	65
3.1.3. Narrador	69
3.1.4. Tempo e espaço	71
3.1.5. Mudança de gênero	72
3.1.6. Recepção	72
3.1.7. Conformidade à tradução de Lya Wyler	73
3.2. <i>Green Eyes</i> (2005-2007)	77
3.2.1. Retomada e criação: episódios recuperados e desenvolvidos	80
3.2.2. Desenvolvimento de personagens	90
3.2.3. Narrador	92
3.2.4. Tempo e espaço	93
3.2.5. <i>Slash</i> em <i>Green Eyes</i>	94
3.2.6. Mudança de gênero em <i>Green Eyes</i>	96
3.2.7. <i>Song fic</i>	97
3.2.8. Recepção	99
3.2.9. Conformidade à tradução de Wyler	100
3.3. <i>Era uma vez em Veneza</i> (2011-2012)	102
3.3.1. Retomada e criação: episódios recuperados e desenvolvidos	103
3.3.2. Desenvolvimento de personagens	108
3.3.3. Narrador	110
3.3.4. Tempo e espaço	111
3.3.5. <i>Slash</i> em <i>Era uma vez em Veneza</i>	112
3.3.6. Mudança de gênero	114

3.3.7. Recepção	115
3.3.8. Conformidade à tradução de Lia Wyler	117
<i>Mischief managed</i> : considerações finais	119
Referências bibliográficas	123
Apêndices	128

Introdução

Apesar de carregar ainda certo estigma de *underground*, de marginal à sociedade consumidora comum, o *fandom* hoje representa comunidades de fãs com produção volumosa e atividade incessante, principalmente no ambiente digital, uma vez que a evolução da tecnologia fomentou a disseminação de grupos dedicados aos mais diversos bens culturais, eliminando barreiras geográficas entre fãs com interesses comuns e estimulando o desenvolvimento de uma cultura que permite maior participação do consumidor de mídia.

Nas duas últimas décadas, não só houve a expansão do *fandom* e o aumento de sua produtividade, atreladas à disposição de consumidores para explorar e transformar textos disponíveis em diversos suportes, mas também a difusão de mais estudos acadêmicos sobre a cultura do fã e do interesse em resgatar o *fandom* dos estereótipos para trazê-lo aos holofotes da pesquisa e da operação de mídia. A possibilidade real de rever e reinventar produtos midiáticos em larga escala transformou a maneira como consumimos cultura e suscitou a participação da comunidade acadêmica na reflexão sobre esse fenômeno que ainda está em processo.

O trabalho de Henry Jenkins em *Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture* (1992) segue como referência entre os estudiosos da cultura do fã como uma das primeiras publicações a contestar os rótulos atribuídos ao *fandom*, revista e atualizada desde então. De fato, o início da década de 1990 é considerado um grande marco na história dos estudos sobre a cultura do fã, não só pelo trabalho de Jenkins, mas também pela publicação de trabalhos importantes como os de Constance Penley (1991), Camille Bacon-Smith (1992) e Lisa A. Lewis (1992), por exemplo, fundadores dos estudos sobre *fandom* como um campo de pesquisa distintivo do estudo sobre subculturas, leitores e públicos.

A partir de meados da década de 2000, uma nova geração de pesquisadores trouxe outras vozes e perspectivas que deram novo fôlego aos estudos sobre *fandom*. Gray, Harrington e Sandvoss (2007) reuniram artigos relevantes sobre a cultura do fã no mundo e sobre os contextos histórico e legal de suas produções, Busse e Hellekson (2006) abordaram as fanfictions como produção expressiva do *fandom*, e, mais tarde, Mark Duffet (2013) tratou da história do *fandom* e da metodologia de seus pesquisadores. O próprio Jenkins tem atualizado seus primeiros trabalhos sobre a evolução do que chamou de *cultura participativa*: conceito que descreve o movimento de

um público menos passivo a um modelo de cultura mais participativo, produzindo e distribuindo conteúdo midiático, tendo em vista interesses coletivos.

No Brasil, Maria Lúcia Bandeira Vargas discorreu em seus trabalhos *O fenômeno da fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico*, de 2005, e *Slash: a fanfiction homoerótica no fandom Potteriano brasileiro*, de 2011, sobre a produção brasileira de fanfiction, as narrativas escritas por fãs baseadas em universos de obras originais pré-existentes. A autora tratou das fanfictions como prática de leitura de jovens fora do âmbito escolar, defendeu o envolvimento emocional dos fãs como inerente à atividade, e destacou o universo das fanfictions como um lugar de troca de informações e vivências afetivas.

A história do *fandom* e da fanfiction, no entanto, é marcada pelo desenvolvimento tecnológico: com o advento da internet, e, principalmente, da chegada da conexão em banda larga, esse “lugar de troca” pôde ampliar-se, passando de grupos pequenos, limitados fisicamente, a comunidades enormes online. O mesmo ocorreu com as fanfictions: as publicações puderam migrar de seu espaço limitado dos *fanzines* para páginas na internet criadas especialmente para sua hospedagem. O acesso às fanfictions ficou muito mais fácil, a publicação de novas histórias mais simples, e a interação entre leitores e autores mais rápida e expressiva. O volume de narrativas publicadas cresceu exponencialmente, e, à medida que mais leitores participavam desse universo de narrativas, mais consumidores encontravam comunidades de *fandoms* diversos na internet para compartilhar suas interpretações do original e para participar de discussões sobre sua trama.

No entanto, quando se trata de *fandom*, as questões sobre os direitos autorais parecem estar amarradas a grande parte dos debates sobre sua atividade e sobre os posicionamentos de autores, editoras e estúdios e também de quem se apropria de trabalhos originais. As discussões sobre os conflitos que surgem quando as corporações saem em defesa de seus direitos autorais e os fãs se apropriam das obras originais para criar novos textos refletem, para Jenkins (2012), uma longa batalha pela propriedade intelectual que determinará a natureza da expressão criativa no século XXI.

As chamadas “Guerras de Harry Potter”, no início dos anos 2000, foram um exemplo do embate sobre direitos autorais entre corporações e o *fandom*, já que, dentre as inúmeras comunidades online, o *fandom* de Harry Potter foi, e ainda é, um dos maiores e mais ativos na web. O fenômeno editorial de vendas e o sucesso das bilheterias das adaptações cinematográficas

repercutiram na criação de diversos sites com notícias da série, dos filmes e da autora J. K. Rowling, fóruns de discussão, dicionários com termos mágicos, espaço para divulgação de *fanart*, e outras páginas criadas com o único propósito de abrigar publicações de fãs baseadas na história do bruxo.

São dezenas as páginas na internet que hospedam fanfictions sobre Harry Potter, algumas com mais de vinte mil histórias publicadas que tiveram o original de Rowling como inspiração. No Brasil, sites como o Fanfiction.net, Nyah Fanfiction e Floreios e Borrões têm, juntos, mais de cinquenta mil fanfictions em português baseadas na série Harry Potter, um número bastante significativo para a comunidade de fãs brasileiros online. À vista do volume de produção do *fandom* de Harry Potter no Brasil e de sua atividade ainda expressiva, mesmo após a publicação do último volume e do lançamento da oitava adaptação cinematográfica, o objetivo deste trabalho é analisar o desenvolvimento da produção de fanfictions sobre Harry Potter no Brasil, a fim de evidenciar os principais mecanismos utilizados na criação dessas narrativas, como o foco em personagens secundários, a extensão da linha do tempo e os universos alternativos.

O capítulo 1, “*Fan studies*: uma introdução à história do *fandom* e aos estudos sobre a cultura do fã”, apresentará o percurso dos estudos sobre a cultura do fã, de Jenkins (1992) a Jenkins (2013), bem como a história do *fandom* em si, começando pela década de 1930, com o cinema atraindo fãs de atores e atrizes de seus filmes favoritos, até o surgimento de novas tecnologias e novos suportes que alimentaram o processo de desenvolvimento da cultura participativa e contribuíram para a expansão do *fandom*. Neste trabalho, *fandom* estará estritamente relacionado às atividades culturais e às estruturas sociais criadas por fãs, vistos aqui como consumidores mais emocionalmente envolvidos com produtos da mídia de massa.

O capítulo 2, “Fanfiction e o *fandom* de Harry Potter”, tratará do surgimento das fanfictions, de sua ampliação com a chegada da internet, e de mecanismos de desenvolvimento das narrativas, como *slash*, mudança de gênero e os universos alternativos, por exemplo. O segundo capítulo também explorará o conceito de *work in progress* proposto por Busse e Hellekson (2006) ao tratarem da escrita de histórias de fãs, apontada pelas autoras como uma atividade sempre em desenvolvimento, no sentido de que são revisadas, traduzidas, revistas e comentadas coletiva e constantemente, e cada nova reinterpretação do original alimenta o todo de releituras realizadas e validadas pelo *fandom*. Além disso, esse capítulo também destacará o

fandom de Harry Potter no Brasil e no mundo, sua expressão como sucesso editorial e como comunidade de fãs online.

O capítulo três apresentará a análise de três fanfictions representativas do *fandom* de Harry Potter no Brasil: *Hades: às portas do inferno* (2004), *Green Eyes* (2005-2007), de Amy Lupin, e *Era uma vez em Veneza* (2011-2012), de Mila B., de maneira a destacar os recursos recorrentes na construção das narrativas de fãs brasileiros e observar como essas escolhas se afiguram para os leitores.

Espera-se que este trabalho possa despertar o interesse pela cultura do fã e promover a reflexão sobre o *fandom* e novas pesquisas sobre suas atividades. Nas palavras de Gray, Harrington e Sandvoss (2007), *fandom* importa porque é importante para aqueles que são fãs, e é exatamente por ter-se tornado um aspecto comum da comunicação e do consumo modernos que requer novos estudos e análise crítica.

1. *Fan studies*: uma introdução à história do *fandom* e aos estudos sobre cultura do fã

A noção de *fandom* aparece constantemente relacionada às sociedades capitalistas contemporâneas, mídia eletrônica e cultura de massa. Embora se possa dizer que as práticas culturais de *fandoms* diversos tenham evoluído e sejam, de fato, mais amplamente exercidas na atualidade, a origem do *fandom* que se conhece hoje data de um período muito anterior ao surgimento da internet e do desenvolvimento da tecnologia da comunicação atual.

Segundo Mark Duffet (2013), o termo *fan* aparece pela primeira vez no fim do século XVII na Inglaterra como abreviação de *fanatic* para designar fanáticos religiosos, mas o significado de fã reconhecido atualmente surgiria um século depois, nos Estados Unidos, quando passou a ser usado pela imprensa para descrever os apaixonados por beisebol, e mais tarde, adotado para nomear os públicos dedicados à música e ao cinema. Na verdade, de acordo com Duffet (2013), o desenvolvimento da fotografia e a invenção da gravação de som, do cinema e da radiodifusão entre o final do século XIX e o início do século XX é que promoveriam a fundação da indústria de mídia eletrônica que daria suporte para os grandes públicos que dominaram o século XX e permitiriam que o *fandom* se transformasse e tomasse novos rumos.

O desenvolvimento do cinema em Hollywood contribuiu com os primeiros passos da indústria do entretenimento em direção ao reconhecimento da recepção como fator importante para o sucesso de suas produções no começo do século XX. Os grandes estúdios passaram a usar as estrelas de seus filmes como veículos de envolvimento com público. Segundo Duffet (2013), entre os anos 1920 e 1950, os fãs dos filmes produzidos no período passaram a exigir maior participação no conteúdo criado por Hollywood; os estúdios chegaram a receber, no fim da década de 1920, mais de 32 milhões de cartas de fãs destinadas aos atores e atrizes que estrelavam nas telas do cinema.

O início do século XX também contou com a adoção do rádio, cujas programações logo tiveram seguidores fiéis. Da mesma forma, no Brasil, o rádio obteve grande audiência, embora isso tenha acontecido mais tarde, nas décadas de 1940 e 1950, com o surgimento de ídolos como Emilinha Borba, a popularização dos programas de auditório e os concursos para eleição da *Rainha do Rádio*. Nesse período fizeram sucesso também as radionovelas, cujo veículo principal era a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Em 1951, por exemplo, “foi ao ar pela Rádio Nacional

o maior fenômeno de audiência em radionovelas em toda a América Latina: era *O direito de nascer*, [...] de Felix Caignet.” (CALABRE, 2003, p. 10).

O fim da década de 1930 e o início da de 1940 marcam também a popularização do futebol na imprensa do país e sua consolidação no imaginário nacional, período em que surgem as primeiras torcidas organizadas no Brasil, como a do São Paulo Sport Clube (1937), a do Sport Club Internacional (1940) e a Charanga, no Rio de Janeiro, criada por fãs do time do Flamengo em 1946 (BUARQUE, 2008). As torcidas jovens surgiriam apenas no final dos anos 1960, por vezes associadas a grupos de artistas como a Jovem Flu (1967), época em que o canto coletivo ganha força nos estádios.

Ainda no final dos anos de 1930, Duffet (2013) destaca o crescimento das tiragens de histórias em quadrinhos nos Estados Unidos, a sua chamada *Era de Ouro*, período de lançamento de alguns dos grandes super-heróis do gênero, como o Super-Homem, de Jerry Siegel e Joe Shuster, em 1938. O período também foi marcado pela chegada do rock’n’roll na metade do século e, com ele, novos ídolos da música, como os Beatles e sua popularidade impressionante. A *Beatlemania* provocou uma nova onda de debate, que tendia a caracterizar as práticas dos fãs como histeria.

Também nas décadas de 1950 e 1960, a ficção científica teve seu florescimento como gênero literário e cinematográfico, à medida que respondia aos interesses do público na Guerra Fria e na corrida espacial. Segundo Duffet (2013), “a época trouxe uma avalanche de filmes sobre monstros, cientistas malucos e criaturas alienígenas que obtiveram seguidores dedicados e que se tornaram importantes objetos de nostalgia.”¹ (DUFFET, 2013. p. 9, tradução nossa²). Nos anos 1960, o autor também aponta a criação de duas séries de televisão que cristalizaram as preocupações da época e se tornaram marcos, tanto para a *sci-fi fan culture* quanto para os estudos acadêmicos sobre *fandom*: *Doctor Who* (1963-1989; 2005) e *Star Trek (Jornada nas Estrelas)*. (1966-1969).

Nos Estados Unidos, segundo Duffet (2013), “nos anos que seguiram o escândalo Watergate e o fim da guerra do Vietnam, a cultura popular ficou marcada por uma tensão niilista de crítica social”, um momento que expôs uma futilidade derivada “da crença em um sistema

¹ The era led to a spate of monster, mad scientist and alien creature films that acquired dedicated following and have become significant objects of nostalgia.

² Todas as traduções de citações de textos originais em inglês são de nossa autoria, a não ser quando notado.

sociopolítico imperfeito.”³ (DUFFET, 2013, p. 11) Já no Brasil, os anos 1970 e 1980 marcaram a chegada das telenovelas em grande escala, com sucessos como *Tieta* e *Roque Santeiro*, essa última que mantém até hoje o recorde de audiência (média de 74 pontos) e cuja personagem, Viúva Porcina, inspirou “fãs mais extremadas” a usar seus modelos de “pulseiras com berloques, os laçarotes no cabelo, as fitinhas e até os trejeitos” da personagem de Regina Duarte, de acordo com Mauro Alencar (2002). Para o autor, “[...] a partir de 1970, a novela vivia sua época de ouro, em que a Rede Globo de Televisão – mais do nunca, a Vênus Platinada – era uma verdadeira ‘Hollywood dos trópicos’” (ALENCAR, 2002, p. 61).

Os anos 1980 popularizaram também os aparelhos de vídeo cassete, que permitiram um tipo diferente de envolvimento do fã com os programas, uma vez que podiam gravá-los e assisti-los quando e quantas vezes quisessem (DUFFET, 2013, p. 12). Segundo Jenkins (2012), o gravador de vídeo cassete possibilitou que os consumidores tivessem o sinal de transmissão da TV mais sob seu controle e que montassem sua própria videoteca de conteúdo midiático. Já no fim dos anos 1980 e começo da década de 1990, “a cultura popular tornava-se uma atividade globalizada. O aumento de TVs a cabo e por satélite na Europa, por exemplo, permitiu que fãs tivessem acesso a produtos estrangeiros”⁴ (DUFFET, 2013, p. 12). No entanto, embora comunidades restritas de fãs pudessem gravar programas e compartilhar fitas cassete, as emissoras e empresas de distribuição ainda controlavam os meios de exibição de programas e filmes.

No fim da década de 1990 e início dos anos 2000, o surgimento da internet e a ampliação do acesso à conexão em banda larga “sinalizaram uma das mais rápidas e importantes mudanças na história da tecnologia da comunicação. Mídias diferentes – particularmente a televisão e a internet – gradualmente se alinharam em paralelo nas mãos de um público cada vez mais experiente”⁵ (DUFFET, 2013, p. 13). De fato, nas duas últimas décadas, o *fandom* tem sido frequentemente associado ao desenvolvimento tecnológico: Henry Jenkins defende, em *Cultura da convergência* (2009), que fãs sempre foram pioneiros no uso de novas tecnologias, de forma a

³ In the years that then followed the Watergate scandal and end of the Vietnam war, popular culture was imbued with a more nihilistic strain of social criticism. [...] a feeling of futility that stemmed from placing Faith in an imperfect sociopolitical system.

⁴ Popular culture was also becoming globalized as an activity. The spread of satellite and cable TV across Europe, for instance, allowed fans to access foreign products.

⁵ [...] signaled one of the most rapid and significant shifts in the history of communication technology. Different media – particularly television and the internet – gradually came into a kind of parallel alignment in the hands of an increasingly experienced audience.

explorar o *fandom* de seu interesse, divulgar seus trabalhos entre outros aficionados e tornar mais completa a experiência do entretenimento:

a fascinação pelos universos ficcionais muitas vezes inspira novas formas de produção cultural, de figurinos a fanzines e, hoje, de cinema digital. Os fãs são o segmento mais ativo do público das mídias, aquele que se recusa a simplesmente aceitar o que recebe, insistindo no direito de tornar-se um participante pleno. (JENKINS, 2009, p. 188)

Em *Textual Poachers* (1992), considerado hoje um dos primeiros e mais importantes trabalhos que abordam o *fandom* como objeto de estudo, Jenkins cunha o termo *cultura participativa*, que descreve exatamente a produção cultural de comunidades de *fandom*, a princípio como maneira de diferenciar as atividades de fãs das exercidas pelos outros espectadores: “os fãs deixam de ser somente público para textos populares; em vez disso, tornam-se participantes ativos na construção e circulação de significados textuais”⁶ (JENKINS, 1992, p.24).

Textual Poachers (1992) foi publicado em um momento em que os fãs eram ridicularizados pela mídia, empurrados para o *underground* por ameaças legais e constantemente taxados como escandalosos e inarticulados (JENKINS, 2006). Ser fã significava ter de tomar uma posição defensiva, e o trabalho de Jenkins foi um dos pioneiros ao oferecer um novo olhar sobre *fandom*, defendendo-o como um lugar de consumidores ativos, criativos e criticamente engajados.

Maria Lúcia Bandeira Vargas publica em 2005 no Brasil *O fenômeno da fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico*, também um dos primeiros estudos sobre o assunto realizados no país, em que a autora retoma as primeiras noções desenvolvidas por Jenkins na década de 1990 sobre o *fandom* como uma forma de resistência ao conteúdo midiático em circulação. Conforme a autora, os fãs que se dedicam a atividades relacionadas a seu objeto de admiração estão “rejeitando a ideia de que uma única e definitiva versão dele, produzida, autorizada e regulada pela indústria do entretenimento, [...] reivindicando, ainda que sem a criação de um manifesto a respeito, o direito de participar ativamente na cultura de seu tempo” (VARGAS, 2005, p.55 e 56).

⁶ [...] fans cease to be simply an audience for popular texts; instead, they become active participants in the construction and circulation of textual meanings.

Assim, *fandom* passava a significar mais que somente ser fã de um bem cultural: era defendido como uma estratégia coletiva, um grande esforço para formar comunidades interpretativas que evitassem os significados sugeridos pela indústria midiática (GRAY. et al., 2007). No entanto, embora alguns estudiosos ainda entendam o *fandom* como força de oposição contra a mídia comercial, segundo Duffet (2013), o *fandom* não escapa nem resiste ao mercado; o consumo, na verdade, facilita o acesso dos fãs a produtos midiáticos (DUFFET, 2013, p. 21).

De acordo com o próprio Jenkins, junto com Sam Ford e Joshua Green em um estudo mais recente, *Spreadable Media* (2013), não se trata apenas de resistência à indústria midiática, mas de um processo mais complexo. Ainda que a participação funcione como um meio de aumentar o envolvimento dos públicos, estes “não são meros peões para interesses comerciais ou elites políticas; suas identidades compartilhadas e sua capacidade de comunicação coletiva permitem que expressem seus interesses”⁷ (JENKINS et al., 2013, p. 165). Se antes era preciso defender o fã dos estereótipos de aficionado escandaloso e culturalmente ignorante, hoje sua participação é considerada parte normal da operação de mídia, e, por isso, exige que “as empresas repensem antigas suposições sobre o que significa consumir mídias [...]. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos” (JENKINS, 2009, p. 47).

O conceito de cultura participativa também evolui desde a publicação de *Textual Poachers* em 1992. Em *Spreadable Media* (JENKINS et al, 2013), a noção agora diz respeito a uma variedade de diferentes grupos que se dedicam à produção e distribuição de conteúdo midiático com o objetivo de servir a interesses coletivos. Esse movimento em direção a um modelo mais participativo de cultura reflete um público que deixa de ser somente consumidor de significados pré-estabelecidos, porque tem acesso às novas tecnologias, compartilha, modela e transforma conteúdo midiático de formas antes impensadas (JENKINS et al, 2013). Segundo os autores Jenkins, Ford e Green, diversos trabalhos sobre mídia têm relacionado considerações sobre *fandom* a um discurso mais amplo sobre participação na mídia:

estamos revisando o conceito de cultura participativa para refletir as realidades de um panorama midiático que mudou dramaticamente e ainda está em evolução. [...] Estamos deixando de focar na relação de oposição entre fãs e produtores como forma de resistência cultural para compreender que esses

⁷ But audiences are not simply pawns for commercial interests or political elites; their shared identities and collective communication capacity allow them to speak out about their perceived interests.

papéis estão entrelaçados de forma cada vez mais complexa entrelaçados.⁸ (JENKINS et al, 2013. p. 36-37)

A repaginação do conceito de cultura participativa também levanta a discussão sobre o que seria, de fato, participação *significativa* do público. Para alguns estudiosos, participação ativa e criação de conteúdo digital são realizadas por um número muito menor de usuários do que aqueles que apenas leem, assistem ou fazem download de conteúdo digital. No entanto, para Jenkins et al. (2013), ao considerar que as atividades que exigem mais habilidades de produção midiática sejam as únicas responsáveis pelo desenvolvimento da cultura participativa, corre-se o risco de reduzir outros tipos de participação (a avaliação e a recirculação de material, por exemplo) a simples consumo, sob outra denominação. Segundo os autores,

mesmo aqueles que estão “apenas” lendo, ouvindo, ou assistindo fazem-no de forma diferente em um mundo em que reconhecem seu potencial para contribuir com conversas sobre determinado conteúdo do que em um mundo onde não têm acesso à participação significativa.⁹ (JENKINS et al, 2013. p. 154-155)

Por essa perspectiva, de acordo com os autores, tais participantes, considerados mais passivos, aumentam o alcance do conteúdo midiático produzido e motivam sua criação e circulação. Sua atividade pode ser periférica em determinados grupos, mas pode crescer gradualmente e tornar-se mais relevante para a comunidade, à medida que suas práticas, vocabulário e organização se tornem mais familiares.

Diante desse cenário, a evolução da tecnologia da comunicação parece ser o grande facilitador da participação de uma variedade de grupos da mídia digital: “novas plataformas criam espaços para mudanças sociais, culturais, econômicas, legais e políticas, e oportunidades para diversidade e democratização [...]”¹⁰ (JENKINS et al., 2013, p. xiv). No entanto, é preciso ser cuidadoso ao estabelecer o papel da tecnologia diante do desenvolvimento de uma cultura com participação mais ativa do público. Os autores sugerem encarar o acesso à mídia digital não como a única razão para o surgimento de uma cultura participativa, mas como um “**catalisador**

⁸ [...] we are revising the concept of participatory culture to reflect the realities of a dramatically altered and still-evolving mediascape. [...] We are moving from focusing on the oppositional relationship between fans and producers as a form of cultural resistance to understanding those roles as increasingly and complexly intertwined.

⁹ [...] we argue that even those who are “just” reading, listening or watching do so differently in a world where they recognize their potential to contribute to broader conversations about that content than in a world where they are locked out of meaningful participation.

¹⁰ New platforms create openings for social, cultural, economic, legal, and political change e opportunities for diversity and democratization for which it is worth fighting.

para a reconceptualização de outros aspectos da cultura, o que exige repensar relações sociais e a participação cultural e política, revisar as expectativas econômicas, e reconfigurar as estruturas legais”¹¹ (JENKINS et al., 2013. p. 3, grifo nosso).

Para a indústria do entretenimento, isso passou a significar mudanças também nos padrões de propriedade. Se na primeira metade do século XX o foco de Hollywood era apenas o cinema, hoje os novos conglomerados, como a Warner Bros., por exemplo, produzem não só filmes, mas também vídeo games, websites, brinquedos, livros, revistas e uma infinidade de outros produtos oferecidos para o consumidor mais ativo.

A maneira de pensar a narrativa muda também diante da oportunidade de participação do consumidor: a *narrativa transmidiática* é uma estética que surge desse cenário e diz respeito à criação de um universo a que se pode ter acesso por meio de diferentes plataformas de mídia, cada uma contribuindo com um novo texto de maneira distinta e autônoma. Jenkins (2009), responsável por cunhar o termo, aponta o exemplo da franquia *Matrix*, cujos criadores, os irmãos Wachowski, uniram partes do mesmo universo em diferentes mídias num “todo atraente” (JENKINS, 2009. p 49). Segundo o autor, a narrativa transmidiática permite que o consumidor tenha

uma experiência plena num universo ficcional, [...] perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs em grupos de discussão on-line, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica (JENKINS, 2009. p. 49).

Entretanto, não é sempre que os grandes conglomerados da indústria midiática se esforçam para oferecer conteúdo que permita a participação do público. Embora essa forma mais participativa de consumo tenha se desenvolvido como um conceito dominante, as expectativas em torno dele podem se mostrar conflitantes: “as corporações imaginam a participação como algo que podem iniciar e parar, canalizar e redirecionar, transformar em mercadoria e vender. As proibicionistas estão tentando impedir a participação não autorizada [...]” (JENKINS, 2009, p. 235-236)

Um dos casos mais discutidos de tentativa de refrear práticas de fãs que não foram convidados a participar é o das chamadas *Guerras de Harry Potter*. Quando as atividades dos fãs

¹¹ [...] catalyst for reconceptualizing other aspects of culture, requiring the rethinking of social relations, the reimagining of cultural and political participation, the revision of economic expectations, and the reconfiguration of legal structures.

se tornaram mais amplas e públicas, a autora J. K. Rowling e a editora Scholastic, a princípio, assumiram uma posição de apoio às fanfictions, por exemplo, declarando que a produção das histórias baseadas em *Harry Potter* eram um modo de crianças e adolescentes começarem a encontrar sua própria identidade como escritores. Quando a Warner Bros. comprou os direitos de filmagem dos livros de Rowling em 2001, um novo regime de propriedade intelectual se instaurou: os estúdios encaravam as práticas de fãs online como infração da lei da marca registrada. “A Warner imaginou ter a obrigação legal de policiar os sites que surgiram em torno de suas propriedades” (JENKINS, 2009, p. 259).

Muitos dos sites criados por fãs do herói bruxo receberam notificações da Warner Bros. permitindo que continuassem a funcionar, mas reiterando que o estúdio ainda mantinha o direito de tirá-los do ar se encontrasse conteúdo “ofensivo ou inadequado” (JENKINS, 2009, p. 259). As ações da Warner causaram polêmica entre os fãs, e quando o conflito se intensificou com processos judiciais (de ambos os lados) e publicações na imprensa britânica, o estúdio admitiu que sua reação jurídica havia sido, segundo Diane Nelson, então vice-presidente sênior da Warner Bros. Family Entertainment, ingênua e resultado da falta de comunicação, porque não ainda não sabiam com o que estavam lidando ao tratar de *Harry Potter*. A partir de então, o estúdio passou a desenvolver uma atitude mais cooperativa para “envolver os fãs de *Harry Potter*, semelhante à que George Lucas procurou estabelecer com os fãs cineastas de *Guerra nas Estrelas*” (JENKINS, 2009, p. 261).

Contudo, a Lucasfilm também teve sua parcela de divergências com os aficionados e suas atividades na web. Embora a visão de George Lucas parecesse mais aberta às práticas do *fandom* de *Star Wars*, suas produções também eram controladas por uma série de regras: “Em 2000, a Lucasfilm ofereceu aos fãs de *Guerra nas Estrelas* espaço de graça na web (www.starwars.com) e conteúdo exclusivo para os seus sites, mas apenas sob a condição de que qualquer coisa que criassem se tornasse propriedade intelectual do estúdio” (JENKINS, 2009, p. 213). No mesmo ano, a Lucasfilm disponibilizou um site de hospedagem especial para filmes feitos por fãs de *Star Wars*, que fornecia arquivos de efeitos sonoros originais e realizava concursos com normas também definidas, como a proibição de trabalhos que expandissem o universo de Lucas e do uso de músicas ou vídeos protegidos por direitos autorais que não estivessem disponibilizados no site (JENKINS, 2009).

Segundo Tushnet (1997), a lei de direitos autorais sempre foi uma preocupação maior para corporações do que para cidadãos comuns. No entanto, diante da crescente participação do consumidor na reprodução e transformação de conteúdo midiático, a questão da propriedade intelectual está se tornando cada vez mais relevante para atividades rotineiras. Para a autora, o fato é que muitos problemas e discussões surgem da distribuição de documentos protegidos por direitos autorais e também da demora na atualização das leis em relação ao desenvolvimento tecnológico que permite que ela aconteça, o que faz de qualquer pessoa que navegue pela web um provável infrator.

Para Jenkins (2009), é cedo ainda para afirmar se as experiências com conteúdo gerado por fãs na internet irá influenciar a indústria do entretenimento:

por enquanto, as evidências são contraditórias: para cada franquia que estende a mão e corteja a base de fãs, existem outras que disparam notificações. À medida que confrontarmos a intersecção entre os estilos corporativo e alternativo, não devemos nos surpreender com o fato de que nem produtores nem consumidores sabem quais regras devem guiar suas interações; no entanto, ambos os lados parecem determinados a responsabilizar o outro por suas escolhas (JENKINS, 2009, p. 233-234).

Assim, ainda que as Guerras de Harry Potter e outras polêmicas em torno das atividades de fãs e propriedade intelectual provoquem discussões sobre o assunto, seguem em debate as questões sobre direitos autorais e a participação do público na circulação e transformação desses textos.

Para os próprios aficionados, a reflexão sobre seu lugar e suas atividades parece ser uma constante. De acordo com Fiesler (2007), a grande maioria os fãs têm consciência de que suas práticas são, na melhor das hipóteses, toleradas por autores e produtores de textos originais e pela indústria do entretenimento e de que seus trabalhos existem em uma zona legal nebulosa. Ao tratar de escritores de fanfiction, Fiesler (2007) aponta que os fãs preferem manter suas produções longe dos olhares de produtores e editores: “*fandoms* são comunidades extremamente unidas, e os membros se protegem entre si, operando sob uma série de diretrizes específicas que regulam suas práticas – suas próprias normas sociais”¹² (FIESLER, 2007, p. 746).

¹² Fandoms are extremely close-knit communities, and members protect themselves by operating under a specific set of self-regulating guidelines—their own social norms.

Se a noção de cultura participativa descreve atualmente um contexto midiático mais amplo do que o *fandom* como subcultura, o que diferencia as práticas de fãs das do consumidor comum (embora mais ativo) é, segundo Duffet (2013), seu investimento emocional. Fãs exercem outros papéis porque criam relações com seus heróis e entre si. Jenkins (2006), por sua vez, defende que as atividades dos fãs refletem sua habilidade de transformar reação pessoal em interação social, e que essa predisposição é uma das características centrais do *fandom*. “Para os fãs, o consumo naturalmente provoca produção, a leitura gera escrita, até que os termos pareçam logicamente inseparáveis...” (p. 41)¹³

De modo geral, os estudos sobre *fandom* ainda são relativamente recentes. No Brasil, grande parte dos trabalhos publicados envolvem fanfiction. Vargas (2011), por exemplo, defendeu sua tese de doutorado sobre *slash fanfiction*, isto é, narrativas criadas a partir do relacionamento homoerótico entre personagens do *fandom* de Harry Potter. Além disso, seu primeiro trabalho, publicado em 2005, abordou a escrita de fanfictions como experiência para futuros escritores profissionais, bem como as interações entre fãs nas comunidades de autores, revisores e tradutores dessas narrativas. Fora do país, Henry Jenkins segue como um dos grandes nomes entre teóricos da *media fan culture*, atualizando seus primeiros trabalhos e desenvolvendo novos conceitos, ao lado de outros autores como os citados Gray, Sandvoss e Harrington, Busse e Hellekson, e também Matt Hills (2002), que discutiu em seu livro *Fan Cultures* a relação entre *fandom* e a comunidade acadêmica, e Duffet (2013), também responsável por abordar os fãs de música pop.

Segundo o próprio Jenkins (2009), o desenvolvimento de uma cultura mais participativa, atrelado à recente convergência de mídias, deve ser visto como um “processo, e não um ponto final.” (p. 43) Portanto, seguem também em evolução os estudos teóricos sobre *fandom*, transparecendo assim o reconhecimento da atividade de diversas comunidades que espelham o desenvolvimento de uma cultura cada vez mais participativa.

¹³ For fans, consumption naturally sparks production, reading generates writing, until the terms seem logically inseparable...

2. Fanfiction e o *fandom* de Harry Potter

A história da fanfiction acompanha a evolução do *fandom*. Se nos anos 1970 e 1980 a troca de ideias entre fãs era sinônimo de convenções e fã-clubes, a fanfiction também ficava limitada aos *fanzines*, revistas independentes cujo alcance era praticamente restrito ao local de publicação. De fato, o aparecimento de histórias escritas por fãs, baseadas em obras ficcionais pré-existentes, data do final da década de 1960 com os *fanzines* de *Star Trek (Jornada nas estrelas)* e a publicação de narrativas por aficionados pela série de TV, que complementavam ou mudavam determinados pontos da história do programa original.

O advento da internet e, principalmente, a chegada da conexão perene, a chamada banda larga, possibilitou que o *fandom* se expandisse e eliminasse barreiras geográficas. A web também proporcionou, segundo Busse e Hellekson (2006), a criação de novas formas de interação leitor-autor e, para as autoras, “a história da fanfiction deixa claro que a tecnologia é cúmplice na geração de narrativas de fãs.”¹⁴ (p. 2) Atualmente, a maioria esmagadora de fanfictions, também chamadas de *fanfics* ou simplesmente *fics*, é publicada online, em sites com maior capacidade de hospedagem de histórias, não mais associadas somente à ficção científica e ao universo de *Star Trek*, mas às mais diversas comunidades na internet.

De acordo com Jenkins (2009), a fanfiction, como qualquer outra *fanart*, é produto da interseção entre o surgimento de novas tecnologias e a emergência da cultura participativa, conferindo ao consumidor e ao fã a possibilidade de participar ativamente na apropriação do texto precursor e em sua transformação. Segundo o autor, as atividades de recepção e produção de fãs ocorrem porque as narrativas populares não satisfazem, porque continuam a fascinar, e o fã se dedica então a articular sua voz no texto fonte. Para o autor, “se a mídia não nos fascinasse, não haveria o desejo de envolvimento com ela; mas se ela não nos frustrasse de alguma forma, não haveria o impulso de reescrevê-la e recriá-la.” (p. 329-330)

As fanfictions atestam o caráter performativo, e coletivo, da leitura de narrativas originais por parte dos fãs e revelam a disposição desses consumidores em transformar e divulgar o texto fonte, tornando-o *intertexto* – o intertexto, isto é, a presença de uma obra precursora na narrativa escrita pelo fã é condição necessária para que essas histórias sejam fanfictions por definição.

¹⁴ The history of fanfiction makes clear that technology is complicit in the generation of fan texts.

Mas, como quase todas as formas de criação dentro dos mais diversos *fandoms*, a existência das fanfictions também suscita discussões sobre direitos autorais e sobre a legitimidade dos chamados *transformative works* (obras transformativas), as atividades realizadas dentro do *fandom*. Segundo Tushnet (2007), as fanfictions são um “terceiro tipo de criação, que não são nem puras cópias da obra de um autor nem acréscimos autorizados que se faz ao original”¹⁵ e, por isso, faltaria a elas a autoridade dos textos oficiais. De acordo com a autora, é exatamente essa falta de oficialidade que lhes dá a liberdade indisponível ao *canon*,¹⁶ que precisa manter a consistência interna de sua narrativa. (p. 67)

Fãs buscam o reconhecimento do próprio *fandom* e não a atenção da mídia e dos autores dos originais, portanto, o intertexto é declarado: as fanfictions normalmente apresentam *disclaimers*, notas em que os fãs esclarecem de que universos se apropriaram para criar suas histórias, reconhecendo os autores do texto precursor como os criadores originais de personagens e tramas, emprestados para o desenvolvimento de suas fanfictions. Apesar dos *disclaimers* evidenciarem reflexão sobre seu lugar e sua prática, atualmente os fãs estão mais propícios a esperar que seus leitores entendam suas premissas básicas e a ignorar a nota de esclarecimento, partindo para a narrativa sem renúncias e introduções (TUSHNET, 2007).

Além do reconhecimento do *canon* como o texto autêntico que motiva a escrita de fanfictions, as histórias publicadas por fãs em plataforma digital ultrapassam o alcance que os escritores e produtores do original normalmente preveriam e expandem o horizonte da obra referencial. Logo, o *fandom* torna mais popular e mais amplo o universo que inspira suas atividades. Ainda assim, uma das razões pelas quais escritores de fanfiction preferem usar pseudônimos em vez de seus nomes verdadeiros é o fato de que suas histórias emprestam personagens, espaços e universos de textos protegidos por direitos autorais e, por isso, preferem se proteger sob uma identidade nova, publicando suas fanfictions sem se expor ao risco de enfrentar processos judiciais.

Curiosamente, no entanto, o plágio de fanfictions é extremamente mal visto dentro do *fandom*. A questão da autoria entre escritores de fanfictions se revela ainda mais controversa quando a história de um fã é copiada por outro, mesmo que se trate de uma única cena ou de uma tradução não autorizada. Segundo Sampaio (2013), ainda que se apropriem de narrativas originais

¹⁵ Fan texts are a third type of creation, neither pure copies of another author’s work nor authorized additions to the original.

¹⁶ Canon: no universo dos *fandoms*, o *cânone* se refere ao texto original.

para criar as suas próprias histórias, a ideia de ter a trama ou um personagem roubado por outro fã é ultrajante para a maioria dos leitores e autores de fanfiction, uma vez que costumam se dedicar à criação de suas narrativas com afinco. Visto que não há interesses financeiros na publicação dessas histórias, a moeda de troca dos fãs é o sucesso entre os leitores e a notoriedade dentro do *fandom*, portanto, ter as ideias roubadas por outro fã é, para a maioria dos autores de fanfictions, motivo suficiente para solicitar a exclusão do usuário plagiador do site de hospedagem.

Para Vargas (2011), no entanto, esse “mercado paralelo das letras” tem o sentido de “troca de informações carregadas de vivências afetivas.” (p. 31) De fato, a interação entre os fãs aparece como inerente à escrita de fanfictions, e a grande maioria dos sites permite que o usuário colecionasse suas histórias favoritas, deixe comentários para os autores, ofereça serviços de revisão e tradução e discuta as questões mais intrigantes do *fandom*, o que faz dessas páginas na internet um lugar de convívio de pessoas com o interesse comum de explorar suas narrativas preferidas.

Ainda segundo a autora,

A prática da *fanfiction* nada mais é do que um modo bastante particular e eficiente, engendrado pelos fãs, de penetrar no universo ficcional apreciado por eles e torná-lo seu, apropriar-se daquilo que lhes é muito caro do ponto de vista afetivo e promover modificações da trama, ainda que num universo privado, ou mesmo “impedir” o encerramento das obras, continuando-as para muito além do ponto final decidido pelo autor. (VARGAS, 2011. p. 17)

Esse elemento *work in progress*, de evolução contínua e mudança constante das fanfiction e dos universos que as inspiram, é apontado por Busse e Hellekson (2006): muitas narrativas são criadas ou transformadas por vários fãs com interesses em comum; os *beta readers*¹⁷ revisam a forma e o conteúdo das histórias, alguns autores as reformulam de acordo com os comentários que recebem, outros as escrevem em conjunto ou as traduzem para o seu idioma. Quando publicadas, as fanfictions passam a ser “trabalho em andamento” *entre os leitores*, e dão margem para seu envolvimento com a história, para a interação com os escritores, e para feedback positivo ou negativo.

¹⁷ Beta reader: revisor não profissional que auxilia autores de fanfiction a melhorar seu texto em termos formais e também com sugestões para aprimorar a história, a apresentação dos personagens ou do contexto.

É possível, ainda, pensar toda a soma dos textos dos fãs como um “trabalho em andamento”:

a totalidade das histórias e de comentários críticos em um *fandom* (ou até mesmo em *shippers*¹⁸ ou gêneros) oferece versões dos personagens que sempre crescem e sempre se expandem. Essas milhares de interpretações de personagens e de cenas do canon são por vezes contraditórias, ainda que complementares, entre si e também em relação ao texto fonte. [...] Esse quadro de variações é um trabalho em andamento na medida em que permanece aberto e cresce constantemente; toda adição nova muda o conjunto de interpretações. Ao observar a soma das narrativas de fãs como um todo, nota-se claramente que a compreensão do original é sempre filtrada pelas interpretações e caracterizações já existentes no *fandom*.¹⁹ (BUSSE, K.; HELLEKSON, K., 2006, p. 6-7)

A linguagem encontrada nas fanfictions também é pautada pela totalidade dos textos já existentes produzidos pelo *fandom* em determinado idioma. De acordo com Murakami (2010), os escritores mais experientes e as narrativas consolidadas como favoritas na comunidade determinam preferências na construção do texto. Fanfictions em formato de roteiro, por exemplo, costumam ser criticadas porque revelariam certa “preguiça de narrar” por parte do fã, e abreviações comuns em chats na internet, como “vc” e “tb”, também são rechaçadas. As abreviações, no entanto, são aceitas nas notas dos autores que, além de separadas visualmente do corpo da narrativa, no início ou ao final dos capítulos, são escritas de forma que se aproximem da oralidade, já que o suporte digital media a interação entre fãs e as notas funcionam como um meio de comunicação informal entre escritores e leitores de fanfictions. Também é muito comum o uso de empréstimos do inglês nos sites de publicação de fanfictions por parte de leitores e escritores brasileiros, como *review* (comentário deixado pelos leitores), *shipper* e *canon*, por exemplo.

¹⁸ Shipper: abreviação de *relationship*, do inglês, *relacionamento*, refere-se aos pares de personagens do *fandom*, presentes ou não no original, como Han Solo e a Princesa Leia, de Star Wars, ou, no caso das fanfictions de *Star Trek*, Kirk e Spock.

¹⁹ the entirety of stories and critical commentary written in a fandom (or even in a pairing or genre), offers an ever-growing, ever-expanding version of the characters. These multitudes of interpretations of characters and canon scenes are often contradictory yet complementary to one another and the source text. [...] This canvas of variations is a work in progress insofar as it remains open and is constantly increasing; every new addition changes the entirety of interpretations. By looking at the combined fantext, it becomes obvious how fans’ understanding of the source is always already filtered through the interpretations and characterizations existing in the fantext.

Segundo Murakami (2010), “uma escrita diferente, com uso da função poética, também é elogiada, ainda que não seja necessária. A adição de elementos externos à narrativa original, como fatos do cotidiano, expressões e gírias, também pode ser valorizada”. Embora os fãs de Harry Potter no Brasil, por exemplo, prezem por textos polidos e revisados por *beta-readers*, não é comum encontrar construções estilísticas que visem à singularidade literária ou à desautomatização da leitura. A linguagem encontrada nas publicações desses fãs se aproxima da literatura de consumo mais fácil, e a inovação dessas narrativas está mais atrelada à fabulação, isto é, à criação de personagens, cenários e tramas a partir da obra original, do que à linguagem. Isso certamente atrai mais acessos às fanfictions publicadas, uma vez que grande parte dos usuários de sites de hospedagem de fanfiction são leitores jovens, geralmente fãs de obras de leitura descomplicada e de personagens com os quais se identificam.

As reinterpretações do original também estão sujeitas às releituras pré-existentes e validadas pelo *fandom*, aparecendo nas mais variadas formas. Em 1992, Jenkins listou dez formas de reescrita do material fonte, a partir de suas pesquisas sobre fanfiction baseadas em *Star Trek*:

1. Recontextualização: pequenas histórias que preenchem lacunas e adicionam explicações para determinadas cenas do original;
2. Expansão da linha do tempo: uma vez que a maioria dos textos originais oferecem sugestões e pistas sobre o que aconteceu antes e o que veio depois da cronologia central, as fanfictions podem ampliar o tempo do universo da narrativa;
3. Refocalização: destaque de personagem secundário no original;
4. Realinhamento moral: inversão do universo moral do texto primário;
5. Mudança de gênero: a releitura do original com ênfase em gênero diferente, como foco no romance entre personagens em vez de drama ou aventura que caracterizasse a trama dominante;
6. *Cross Overs*: a travessia da fronteira entre os universos, isto é, histórias que misturam *fandoms* diferentes, como Senhor do Anéis e Harry Potter, por exemplo;
7. Deslocamento de personagem: personagens originais que ganham nomes e identidades diferentes das postas pelo texto original;
8. Personalização: fanfictions em que o autor se coloca como personagem da história e participa ativamente dos acontecimentos da narrativa;
9. Intensificação emocional: ênfase nos momentos de crise da narrativa primária;
10. Erotização: exploração da dimensão erótica das vidas dos personagens originais. (p. 165-179)

É possível encontrar várias dessas formas de reinterpretação do original na mesma fanfiction, como o foco em personagem secundário em uma narrativa *Cross Over* de gênero suspense, por exemplo. Ainda dentro da categoria gênero, é possível observar muitas variações,

como aventura, amizade, fantasia, drama, *angst* (gênero em que predomina o tormento emocional de personagens, que podem sofrer por medo ou angústia), *hurt/comfort* (associado a dor física e/ou emocional de um personagem, geralmente confortado por outro), paródia, romance, dentre outros já identificados e afirmados, bem como gêneros que podem ainda ser atualizados e reconhecidos como novos de acordo com o desenvolvimento das narrativas.

Há também as fanfictions de *universo alternativo*, histórias que transportam os personagens originais para outro contexto, muito populares nos mais diversos *fandoms*. Jenkins (2006) reconhece o universo alternativo nessas histórias em *Fans, Bloggers and Gamers*, e afirma que a abordagem “liberta os escritores [...] para produzir histórias que reflitam visões mais diversificadas de relações humanas e mundos futuros, para reescrever elementos dos textos primários que bloqueiam os interesses dos fãs.”²⁰ (p. 57)

Para a escritora brasileira de fanfictions Silverghost (2014), autora de uma das narrativas analisadas neste trabalho, os universos alternativos permitem

um espaço maior de criação, de experimentação. É uma boa forma de exercitar a escrita e ter um feedback dos leitores, uma excelente ferramenta para quem quer se aventurar a ser escritor de histórias originais. Os personagens não são necessariamente seus, mas você inventou o mundo, o cenário, experimentou com eles e aprendeu mais com isso. (SILVERGHOST, 2004)

A possibilidade de alterar e ressignificar pontos importantes da narrativa original, no entanto, levanta a questão do limite da criação da fanfiction e da fidelidade ao texto que motiva sua publicação. Muitas histórias hospedadas na internet com universos alternativos têm recepção positiva e inúmeros comentários e cliques como favoritas, mesmo que transformem completamente o contexto original. Para Jenkins (2006), “o que determina a extensão de narrativas permissíveis não é a fidelidade aos textos originais, mas o consenso dentro da própria comunidade de fãs”.²¹ (p. 56) Assim, a “fidelidade” da fanfiction está, na verdade, menos associada ao texto primário e mais ao que o *fandom* legitima como releitura possível e às interpretações já existentes do original. Conforme o autor, mesmo as fanfictions com universos alternativos se esforçam para manter alguma consistência com a narrativa original e estabelecer algum ponto de contato com os interesses do *fandom* (JENKINS, 2006, p. 57).

²⁰ [...] frees the writers to [...] produce stories that reflect more diverse visions of human interrelationships and future worlds, to overwrite elements within the primary texts that hinder fan interests.

²¹ What determines the range of permissible fan narratives is finally not fidelity to the original texts but consensus within the fan community itself.

Outro subgênero encontrado nas narrativas dos fãs são as fanfictions *slash*, que apresentam relação homossexual e/ou homoerótica entre personagens. O termo foi cunhado pela primeira vez para descrever histórias com os personagens Capitão Kirk e Spock, de *Star Trek*, abreviado para Kirk/Spock (*Kirk-slash-Spock*), e depois para apenas *slash*.²² Originalmente, o subgênero era restrito a histórias com personagens masculinos envolvidos em relação sexual explícita, mas atualmente abarca qualquer fanfiction ou *fanart* que tenha a homossexualidade como tema, embora seja comum o termo *femslash* ou *femmeslash* para narrativas com relações entre mulheres.

Segundo Jenkins (2006), *slash* é considerado um dos gêneros mais difundidos na escrita da fanfiction, e seus parâmetros estão sob debate constante. De acordo com o autor, o que os fãs gostam no *slash* é “a sensação de criar sua própria cultura, de participar no surgimento de um gênero novo, que expressa melhor suas visões e fantasias sociais”²³ (p. 86). Uma das questões mais discutidas sobre o gênero é o fato de que, desde o surgimento do *slash*, grande parte dos autores de histórias entre dois homens são mulheres, e uma das razões que justificaria seu envolvimento com o gênero, apontada por Vargas (2011), é

a compreensão de que a fantasia sexual de ver dois homens fazendo sexo é atraente para as mulheres da mesma forma que o oposto é atraente para os homens, e de que esse seria o principal motivo de as autoras se apropriarem de personagens que consideram atraentes para a criação de textos que, se não fosse pelas suas mãos, dificilmente se encontrariam disponíveis para a leitura. (p. 163)

A autora afirma, portanto, que as vozes femininas presentes nessas histórias refletem seu interesse em “construir caminhos que possivelmente não tenham encontrado na literatura comercializada” (p.164). Já nos trabalhos de Jenkins (2006), outro motivo observado é a identificação com o herói e com o personagem secundário mais próximo, seja ele o melhor amigo ou seu adversário, porque os papéis femininos são por vezes estereotipados ou pequenos, sem expressão significativa, o que levaria as autoras a desenvolver sua narrativa sem a presença de personagens femininas nas cenas românticas ou eróticas.

De fato, fanfiction *slash* pode chegar onde a história original jamais poderia: o personagem Dumbledore, por exemplo, causou alvoroço no *fandom* de Harry Potter quando

²² *Slash*, caractere do inglês, *barra*, como em Kirk-barra-Spock (Kirk/Spock)

²³ What many slash fans enjoy is the sense of creating their own culture, of participating in the emergence of a new genre that more perfectly expresses their own social visions and fantasies.

Rowling afirmou em uma entrevista que o diretor de Hogwarts era gay. A revelação inspirou muitos fãs e deu margem para que novas histórias sobre Dumbledore se desdobrassem na internet. Para Tosenberger (2008), as respostas dos fãs são um recurso inestimável para avaliar as últimas implicações da revelação do personagem como homossexual. No *slash*, a sexualidade de Dumbledore teve potencial para alcançar expressão muito maior do que Rowling pretendia nos livros. (p. 204)

Entretanto, o gênero nem sempre foi bem recebido: se a fanfiction já costuma ser considerada uso não autorizado de personagens originais, o *slash* é “marginalizado por sua releitura ímpar – leia-se homossexual – do cânone”, até mesmo por algumas comunidades dentro do próprio *fandom* (VARGAS, 2011, p. 46). O maior site de hospedagem de fanfictions na internet, o Fanfiction.net, proibiu em 2002 a publicação de fanfiction *slash* e NC17 (para maiores de 17 anos), e a decisão “teria sido motivada pela pressão dos detentores dos direitos autorais dos originais que servem de base para esse tipo de fanfiction, com o objetivo de evitar retaliações judiciais” (VARGAS, 2011, p. 39). No entanto, dentre as fanfiction mais populares de Harry Potter no site, por exemplo, estão dezenas de histórias *slash*, bem como histórias com conteúdo explícito, inadequado para menores de dezessete anos. O site depende de denúncias dos próprios usuários para retirar do ar as narrativas que desrespeitem suas regras, o que raramente acontece quando a fanfiction recebe feedback positivo do *fandom*.

Ainda assim, o Fanfiction.net figura entre os sites de hospedagem mais populares na internet: criada em 1998 pelo programador Xing Li, a página armazena histórias em mais de trinta idiomas e abriga narrativas baseadas nos mais diversos *fandoms*, sejam eles sobre livros, filmes, quadrinhos, anime, e até mesmo as *Cross Overs*, que interligam universos diferentes. No Brasil, destaca-se o Nyah! Fanfiction, criado em novembro de 2005, que hospeda fanfictions apenas em português e ainda oferece dicas de gramática para os autores que queiram aperfeiçoar sua escrita, bem como uma “liga de betas”, revisores disponíveis para os usuários do site.

Nos dois exemplos mencionados, alguns *fandoms* se sobressaem em termos de número de narrativas que os exploram em seu desenvolvimento, como o anime *Naruto*, baseado nos mangás de Masashi Kishimoto, a saga *Crepúsculo*, de Stephanie Meyer, e o seriado *Supernatural*, de Eric Kripke. Mas, mesmo depois da publicação do último livro e do lançamento da última adaptação para o cinema, a série Harry Potter segue como o universo mais explorado pelos fãs nos sites de fanfiction. No início de 2015, o Fanfiction.net contava com mais de 700 mil histórias publicadas

sobre Harry Potter, mais de 22 mil somente em português. O Nyah conta com mais de 11 mil histórias sobre o *fandom*, e tem-se ainda sites dedicados apenas ao universo potteriano, como o Floreios e Borrões, associado ao Potterish, o site brasileiro oficial sobre Harry Potter, também com mais de 25 mil histórias hospedadas.

Desse modo, Harry Potter ainda permanece uma franquia de sucesso entre leitores e espectadores pelo mundo. A história do garoto que vivia em um armário sob a escada, escrita pela britânica J.K. Rowling, já foi traduzida para mais de 70 idiomas. A série de livros vendeu mais de 400 milhões de exemplares em mais de 200 territórios no mundo (ANELLI, 2008). Segundo o site oficial de Rowling, só o último livro da saga, *Harry Potter and the Deathly Hallows*, vendeu mais de 8 milhões de cópias só nas primeiras 24 horas de sua publicação e mais de 11 milhões nos primeiros dez dias (ROWLING, s.d.).

De acordo com os números publicados pelo Potterish,²⁴ o site oficial sobre Harry Potter no Brasil, a editora britânica Bloomsbury, responsável pela publicação da série desde o primeiro livro lançado em 1991, fechou o ano de 2007 batendo recorde de lucro (cerca de 34 milhões de dólares, contra os 10 milhões de 2006) graças, em grande parte, às vendas do sétimo livro de Harry Potter, que marcou o fim da jornada do bruxo. E a Scholastic, editora americana, vendeu mais de “8,3 milhões de exemplares do livro nas primeiras 24 horas, batendo recorde de vendas e superando o antecessor, *Harry Potter e o enigma do príncipe*, que vendeu 6,9 milhões de exemplares no mesmo período”, segundo o site G1. (2007)

Os filmes também conquistaram sua parcela de sucesso. Segundo a revista Veja (2011), os sete primeiros filmes converteram Harry Potter na franquia cinematográfica mais lucrativa da história, rendendo 6,4 bilhões de dólares e ultrapassando assim as adaptações de *James Bond* e a série de filmes *Star Wars* de George Lucas. O primeiro longa, *Harry Potter e a pedra filosofal*, que chegou aos cinemas em 2001, foi o de maior bilheteria, com quase um bilhão de dólares. Ainda segundo a revista, o universo de Harry Potter também deu origem a uma infinidade de produtos derivados, como videogames, doces, roupas e brinquedos, que geram rendas calculadas em pelo menos um bilhão de dólares anuais.

Rowling criou ainda em parceria com a Sony o *Pottermore*, website que disponibiliza novos textos da autora e permite que o usuário explore cenas importantes da saga Harry Potter e conheça ainda mais poções e feitiços, de modo que a experiência no mundo bruxo continue para

²⁴ Disponíveis em <http://fanzone.potterish.com/geral/harry-potter-em-numeros/livros>

os fãs. No Brasil, o Potterish foi e ainda é o site de maior expressão para os fãs brasileiros. A página tornou-se um lugar para trocar informações não só sobre os livros, mas também sobre a autora, sobre seus novos romances publicados, atores e diretores dos filmes e uma infinidade de notícias relacionadas ao universo de Harry Potter, além do próprio site de hospedagem de fanfictions e um dicionário com palavras do universo potteriano. O website teve mais de oito mil publicações de outubro de 2003 a julho de 2013, e, segundo dados do ano de 2010, o *Potterish* já contou com mais de 100 mil usuários cadastrados e 540 mil visitas por mês, evidenciando assim a parcela do *fandom* brasileiro de Harry Potter online.

Um *fandom* tamanho suscita a busca por respostas aos porquês de tanto sucesso. Em um artigo para a Super Interessante, Luís Augusto Fischer (2004) listou os setes segredos de Harry Potter que explicariam os recordes de vendas, entre eles estratégias mercadológicas, como o lançamento espaçado dos livros, cujo herói, que cresceu no mesmo passo que os fãs, levou até o último volume o suspense sobre o desfecho de sua saga. Outra razão proposta por Fischer (2004), contudo, seria a realidade fantástica dos livros e a jornada do herói. De fato, a narrativa, apesar de extensa, guarda muitas semelhanças com os contos de fadas, como realização existencial do herói, a superação de obstáculos e a vitória sobre o mal.

Pioner (2013), em *Only for Children? Reevaluating Harry Potter*, analisou o segundo livro da saga, *Harry Potter and the Chamber of Secrets*, e encontrou nele todas as funções dos contos de fadas descritas por Propp (1984) em *Morfologia do conto maravilhoso*, como a proibição imposta ao herói, a transgressão da proibição, e ao final o combate direto entre o herói e seu antagonista e a derrota do antagonista, por exemplo, embora nem todas aparecessem na ordem proposta pelo autor no livro de Rowling. Ao considerar a série Harry Potter como uma sequência de sete (longos) contos de fada, as possibilidades de criação das fanfictions sobre o universo de Rowling tornam-se ilimitadas. Além dos recursos listados por Jenkins, seria possível inverter os papéis e os atributos de personagens, desconstruir a macroestrutura do conto de fadas e, com isso, singularizar o texto novo, a partir da transformação do intertexto.

Para as autoras das fanfiction interpretadas neste trabalho, um denominador comum justifica seu envolvimento com o *fandom* do herói bruxo: fascinadas pela série, procuravam notícias sobre os livros e sobre os filmes na internet e acabaram encontrando o universo das fanfictions. Amy Lupin descreve como foi seu encontro com o *fandom* de Harry Potter online:

Foi uma descoberta que me deixou eufórica, eu não imaginava que era possível 'brincar' assim com os personagens e as diversas possibilidades do universo de HP sem infringir alguma lei ou coisa do tipo. A liberdade que se tinha para reviver personagens e reescrever acontecimentos de diversas maneiras era irresistível! Comecei a devorar fic atrás de fic, insaciavelmente. A espera pelos livros era longa e as fanfictions ajudavam a preencher um pouco do tempo entre uma publicação e outra. O fato de o fandom reunir diversas pessoas com os mesmos interesses também logo proporcionou novos relacionamentos e até amizades! Comecei a participar de grupos, desafios e discussões, de modo que o universo de HP parecia ser real e os personagens mais vivos do que nunca. Tentei expandir para outros fandoms, mas em minha opinião nenhum é tão rico quanto o de HP (LUPIN, 2014).

Silverghost (2014) também explica seu engajamento com as fanfiction quando começou a ler Harry Potter e ficou “com gosto de quero mais, começando a pesquisar pela internet... Envolvi-me com o fandom quando comecei a escrever fanfics.”. Mila B. (2015), também autora de uma das fanfictions interpretadas neste trabalho, diz que “foi amor à primeira leitura, depois disso não parava de ler e, eventualmente, decidi me arriscar a escrever, pela vontade de também brincar com os personagens que eu tanto gostava [sic]”.

Contudo, depois de colecionar tantos números impressionantes, é natural que o interesse pelo *fandom* de Harry Potter diminua, uma vez que oito anos se passaram desde a publicação do volume final em 2007, e quatro anos desde o oitavo filme, produzido em 2011. Segundo Amy Lupin, que já foi usuária ativa do Fanfiction.net, “o período de glória do fandom já ficou no passado, as pessoas estão seguindo com suas vidas e partindo para outros fandoms agora que a série terminou. Já não há mais livros para se esperar, a história oficial terminou e os próprios fãs já não são os mesmos.” No entanto, a autora afirma que ainda volta ao *fandom* todas as vezes em que encontra informações inéditas sobre personagens da série. Para ela, ainda “haverá sempre novas gerações de leitores, novos fãs para manter o fandom vivo” (LUPIN, 2014).

Silverghost, apesar de ter se afastado do *fandom* há algum tempo, acredita que “o fenômeno Harry Potter ainda tem bastante fôlego. Considerando que a Rowling já disse que vai escrever mais livros e que já há previsão de novos filmes, ainda haverá muita fanfic e muita empolgação dos fãs” (SILVERGHOST, 2014). Já Mila B., também autora de uma das histórias representativas escolhidas para análise, acredita que o *fandom* “vai perdendo a força, conforme aquela ‘época de ouro’ de Harry Potter fica para trás. [...] No fundo, acredito que se tornará um fandom morto, o que é uma pena” (MILA B., 2015).

Ao contrário do que afirma Mila B., mesmo com menor volume de publicações e com o bruxinho fora dos holofotes, a escrita de fanfiction vem sobrevivendo no *fandom* potteriano, ao menos por enquanto: somente entre janeiro e fevereiro de 2015, mais de cem histórias em português sobre o *fandom* foram publicadas ou atualizadas no Fanfiction.net, e as narrativas sobre Harry Potter postadas em todos os idiomas nesse período somaram mais de 2600 publicações. Em razão do volume de histórias e a importância do *fandom* no Brasil, bem como o número expressivo de histórias em português no site Fanfiction.net, o próximo capítulo apresentará a análise de três histórias representativas do *fandom* potteriano brasileiro, de maneira a evidenciar as características mais comuns de seu desenvolvimento.

3. Fanfictions sobre Harry Potter no Brasil: análise de três histórias representativas

O site de hospedagem do corpus escolhido foi Fanfiction.net em razão do volume de histórias publicado na página em português sobre a série Harry Potter e da facilidade de acesso do usuário às fanfictions e de oportunidade para interação entre autores e leitores.²⁵ Os seguintes filtros foram selecionados no site antes da escolha do corpus: *histórias completas*, escritas em português, com *mais de dez mil palavras*, número estabelecido como mínimo para que as histórias tivessem desenvolvimento significativo, e não apenas descrição de cenas curtas. O filtro permaneceu aberto a todas as classificações de faixa etária e todos os gêneros, mas os resultados foram classificados de acordo com o número maior de *reviews*, isto é, o número de comentários deixados por leitores da história, que em grande parte refletem recepção positiva e maior participação dos leitores em discussões sobre personagens e tramas fomentadas no *fandom*. Foram descartadas traduções brasileiras de fanfictions escritas originalmente em outro idioma. Até março de 2015, todas as primeiras 25 narrativas selecionadas pelos filtros foram escritas por autores brasileiros.

Verificou-se que as primeiras histórias a aparecer são, na grande maioria, fanfictions com universos alternativos ao da série original, como *República Evans* (2007-2010), de Carol Lair, *The Darkness Within* (2007-2010), de Fabrielle, e *Os mistérios de Londres* (2004-2005), de Silverghost, por exemplo, além de *Green Eyes* (2005-2007), de Amy Lupin, e *Era uma vez em Veneza* (2011-2012), de Mila B., que não só apresentam contextos diferentes ao da série original de Rowling, mas também são classificadas como fanfictions *slash*. O subgênero também aparece nas fanfictions *A soma de todos os medos* (2008-2011), de Dark K. Sly, *O pequeno Lord* (2008-2012), de Tassy Riddle, e *Good Riddance* (2010-2011) também da autora Mila B.

Além disso, figuram narrativas que ampliam a linha do tempo do original, como *Mais que um Granger* (2005-2012), de FerPotter, *Letra Marota* (2004-2007), de Manoela Wood, e a saga *Hades*, também da autora Silverghost: *Hades: a última guardiã* (2004) e *Hades: às portas do inferno* (2004). Outras histórias, incluindo algumas já citadas, apresentam protagonistas que são

²⁵ Embora o site Floreios e Borrões tenha um banco de histórias mais extenso que o arquivo em português do Fanfiction.net, a interação entre autores e leitores e o acesso por meio de dispositivos móveis e aos rankings de fanfictions mais lidas são restritos apenas aos usuários VIPs, que fizeram doação ao site.

personagens secundários nos livros, como *Para Lillian Evans* (2005-2015), de Ayame N. Yukane, e *Os Segredos de Vinginia Weasley* (2005-2007), de Gisele Weasley.

Foram escolhidas três histórias, dentre as 25 primeiras que aparecem com os filtros selecionados, que apresentam mecanismos de reinterpretação do original mais recorrentes no desenvolvimento dessas fanfictions: **universo alternativo**, com frequência atrelado ao subgênero *slash*, **foco em personagem secundário**; e **extensão da linha do tempo**. São elas: *Hades: às portas do inferno* (2004), de Silverghost, *Green Eyes* (2005-2007), de Amy Lupin, e *Era uma vez em Veneza* (2011-2012), de Mila B.

3.1. *Hades: às portas do inferno* (2004)

A fanfiction analisada a seguir foi escrita por uma autora que escolheu Silverghost como pseudônimo. Dentre muitas histórias escritas por ela sobre *fandoms* diversos, uma delas, sobre Harry Potter, se destaca pelo número de comentários e pela extensão de sua narrativa. Intitulada *Hades: às portas do inferno*, sua fanfiction tem 44 capítulos e mais de 145 mil palavras, recebeu quase 600 comentários de leitores e é a favorita para mais de 130 usuários cadastrados no site em um universo total de pouco mais de 2 milhões em todo o mundo. *Hades: às portas do inferno* sucede outra história menor, *Hades: a última guardiã*, que tem 35 capítulos e quase 90 mil palavras. Esta recebeu 150 comentários e está entre as favoritas de 140 usuários.

As duas histórias, publicadas entre fevereiro e setembro de 2004, tratam de um período anterior ao explorado nos volumes originais, correspondente à década de 1970 e início de 1980 na cronologia de Rowling. As fanfictions abordam, então, a guerra que antecedeu a morte dos pais de Harry Potter e a época em que o herói passou a morar com os tios em Surrey, já nos anos 1980 e 1990. Assim, *Hades: às portas do inferno* e sua antecessora foram desenvolvidas como uma proposta para suprir a falta de informações sobre esse período do universo de Harry Potter, isto é, a passagem dos pais e do padrinho do bruxo por Hogwarts e os desafios que enfrentaram com a primeira ascensão de Voldemort, de modo a detalhar o que esses personagens teriam vivido antes mesmo que Harry nascesse, estendendo a linha do tempo para o passado.

Segundo a série de Rowling, os chamados “Anos de Terror”, na década de 1970, correspondem ao período em que Voldemort passou a reunir seguidores, e, à medida que sua influência crescia e suas ideias sobre supremacia bruxa conseguiam mais adeptos, multiplicavam-se assassinatos, torturas e desaparecimentos de “trouxas”, os humanos não mágicos (ROWLING, 2000b). Essa época foi também o tempo em que Lily Evans e James Potter, os pais do herói de Rowling, frequentaram a escola de magia e bruxaria de Hogwarts, considerado um dos lugares mais seguros para se estar durante esse tempo. Poucos anos depois de sua formatura, Lily e James se casam e têm um filho, Harry Potter, e escolhem como padrinho da criança Sirius Black.

Nessa época também chega aos ouvidos de Voldemort uma profecia cujo conteúdo revelava que uma criança que nasceria no final de julho de 1980 seria capaz de finalmente derrotá-lo. Embora Neville Longbottom também tivesse nascido no fim de julho, Voldemort escolhe Harry como o garoto que poderia vencê-lo. Sabendo que o Lorde das Trevas estava em

seu encaicho, Lily e James Potter decidem realizar o *Fidelius Charm* para se proteger, um feitiço complexo que esconderia sua localização, guardada com apenas uma pessoa. A princípio, James e Lily escolhem Sirius como o guardião de seu segredo, mas, convencidos pelo próprio Black, decidem por Peter Pettigrew, também seu amigo de longa data, às vésperas da realização do feitiço. Peter, espião de Voldemort, trai o segredo dos Potter e entrega a família ao vilão.

Em 31 de outubro de 1981, Voldemort assassina James Potter, e tenta poupar Lily Evans da morte, mas ela se recusa a se salvar e deixar Harry desprotegido. Pelo fato de Lily escolher morrer pelo filho, o feitiço lançado por Voldemort para matar o bebê se volta contra ele, e sua derrota o deixa muito fraco, adiando sua volta ao poder nos anos 1990 (ROWLING, 1999, p. 177).

Após a morte dos Potter, Sirius procura Pettigrew para se vingar de seu traidor, mas, no encontro, Peter causa uma grande explosão na rua, matando dezenas de trouxas e fugindo rapidamente, fazendo parecer que Sirius havia sido responsável pela explosão, por sua própria morte e por entregar a localização dos Potter a Voldemort. Sirius Black é condenado à prisão perpétua em Azkaban, e Harry, com pouco mais de um ano de idade, é levado por Dumbledore até a casa de número 4 em Privet Drive e fica sob os cuidados dos tios até os onze anos, quando parte para estudar em Hogwarts (ROWLING, 1999).

Todos esses acontecimentos são relatados de maneira secundária por personagens como Dumbledore, Remus Lupin e o próprio Sirius Black a Harry Potter durante a série, mas os detalhes do que de fato vivenciaram nesse período, desde a formação dos pais de Harry em Hogwarts até seu assassinato, ficaram por conta da imaginação dos fãs.

Segundo Silverghost, não saber o que aconteceu entre os episódios desse período pontuados por Rowling justifica a escrita das histórias: “[...] eu sempre senti um leve vazio sobre a vida deles do tempo em que terminaram Hogwarts até a morte dos Potter e há ainda muita coisa nebulosa. Então essa fic é uma tentativa de resolver alguns desses mistérios e até, de certa maneira, colocar mais lenha na fogueira” (SILVERGHOST, 2004). Em resposta às razões que a levaram escolher esse período da cronologia, a autora afirma ainda que esse tempo na série despertava a curiosidade e oferecia mais espaço para criação própria:

Eu tive dois motivos para isso [escolher os anos 1970 e 1980]. Primeiro, porque sendo um período que era explicado de forma apenas tangencial pela autora, eu teria mais liberdade de criação com os personagens. Segundo, porque eu me

sentia muito curiosa em relação aos personagens - a questão da amizade dos marauders [os marotos] e da traição do Peter, isso mexia com a minha imaginação, fazia com que eu ficasse criando teorias em cima de teorias... foi aí que comecei a escrever. (SILVERGHOST, 2014)

De maneira a facilitar a compreensão de *Hades: às portas do inferno*, vale apresentar uma sinopse breve da fanfiction que a precede. A primeira história do que Silverghost chama de “saga *Hades*” trata do período escolar dos pais de Harry Potter. Lily Evans está em seu sexto ano em Hogwarts, e tem sonhos estranhos que a fazem sonambular e andar pelo castelo à noite. A garota passa a pesquisar sobre os eventos que vê em seus sonhos e as menções à Antiga Magia, e descobre que se trata de um tipo de magia que dispensa varinha, e que seu usuário costuma ter o dom da vidência durante o sono.

Em busca de mais respostas, Lily, com a ajuda de James Potter, encontra um dragão escondido no subsolo do castelo de Hogwarts, de nome Hades. Os dois têm acesso às memórias do dragão e descobrem que Hades, antes um rapaz imortal que vivera da Grécia antiga à Idade Média, era companheiro de Helena, a última guardiã da Antiga Magia. Hades é ferido gravemente pelo Conde de Saint-Germain, homem invejoso, também apaixonado por Helena, e a guardiã, sem conseguir salvar seu corpo, transforma-o em dragão como último recurso para mantê-lo vivo. Saint-Germain então a mata, e a Antiga Magia dorme com o dragão até que encontrasse alguém digno de herdar os poderes de guardiã de Helena.

Em meio às novidades em sua vida, Lily Evans ainda precisa lidar com o crescente número de desaparecimentos e assassinatos do lado de fora de Hogwarts, e seus pais, trouxas, não conseguem escapar de um dos ataques de Voldemort. Ela encontra conforto com os novos amigos, James Potter, Sirius Black, Remus Lupin e Peter Pettigrew, embora prefira ignorar que James goste dela. Ao fim da história, Lily finalmente aceita o pedido de namoro de James Potter, bem como o chamado para ser a nova guardiã da Antiga Magia.

Hades: às portas do inferno aborda o tempo pós-Hogwarts e os desafios que a guerra impôs aos jovens recém-formados. Três anos se passam desde sua formatura, e Lily trabalha no Ministério da Magia enquanto segue seus estudos para se tornar curandeira. Ela e James dividem um apartamento em Londres, e o rapaz e seu melhor amigo, Sirius Black, estudam para fazer parte de uma elite de bruxos que defendem a sociedade das chamadas Artes das Trevas. Peter Pettigrew torna-se jornalista, responsável pela seção de achados e perdidos do noticiário em que trabalha, embora já tivesse sido iniciado como seguidor de Voldemort em segredo.

Dumbledore convoca Lily, James e demais bruxos para formar a Ordem da Fênix, um grupo capaz de combater os ataques de Voldemort, mas sua existência logo chega aos ouvidos do Lorde das Trevas por meio de Peter. Voldemort também toma conhecimento do fato de que Lily é a guardiã de Antiga Magia, e planeja uma armadilha para os bruxos da Ordem. Durante o ataque, Voldemort amaldiçoa Lily com *Thanatus*, um feitiço que a faria matar tudo e todos em que tocasse, o mesmo que havia se abatido sobre a guardiã antecessora, Helena.

Evans é afastada de todos sob o pretexto de que estaria em missão pela Ordem. Embora recorresse aos mais diversos recursos para afastar James de si para evitar que a tocasse, Potter insiste em acompanhá-la e estudar com ela uma maneira de reverter a maldição, assim como Helena um dia havia feito para anular o feitiço. Os dois viajam à Escócia, e encontram o fantasma de Lady Glamis, que em vida havia ajudado Helena a se livrar da maldição. Lily precisa passar por um ritual de enorme sacrifício para invalidar *Thanatus*. Na volta para Londres, James a pede em casamento e a festa é um alívio em meio aos ataques constantes de Voldemort. Um mês depois, Lily descobre que está grávida de Harry Potter.

Enquanto James e Lily resolviam seus problemas, Dumbledore encontra Sybil Trelawney para uma entrevista de emprego para a disciplina de Adivinhação em Hogwarts, e a candidata revela a ele a profecia de que uma criança nascida em julho de 1980 seria capaz de derrotar o Lorde das Trevas. Dumbledore também anuncia aos membros da Ordem da Fênix que há um traidor entre eles, e Sirius Black desconfia de que Remus Lupin seja o espião infiltrado, enquanto Peter reporta a Voldemort todos os passos da Ordem. O Ministério da Magia finalmente reconhece a guerra instaurada, e vários aurores são atacados.

Severus Snape, que decide tornar-se agente duplo em favor da Ordem da Fênix, alerta os Potter de que Voldemort tomou conhecimento da profecia e de que precisam se esconder. Dumbledore sugere então o *Fidelius Charm*, o feitiço que esconderia sua localização. James e Lily decidem que Sirius será seu guardião, mas Black sabe que essa é a escolha mais óbvia e sugere que Peter seja o fiel como blefe para enganar Voldemort. Peter entrega a informação ao Lorde das Trevas, e no dia das bruxas, 31 de outubro, Voldemort vai até a casa dos Potter. James percebe sua chegada, e pede que Lily corra para o quarto e fuja com Harry. Voldemort o mata, mas oferece poupar Lily, uma vez que seus poderes de guardiã poderiam torná-la uma grande aliada. No entanto, Lily se recusa, e canta uma canção de ninar para Harry, protegendo-o com a Antiga Magia. Voldemort a assassina, mas o feitiço lançado sobre o bebê se volta contra ele.

Assim como na série original, após a morte dos Potter, Harry é levado por Dumbledore para viver sob os cuidados da irmã de Lily, Petunia. Sirius procura por Peter em busca de vingança, e quando o encontra, Peter o acusa da morte dos Potter, explodindo tudo ao seu redor e transformando-se em rato para fugir por um buraco, deixando apenas um dedo seu para causar espanto. Sirius é preso como responsável pelas mortes na rua e pela traição dos Potter. Enquanto amigos comparecem ao funeral do casal, Sirius é condenado à prisão perpétua, e assim termina a fanfiction.

3.1.1. Retomada e criação: episódios recuperados e desenvolvidos

Vê-se em *Hades: às portas do inferno* pontos secundários da narrativa original de Rowling retomados e desenvolvidos de maneira a se tornarem centrais na fanfiction, assim como personagens de menor expressão na série com papéis importantes na história de Silverghost. A autora da fanfiction também cria personagens próprios e respostas para perguntas que o *fandom* discutia em 2004, época em que os cinco primeiros volumes haviam sido publicados.

I. Antiga Magia

Durante todo o tempo entre as publicações do terceiro ao sétimo volume da série Harry Potter, isto é, de julho de 1999 a junho de 2007, a pergunta “por que Voldemort tentou poupar Lily?” foi uma constante nas discussões em comunidades e fóruns online. Em *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (1999), tem-se que, embora Voldemort não tivesse hesitado em matar James Potter, o vilão pede que Lily se afaste do berço para chegar até o bebê: “Harry estava caindo novamente pela névoa densa, e a voz de sua mãe estava mais alta do que nunca, ecoando em sua cabeça – ‘Harry não! Harry não! Por favor... Eu farei qualquer coisa...’ / ‘Saia da frente... saia da frente, garota...’”²⁶ (ROWLING, 1999, p. 177)

Desde considerar a ideia de que Voldemort tivesse sido apaixonado por Lily até mesmo a hipótese de que Harry pudesse ser seu filho, discutiram-se dezenas de possibilidades. Para

²⁶ Harry was falling again through the thick fog, and his mother’s voice was louder than ever echoing inside his head – ‘Not Harry! Not Harry! Please – I’ll do anything –’ ‘Stand aside – stand aside, girl –’

Silverghost, essa foi uma das questões que motivaram a escrita da saga *Hades*: “Quem nunca se perguntou por que o poderoso Lorde das Trevas, depois de ter assassinado milhares de bruxos, quis poupar Lílian?” (SILVERGHOST, 2004, Prólogo). Na nota de abertura da primeira história de sua saga, a autora já deixava vestígios das respostas que pretendia dar: “A resposta a essas perguntas pode estar ainda mais emaranhada no tempo, numa época em que trouxas e bruxos conviviam sem guerras e onde a magia dependia apenas do coração” (SILVERGHOST, 2004, Prólogo).

Assim, para preencher essa lacuna e dar resposta a uma das grandes questões que inquietavam o *fandom*, *Hades: às portas do inferno* apresenta um novo tipo de magia, a Antiga, descrita como a magia das coisas e da natureza. Lily e James buscavam respostas para entender do que se tratava esse tipo diferente de bruxaria, uma vez que Lily tinha sonhos sobre o futuro e precisava anular a maldição que Voldemort havia lançado sobre ela, e os dois conseguem respostas com o fantasma do Conde de Saint-Germain, no capítulo dezoito da fanfiction:

[...] para simplificar, vamos dizer apenas que a Antiga Magia surgiu do Nada. Mas ela era tão poderosa e estava de tal modo impregnada nas coisas e nos seres que acabou por se espalhar entre outros universos. Pode-se dizer que a Antiga Magia é algo consciente, de modo que ela quis proteger tudo o que vira naqueles outros mundos dos combates absurdos de seu próprio mundo. (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 18)

Sugere-se, então, que, além do mundo de trouxas e bruxos, o único posto por J. K. Rowling na série original, outros universos paralelos coexistiam. Segundo a fanfiction, os guardiões da Antiga Magia, como Lily, “foram escolhidos, por assim dizer, detendo todo o imenso poder da Antiga Magia, com a condição de protegerem Caronte.”, isto é, a ponte entre aquele mundo em que viviam e os outros (SILVERGHOST, 2004).

As referências à mitologia grega em *Hades* provavelmente se associam ao fato de que figuram também na série de Rowling muitas criaturas derivadas dela, como os centauros e Cérbero, o cão de três cabeças (ROWLING, 1997). Também, segundo os livros originais, a Grécia Antiga era a época em que trouxas e bruxos conviviam em harmonia e, por isso, as alusões à Antiga Magia na fanfiction também concernem a esse tempo. Já a Idade Média é descrita como a época em que os humanos passaram a temer os bruxos, o que justificaria a condenação de pessoas que usassem magia. Os bruxos verdadeiros, no entanto, jamais morriam queimados, porque escapavam das fogueiras com um feitiço simples e, assim, os trouxas

acabavam por sentenciar à morte quem nada tinha a ver com magia (ROWLING, 1999). Silverghost retoma também esse tempo em *Hades* e acrescenta, por exemplo, a presença do fantasma de Lady Glamis, supostamente o espírito de Janet Douglas, acusada de bruxaria e morta na fogueira em 1537.²⁷

Lily é coroada protetora da Antiga Magia no capítulo final de *Hades: a última guardiã* pelo dragão e o nome Hades passa a simbolizar também o seu papel de guardiã, justificando, portanto, o título da história como relacionado à Antiga Magia e ao inferno de fato, metáfora para a guerra instaurada durante os anos descritos pela fanfiction. Por possuir o poder da vidência em seus sonhos e ser guardiã da Antiga Magia, capaz de abrir pontes que pudessem trazer criaturas de outros mundos, Voldemort via em Lily uma seguidora valiosa em sua ascensão ao poder. Assim, *Hades: às portas do inferno* apresenta uma razão que justificaria por que o Lorde das Trevas hesitou em matar Lily: “— Se quer tornar as coisas mais difíceis, que seja então do seu jeito. É uma pena que eu vá perder tão interessante aliada...” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 38) Nas palavras da autora: “Eu gosto bastante dessa luta entre antigo e novo. A velha e a nova ordem. [...] Além disso, eu queria responder a muitas das perguntas que a Rowling tinha deixado em suspense. Os boatos sobre um segredo de Lílian me fizeram escolhê-la como detentora de um poder que todos quisessem” (SILVERGHOST, 2004, Os bastidores).

II. Os Marotos e Lily Evans

Revela-se a Harry no terceiro livro da saga que seu pai, James Potter, seu padrinho, Sirius Black, seu então professor de “Defesa contra as artes das trevas”, Remus Lupin, e um rapaz chamado Peter Pettigrew haviam sido amigos inseparáveis durante os anos da escola e se autointitulado “Os Marotos” (ROWLING, 2000b). Em *Hades*, Lily Evans e os Marotos são os grandes protagonistas da década de 1970, durante a primeira ascensão de Voldemort na série original.

Sabe-se que os Marotos costumavam ser desordeiros e causar problemas em Hogwarts: “[...] ‘Black e Potter. Os cabeças da ganguezinha deles. Os dois muito inteligentes —

²⁷ Vale notar que o castelo de Glamis, na escócia, onde Lily Evans consegue anular a maldição, é a residência do personagem Macbeth da peça homônima de Shakespeare, embora não haja menção à obra nem a nenhum de seus personagens na fanfiction.

excepcionalmente inteligentes, na verdade — mas não acho que tivemos dois alunos tão arruaceiros quanto eles...”²⁸ (ROWLING, 1999, p. 152) Também em *Hades* Sirius Black e James Potter, depois de formados em Hogwarts, mantêm a mesma atitude:

— Potter e Black! Pode-se saber o que é tão engraçado para que estejam rindo no meio de uma importante explicação sobre estratégia? Vocês podem dividir suas brilhantes conclusões com o restante da turma? [...] Estavam para se formar na Academia de Aurores, mas nem assim os dois amigos deixavam de ser aquilo que sempre foram desde que ingressaram em Hogwarts: marotos. (SILVERGHOST, 2004)

No quinto volume da série, quase dois anos após a fuga de Sirius Black da prisão, Harry questiona as atitudes de seu pai durante os anos de escola, e Sirius reafirma a importância de sua amizade com James: “‘Olha,’ disse ele, ‘seu pai foi o melhor amigo que eu já tive e ele era uma boa pessoa.’”²⁹ (ROWLING, 2003, p. 592) *Hades: às portas do inferno* mostra os Marotos e Lily como, de fato, grandes amigos, e sugere que tenham convivido após a formatura, o casamento dos Potter e o nascimento de Harry: “Sentado no chão, o pequeno Harry tentava tirar das mãos de Sirius a varinha com que o rapaz fazia figuras brilhantes flutuarem pela sala. Um pouco mais adiante, Tiago, Remo, Pedro, Gideão e Fábio jogavam snap explosivo, lembrando os velhos tempos de escola.” (SILVERGHOST, 2004) A fanfiction também apresenta Sirius e James como amigos mais próximos que os outros dois: “— Eu ainda estou tentando descobrir quem é o mais criança — Tiago observou. — No dia em que Sirius tiver filhos ele endoida. Quase todo dia ele aparece aqui para atrapalhar minha vida conjugal...” (SILVERGHOST, 2004)

Retoma-se também em *Hades* o fato de que Lily, até pelo menos o sexto ano em Hogwarts, detestava James Potter antes de ser sua namorada. Em *Harry Potter and the Order of the Phoenix*, Harry tem acesso a uma das memórias de Severus Snape, seu professor de Poções, e assiste à cena em que Snape é humilhado por seu pai e seu padrinho para seu próprio divertimento. Lily interrompe o bullying e manifesta seu desprezo por James Potter:

Bagunçando esse cabelo só porque acha que fica bonito parecer que acabou de descer da vassoura, se exibindo com esse pomo idiota, andando pelos corredores e azarando qualquer um que te provoque só porque é capaz... É surpreendente

²⁸ ‘Black and Potter. Ringleaders of their little gang. Both very bright, of course – exceptionally bright, in fact – but I don’t think we’ve ever had such pair of troublemakers –’

²⁹ ‘Look,’ he said, ‘your father was the best friend I ever had and he was a good person.’

que sua vassoura consiga levantar voo com esse seu cabeção. Você me dá NOJO. (ROWLING, 2003. p.571-572)³⁰

Embora os acontecimentos que levaram James e Lily a superarem suas diferenças e ficarem juntos tenham sido melhor explorados na primeira fanfiction, *Hades: a última guardiã* também relembra os tempos em que a convivência entre os dois não era muito pacífica: “— Então, hoje você vai se casar com Tiago Potter, o “cínico, arrogante e totalmente abjeto” Tiago Potter... — Susan sorriu irônica para a amiga, que bebericava um chá. — As voltas que o mundo dá, não...?” (SILVERGHOST, 2004)

III. A Ordem da Fênix

No quinto livro da série, *Harry Potter and the Order of the Phoenix* (2003), o grupo de bruxos que dá nome ao volume retoma suas atividades nos anos 1990, quando Voldemort volta a reunir seguidores. No entanto, sabe-se que a Ordem da Fênix foi fundada por Dumbledore na década de 1970, época da primeira ascensão do Lorde das Trevas, e que seus membros eram responsáveis por tentar minar os projetos de Voldemort e impedir seus ataques (ROWLING, 2003).

Em *Hades*, no terceiro capítulo, Dumbledore convoca bruxos em quem confia, entre eles os Marotos e Lily Evans, para fundar então a primeira versão da Ordem da Fênix, uma vez que os ataques de Voldemort se intensificavam e tornava-se cada vez mais necessário reunir esforços: “— Eu queria formar uma Ordem de bruxos capazes e leais. [...] Talvez eu esteja pedindo muito de vocês, afinal. — Dumbledore suspirou, recostando-se no espaldar da cadeira. — Mas é nossa única chance” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 3).

Sabe-se ainda que os membros da Ordem, em algum momento, tiram uma foto, guardada pelo personagem Alastor Moody, que, em 1995, decide mostrar o antigo retrato a Harry Potter: ““Ordem da Fênix original,” rosnou Moody. ‘Achei ontem à noite enquanto estava procurando

³⁰ Messing up your hair because you think it looks cool to look like you’ve just got off your broomstick, showing off with that stupid Snitch, walking down corridors and hexing anyone who annoys you just because you can - I’m surprised your broomstick can get off the ground with that fat head on it. You make me SICK.

pela minha Capa da Invisibilidade extra, [...] pensei que as pessoas iam gostar de ver”³¹ (ROWLING, 2003. p. 157). Em uma das reuniões frequentes da Ordem da Fênix, no capítulo 27 da fanfiction, a personagem Alice decide tirar essa mesma foto de todos os membros para guardar de recordação:

— Alice quer tirar uma foto. Vamos todos ficar juntos. — O rapaz sorriu, indicando aos dois homens o espaço deles. Sirius levantou a taça assim que Alice se aproximou, todos olhando para a câmera.
 — Todos repitam comigo: Tio Voldie fede!
 — TIO VOLDIE FEDE!
 Um flash de luz. Alice sorriu.
 — Essa fica para a eternidade. (SILVERGHOST, 2004)

IV. O traidor

Após a fuga de Sirius Black da prisão e seu reencontro com Peter Pettigrew, no terceiro livro da série, Sirius confronta o antigo amigo de escola sobre suas escolhas: ““NÃO MINTA!” gritou Black. “VOCÊ JÁ PASSAVA INFORMAÇÕES PARA ELE UM ANO ANTES DE LILY E JAMES MORREREM! VOCÊ ERA ESPIÃO DELE!”³² (ROWLING, 1999, p. 274-275).

Portanto, é dado pelo original que Peter Pettigrew traía a Ordem e os Potter, e que era seguidor do Lorde das Trevas havia, pelo menos, um ano antes da morte dos Potter. Contudo, *Hades: às portas do inferno* amplia o que se sabe de Pettigrew e desdobra seu envolvimento com os seguidores de Voldemort:

Não podia mais fugir, tinha que, finalmente, escolher que lado ficar [sic]. E não era apenas uma questão de escolha, mas de sobrevivência. Trair seus amigos era a única maneira de se conservar vivo. Além disso, quando Voldemort soubesse de Lílian e sobre a Antiga Magia, certamente o cumularia de honras (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 2).

³¹ ‘Original Order of the Phoenix,’ growled Moody. ‘Found it last night when I was looking for my spare Invisibility Cloak, [...] thought people might like to see it.’

³² ‘DON’T LIE!’ bellowed Black. ‘YOU’D BEEN PASSING INFORMATION TO HIM FOR A YEAR BEFORE LILY AND JAMES DIED! YOU WERE HIS SPY!’

No capítulo 29 da fanfiction, Pettigrew é ameaçado por Voldemort, porque, apesar de levar a ele informações importantes sobre a Ordem da Fênix, Peter nunca havia assassinado ninguém, e por isso não tinha em seu braço a marca do Lorde das Trevas. Pettigrew então decide que seguirá as ordens de Voldemort, e participa de um ataque a dois membros da Ordem, tornando-se o responsável pelo assassinato de Edgar Bones e sua esposa, acontecimento que não é recuperado do original. Durante o ataque, Peter decide que o bebê do casal, Susana Bones, não merecia o mesmo destino: “Pedro sabia que havia mais alguém. A filha dos Bones. Ele seguiu os comensais pela casa, e, assim que eles se separaram, correu até o quarto da criança. [...] Precisava arranjar uma maneira de esconder a criança” (SILVERGHOST, 2004).

Assim, embora Pettigrew tenha, de fato, pensado em salvar a si próprio e entregado o paradeiro dos Potter, bem como dezenas de estratégias da Ordem da Fênix, em *Hades* ele ainda conservou algum tipo de moral, que o impediu de matar também a filha pequena dos Bones, o que, embora jamais sugerido pela série original, de certa forma o humaniza e propõe ao leitor que o traidor dos Potter pudesse ter mais facetas do que a apresentada por Rowling.

V. O casamento dos Potter e o nascimento de Harry

Conforme o capítulo dez de *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (1999), Harry descobre que Sirius havia sido o padrinho de casamento de seus pais, e uma das únicas referências que se tem do dia em que Lily e James trocaram seus votos é a foto em um antigo álbum que Hagrid havia dado ao protagonista em seu primeiro ano de escola. (ROWLING, 1999) *Hades: às portas do inferno* tem dedicados a esse dia da vida dos Potter dois capítulos, e o primeiro delas começa com os preparativos da festa: “A ruiva fungou. — Ei, nada de chorar! — Alice aproximou-se. — Eu não coloquei ainda um feitiço para que a maquiagem não se desmanche! As outras garotas riram e Lílian colocou a tiara na cabeça. As pérolas contrastavam imensamente com o cabelo vermelho dela” (SILVERGHOST, 2004).

James, por sua vez, sofre em pensar que seria abandonado no altar depois de tantas rejeições da namorada durante o tempo de escola: “Com um suspiro, Sirius abriu a porta. Tiago estava com a cabeça quase enfiada na pia, pálido.— Pontas?! — Sirius, e se ela não aparecer?” (SILVERGHOST, 2004). Provando infundados os medos de Potter, Lily não o deixa sozinho no

altar, e, ao final do capítulo 25, o juiz os casa: “Lílian sentiu Tiago abraçar sua cintura e logo ela estava no ar, girando com ele, enquanto seus lábios se encontraram por entre lágrimas. Os convidados batiam palmas, mas nenhum dos dois parecia ouvir. Finalmente eram marido e mulher, por aquele dia e para sempre, um do outro” (SILVERGHOST, 2004 Capítulo 25).

Também sobre o nascimento do herói de Rowling quase nada se sabe além da data: 31 de julho de 1980. Em *Hades: às portas do inferno*, o nascimento de Harry é tratado como um grande acontecimento. Na fanfiction, três meses após o casamento dos Potter, Lily tem um mal-estar no trabalho, e descobre estar grávida: “Ela meneou a cabeça. Tiago estava em choque, como ela previra. Ela também se chocara. Como ter um filho no meio de uma guerra? Mas agora já estava feito, não havia para onde correr. O rapaz começou a andar de um lado para o outro e Lílian não conseguia reprimir um sorriso” (SILVERGHOST, 2004). Os meses se passam, e, no capítulo 31, intitulado “Maternidade”, Lily dá à luz Harry, no hospital St. Mungus: “Lílian estendeu o bebê para Tiago, que o pegou com certo medo. Harry tentou tocar seus óculos, deixando nas lentes as pequenas marcas de suas digitais. —Bem vindo ao mundo, Harry, meu filho” (SILVERGHOST, 2004. Capítulo 31).

A fanfiction apresenta também como teria sido o relacionamento do casal após o matrimônio e o nascimento de Harry, bem como a maneira com a qual lidavam com o fato de que Voldemort os perseguia, o que são dados novos, uma vez que não há referência ao cotidiano dos Potter na série original:

Lílian ficou sentada na cama, pensativa. Após alguns minutos, Tiago reapareceu, tendo o filho nos braços. Ele deitou Harry entre os dois e enlaçou a mão da ruiva. Ela sorriu, mais calma.

— Você vai acostumá-lo mal desse jeito.

— Não acho que haverá tempo para ele se acostumar. Temos tanto por fazer nesses últimos tempos... (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 33).

O terceiro livro da série é também o volume em que se revela a Harry que Sirius Black fora não só padrinho de casamento de seus pais, mas também padrinho do próprio garoto. (ROWLING, 1999) Ainda que não haja descrição específica do momento em que Sirius é convidado a ser padrinho de Harry, a fanfiction de Silverghost apresenta padrinho e afilhado como muito próximos: “O rapaz abaixou-se, deixando o afilhado envolver seu pescoço com os bracinhos gordos. — Você não quer me dar esse pirralho, não? [...] Ele me adora, eu adoro ele. Fomos feitos um para o outro” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 37).

Não há menção sobre a relação entre Sirius e Harry enquanto bebê na série original. Contudo, há referências sobre o vínculo entre os dois personagens após a fuga de Black da prisão em 1994. É possível notar pelas cartas que troca com Harry entre 1994 e 1996 que Sirius se preocupa com o afilhado: “Se Voldemort está mesmo ficando mais forte novamente, minha prioridade é garantir sua segurança”³³ (ROWLING, 2000, p. 609).

Nos livros de Rowling, Harry Potter considera Sirius parte de sua família, a parte que não o despreza por ser bruxo, e preferiria morar com Black a viver com os tios em Privet Drive caso fosse expulso de Hogwarts por usar um feitiço fora das dependências da escola. (ROWLING, 2003) No capítulo 35 de *Harry Potter and the Order of the Phoenix* (2000), no entanto, Sirius Black é morto por sua prima Bellatrix Black, aliada de Voldemort, e Harry sofre então com a morte do padrinho, dando fim às referências sobre a relação entre os dois personagens: “havia um vazio terrível dentro de si que não queria sentir ou examinar, um buraco negro onde Sirius havia estado, de onde havia desaparecido. Não queria estar sozinho com aquele grande silêncio, não podia suportar...”³⁴ (ROWLING, 2003, p. 723). Portanto, a autora de *Hades* parte das referências posteriores da cronologia para desenvolver os laços entre Sirius Black e Harry Potter durante os anos em que Lily e James ainda viviam.

VI. A desconfiança de Sirius

No terceiro volume publicado por Rowling, *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (1999), o livro das inúmeras revelações, sabe-se ainda que Sirius havia desconfiado, em algum momento, de que Remus Lupin, também um dos quatro Marotos, pudesse ter sido o informante de Voldemort, em 1981, antes da traição de Peter:

“[...] Você não acredita nisso... Sirius não teria te contado que eles tinham mudado de ideia?”

“Não se ele tivesse pensado que eu era o espião, Peter,” disse Lupin. “Imagino que foi por isso que você não me contou, Sirius?” disse casualmente por cima da cabeça de Pettigrew.

³³ ‘If Voldemort is really getting stronger again, it is my priority to ensure your safety.’

³⁴ There was a terrible hollow inside him he did not want to feel or examine, a dark hole where Sirius had been, where Sirius had vanished; he did not want to be alone with that great silent space, he could not stand it –

“Perdoe-me, Remus,” disse Black.³⁵ (ROWLING, 1999, p. 273)

De fato, esse é o único momento da série em que a desconfiança de Sirius é citada. Em *Hades: às portas do inferno*, entretanto, o receio de que Lupin fosse seguidor do Lorde das Trevas começa a incomodar Black já no capítulo quinze:

— Voldemort sabia que Lílian é uma “guardiã da Antiga Magia”. [...] Mas ele não tinha como descobrir isso. A menos que alguém tivesse contado. Além de Lílian, só Dumbledore, você, o Remo e eu sabemos disso. Você e Dumbledore nunca diriam isso a ninguém, eu não fui, então só sobra o Remo...
 — Você está sugerindo que Remo esteja fazendo jogo duplo? — Tiago estreitou os olhos. — Sirius, isso é ridículo! Seria mais fácil o Pedrinho dar uma festa para os sonserinos³⁶ do que Remo nos trair!
 — Eu não tenho tanta certeza disso. (SILVERGHOST, 2004. Capítulo 15)

No capítulo 32, em que Dumbledore revela à Ordem a existência de um traidor em meio a seus membros, Sirius cogita Remus novamente, sem saber que Pettigrew se esgueirava em forma de rato para levar a Voldemort informações secretas: “— Ele é o único que sabia de certos segredos que Voldemort conhece. Toda aquela confusão com Thanatus... Remo se voltou para o lado das Trevas, Su!” (SILVERGHOST, 2004. Capítulo 32).

Após a escolha de Peter como o fiel que guardaria em segredo a localização dos Potter depois da insistência de Black e os acontecimentos ocasionados pela traição de Pettigrew, apresenta-se ainda, na história, o arrependimento de Sirius por ter desconfiado de um grande amigo: “[...] nunca poderia descansar em paz sabendo que errara com Remo e entregara os melhores amigos nas mãos do mais temido bruxo de todos os tempos” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 39).

³⁵ ‘You don’t believe this... Wouldn’t Sirius have told you they’d changed the plan?’

‘Not if he thought I was the spy, Peter,’ said Lupin. ‘I assume that’s why you didn’t tell me, Sirius?’ he said casually over Pettigrew’s head.

‘Forgive me, Remus,’ said Black.

³⁶ Sonserino: pertencente à casa Sonserina da escola de Hogwarts, conforme tradução de Lia Wyler.

VII. A vida amorosa de Black

As publicações de Rowling nada esclarecem sobre possíveis relacionamentos amorosos envolvendo o personagem Sirius Black, pelo menos, não antes de sua condenação e nem doze anos depois, após sua fuga. Tem-se referência em uma única cena, memória da época escolar de Severus Snape e de todos os personagens dessa mesma década, em que Black, concentrado em realizar uma prova, é observado pela garota sentada atrás dele, ainda que não notasse seus olhares esperançosos (ROWLING, 2003).

Black é, de fato, um dos únicos personagens de Rowling descrito como realmente bonito, embora não haja alusão alguma sobre alguém por quem o personagem pudesse ter se apaixonado ou algum personagem específico que sentisse o mesmo por ele. *Hades: às portas do inferno* trata de completar essa lacuna, sugerindo que Black fosse, na verdade, mulherengo: “— Isso é um garoto esperto... [...] Quando crescer, vai ser um conquistador, assim como o padrinho” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 32). Mas, embora Black mantivesse a fama de cafajeste, no início da fanfiction o personagem diz amar uma única mulher, chamada Camille Dearborn, apresentada como filha do personagem Caradoc Dearborn e futura esposa de um dos membros da Ordem da Fênix, Edgar Bones. No capítulo 17, é possível notar o descontentamento de Sirius no dia da cerimônia: “— O casamento de Camille é daqui a meia hora. [...] Eu sou ridículo, não? — Sirius deu uma risada que mais parecia um soluço — Nunca pensei que chegaria o dia em que eu choraria por uma mulher.” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 17).

Susan Grimasi, quem o consola, é personagem criada por Silverghost e apresentada como uma das melhores amigas de Lily desde sua formação em Hogwarts. Segundo *Hades*, Susan mantinha em segredo seus sentimentos por Black, uma vez que ele deixava claro gostar de Camille. No entanto, após o casamento de Dearborn, Black e Grimasi passam a sair juntos, embora preferissem manter o relacionamento em segredo. Susan engravida, e antes que possa finalmente decidir revelar a notícia a Sirius, sofre um ataque de Voldemort a seu apartamento, e não resiste. A busca de Grimasi por entre os escombros se provaria inútil, e Lily revela a Sirius que ela esperava um filho dele: “Sirius sentiu o mundo rodar sob seus pés e tudo escurecer. Aquilo não podia ser verdade, podia? Susan morta... Susan grávida... Um filho... Seu filho... Morto...” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 35).

A morte de Susan abala Black terrivelmente: “— Já se passaram dois meses desde a morte de Susan. Eu não diria que ele está completamente bem. Mas eu já o vi pior. Na verdade, nos últimos tempos, eu só consigo reconhecer o velho Almofadinhas quando ele está com Harry” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 36) Após a morte de Lily e James e o enfraquecimento de Voldemort, Sirius pediu a Lupin que levasse a ele um gravador de Susan, para que o tivesse consigo em seu tempo na prisão: “— Há mais alguma coisa que você queira? — Remo perguntou, fazendo força para a voz sair. Sirius refletiu por alguns instantes. — Há uma caixinha... Está no meu quarto. Um gravador. É a única coisa que quero levar comigo” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 40). Assim, *Hades* concede a Sirius Black uma história amorosa inédita, que o teria afetado e comovido o bastante para que quisesse ter um objeto de Susan como única lembrança do mundo exterior em seu tempo em Azkaban.

VIII. Lupin e Tonks

É em *Harry Potter and the Half-Blood Prince* (2005) que o relacionamento entre Nymphadora Tonks e Remus Lupin começa a ser apresentado. Filha da prima favorita de Sirius, Andromeda Black, Tonks se apaixona por Lupin, mas ele se recusa a ficar com ela por entender que sua licantropia oferecia perigos demais: “Mas eu também não me importo, não me importo! disse Tonks, agarrando a frente das vestes de Lupin e sacudindo-as. “Eu te disse um milhão de vezes...” [...] de repente tudo ficou claro para Harry. Não era por Sirius que Tonks havia se apaixonado afinal...”³⁷ (ROWLING, 2005, p. 582).

No verão de 1997, no entanto, Remus sede aos encantos de Nymphadora, e casa-se com ela em cerimônia discreta, segundo o capítulo quarto de *Harry Potter and the Deathly Hallows* (ROWLING, 2007) Não há menção na série original de que Lupin e Tonks tenham se conhecido antes que ela se juntasse à Ordem da Fênix por ser auror e “metamorfaga”, isto é, por possuir a habilidade de transformar sua aparência por meio de magia quando desejar (ROWLING, 2003b).

³⁷ ‘But I don’t care either, I don’t care!’ said Tonks, seizing the front of Lupin’s robes and shaking them. ‘I’ve told a million times...’ [...] all suddenly became clear to Harry; it had not been Sirius that Tonks had fallen in love with after all...

No entanto, nas histórias de Silverghost, o envolvimento dos dois personagens em questão se dá ainda no tempo em que Lupin estava em seu sétimo ano em Hogwarts, e Tonks, em seu primeiro. Embora Nymphadora tivesse apenas onze anos de idade, em *Hades: a última guardiã* ela já nutria por Remus uma afeição inexplicável, que a fez transformar-se em uma versão mais velha de si mesma para que pudesse conquistá-lo. Lupin, por fim, descobre sua mentira e fica furioso, recusando-se a vê-la novamente (SILVERGHOST, 2004).

Mais tarde, já em *Hades: às portas do inferno*, Remus e Tonks decidem se tornar amigos e deixar para trás a história da transformação e seus desentendimentos, embora Nymphadora ainda nutra por ele o mesmo sentimento e não saiba por que Lupin prefira manter-se afastado: “Sabia que ele também gostava dela. Mas alguma coisa o impedia de se aproximar. Remo colocou as mãos no bolso do casaco e sentou-se também. Ela sorriu. No dia em que descobrisse o que o afastava, ele não voltaria a escapar dela...” (SILVERGHOST, 2004. Capítulo 34) Quando ou de que maneira Tonks chegou a descobrir a licantropia de Lupin continuou sem detalhamento na fanfiction, e também não há menção sobre seu relacionamento após a morte dos Potter e a condenação de Sirius Black até seu reencontro na Ordem da Fênix, em 1995 (ROWLING, 2003).

O mais curioso sobre o desenvolvimento desse ponto da narrativa é que, conforme mencionado, qualquer pista relacionada ao fato de que Lupin e Tonks ficariam juntos somente aparece no sexto volume da série original, publicado em 2005, o que significa que Silverghost não poderia ter tido acesso a elas em 2004, ano de publicação da fanfiction. Em resposta a essa questão, a autora afirma que a história entre os personagens em sua narrativa surgiu mesmo de uma coincidência:

eu gostava muito da Tonks e alguém fez um comentário da fic sugerindo o envolvimento dela com o Remus. Como eu não via nada nos livros que contradissesse essa possibilidade, acabei decidindo colocar o relacionamento deles em Hades. Fiquei extremamente surpresa quando eles de fato se revelaram um casal... (SILVERGHOST, 2014).

IX. A profecia

Conforme mencionado na introdução à análise, revela-se no quinto livro da série a existência de uma profecia, proferida por Sybill Trelawney, que falava sobre uma criança que iria

nascer no final de julho de 1980, capaz de, finalmente, vencer Voldemort: “a pessoa que teria a única chance de derrotar Lorde Voldemort de uma vez por todas nasceu no fim de julho, quase dezesseis anos atrás. Esse menino nasceria de pais que já haviam desafiado Voldemort três vezes”³⁸ (ROWLING, 2003, p. 741). A profecia é revelada a Harry por Dumbledore, e o diretor lhe conta que Voldemort o atacou quando criança porque acreditava que a predição era verdadeira, embora Harry não fosse a única criança nascida no final do sétimo mês de pais que houvessem enfrentado três vezes o Lorde das Trevas.

Hades: às portas do inferno também aborda a questão, desenvolvendo a cena em que Dumbledore entrevista Trelawney, candidata ao cargo de professora de Adivinhação em Hogwarts, e o momento em que declara as palavras da profecia, exatamente como traduzidas na versão em português de Lya Wyler (ROWLING, 2005, p. 679):

— *E o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o Lorde das Trevas desconhece... E um dos dois deverá morrer na mão do outro, pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês terminar.*

Repentinamente, Sibila apurou-se na cadeira, e olhou para o diretor com a face levemente desapontada.

— Então o senhor pretende realmente abolir o ensino das artes da adivinhação em Hogwarts? — ela perguntou em tom choroso, a voz de volta ao normal.

Dumbledore voltou a se sentar, o semblante preocupado. Aquilo não fora um teatro, ele bem o sabia. Era melhor manter aquela mulher por perto.

— Esteja amanhã com suas coisas em Hogwarts. — ele sorriu. — E seja bem-vinda, professora Trelawney. (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 30)

Assim, mais que apenas citar a existência da profecia e relatar que Dumbledore havia presenciado sua declaração, a fanfiction de Silverghost oferece também os pensamentos do diretor da escola após o pronunciamento de Trelawney, e como considerou manter a disciplina de Adivinhação em Hogwarts para que a professora ficasse em lugar seguro, bem como a informação contida na profecia, recuperando também suas palavras exatas de acordo com a tradução do quinto volume, *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003, p.679).

³⁸ [...] the person who has the only chance of conquering Lord Voldemort for good was born at the end of July, nearly sixteen years ago. This boy would be born to parents who had already defied Voldemort three times.

X. *Fidelius Charm*

De acordo com *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (1999), assim que souberam que Voldemort havia tomado conhecimento da profecia, os Potter precisaram se esconder, e, aconselhados por Dumbledore, decidem realizar o *Fidelius Charm*, um feitiço complexo que guardaria o paradeiro de Lily, James e Harry com apenas uma pessoa. Conforme descrito pelo personagem Conelius Fudge no capítulo décimo, “contanto que o Guardião do Segredo se recusasse a falar, *Você-Sabe-Quem* poderia vasculhar a vila em que Lily e James estavam por anos e nunca os encontraria, nem mesmo se estivesse com o nariz prensado contra janela da sala deles!”³⁹ (ROWLING, 1999. p. 152-153)

Dumbledore se oferece para ser o guardião do segredo, mas os Potter decidem que Sirius deve fazê-lo em seu lugar. (ROWLING, 1999) *Hades* retoma também essa passagem do terceiro volume da série e propõe como, de fato, ter-se-ia desdobrado a decisão pelo *Fidelius Charm* e por Sirius como o guardião do segredo. Na fanfiction, o feitiço é classificado como pertencente à Antiga Magia, portanto, podendo ser concretizado apenas por Lily, embora no original nada seja mencionado sobre o responsável por realizá-lo:

- O que Dumbledore pretende?
 - Ele quer usar da sua magia. Da Antiga Magia. O Fielius. [...]
 - Sirius, Dumbledore quer que façamos o Fielius.
- O outro rapaz passou imediatamente a prestar atenção.
- Eu concordo plenamente. Vocês estariam muito mais seguros.
- Tiago sorriu, mas logo esse sorriso foi substituído por uma expressão séria. — Eu quero que você seja nosso fiel de segredo. (SILVERGHOST, 2004. Capítulo 37).

Assim, Sirius havia, também na fanfiction, sido escolhido como o guardião da localização dos Potter a princípio, informação retomada do original. Sabe-se, contudo, que, às vésperas da realização do feitiço, Black convence o casal de que Peter Pettigrew seria a melhor opção para o fiel, uma vez que Sirius era uma escolha muito óbvia:

³⁹ "As long as the Secret-Keeper refused to speak, You-Know-Who could search the village where Lily and James were staying for years and never find them, not even if he had his nose pressed against their sitting room window!"

Eu convenci Lily e James a escolher Peter no último momento, os convenci a usá-lo como Guardiã do Segredo em vez de mim... Eu sou culpado, eu sei... Na noite em que eles morreram eu combinei de checar Peter, garantir que ele ainda estivesse seguro, mas quando cheguei a seu esconderijo, ele tinha desaparecido. [...] Eu segui para a casa dos seus pais imediatamente. E então eu vi a casa deles, destruída, e seus corpos... E entendi o que Peter tinha feito. O que eu tinha feito.⁴⁰ (ROWLING, 1999. p. 268)

O relato de Black sobre a escolha dos Potter e o que se seguiu à realização do *Fidelius Charm* também é desenvolvido em *Hades: às portas do inferno*. No capítulo 37, Sirius leva Peter à casa do casal e os convence a usá-lo como guardião de seu segredo. No entanto, Lily parece não ter concordado totalmente com a ideia: “Lilian suspirou contrafeita. Sirius conseguira convencer Tiago, afinal” (SILVERGHOST, 2004).

Também na fanfiction, assim como sugerido pelo relato de Sirius no terceiro volume, Black decide conferir se Peter estava bem após o ritual do *Fidelius Charm*: “Sirius terminou de arquivar os relatórios e deixou o quartel-general dos aurores. Naquela noite, ele iria visitar Pedro no esconderijo do amigo, para saber se estava tudo bem com ele, e depois iriam juntos para a casa dos Potter, comemorar o aniversário de casamento dos amigos” (SILVERGHOST, 2004). Assim que chega ao local combinado, conforme descrito no original, Sirius chega à conclusão do que de fato havia acontecido e segue para a casa dos Potter:

Alguma coisa estava errada. Pedro sabia que ele vinha, teria comida à vontade nos Potter... Alguma coisa simplesmente não se encaixava. Os olhos de Sirius se esbugalharam quando uma dúvida surgiu em meio a todos aqueles pensamentos confusos. *E se Remo não fosse o traidor?* E se... Céus, se aquilo fosse verdade, ele tinha entregado os melhores amigos nas mãos de Voldemort. Sem pensar duas vezes, ele correu para a moto. [...] Só podia rezar para que não fosse tarde demais... (SILVERGHOST, 2004. Capítulo 38).

⁴⁰ ‘I persuaded Lily and James to change to Peter at the last moment, persuaded them to use him as Secret-Keeper instead of me... I’m to blame, I know it... the night they died I arranged to check on Peter, make sure he was still safe, but when I arrived at his hiding place, he’d gone. [...] I set out for your parents’ house straight away. And when I saw their house, destroyed, and their bodies – I realized what Peter must have done. What I’d done.’

XI. 31 de outubro

Segundo a cronologia da série, o dia das bruxas de 1981 foi a data em que Voldemort atacou a casa dos Potter, deixando órfão o herói da série. Em *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (1999), enquanto treina para enfrentar suas memórias mais aterradoras, Harry ouve a voz de seus pais no dia em que foram mortos: “Lily, pegue Harry e vá! É ele! Vá! Corra! Eu o atraso...” Os ruídos de alguém tropeçando para fora de um cômodo... Uma porta explodindo... O som de uma risada aguda...”⁴¹ (ROWLING, 1999, p. 178). Em *Harry Potter and the Goblet of Fire*, Voldemort diz a Harry que seu pai o havia enfrentado de maneira honrosa: “E agora você olha para mim, me enfrenta como homem... de cabeça erguida e com orgulho, do jeito que seu pai morreu...”⁴² (ROWLING, 2000, p. 660)

Conforme apresentado anteriormente, sabe-se também que, depois de James ter tentado ganhar tempo para que Lily fugisse, Voldemort tentou poupá-la, e ela implora para que ele não mate Harry, preferindo morrer em lugar do filho: “Saia da frente, garota tola... saia da frente, agora...” “Harry não, por favor, não, me leve, mate a mim no lugar dele...” [...] “Harry não! Por favor... tenha piedade... tenha piedade...”⁴³ (ROWLING, 1999, p. 134).

Em *Hades*, a data da morte dos Potter tem importância ainda maior, porque também é o dia em que James e Lily comemoram seu aniversário de namoro e de casamento. O capítulo intitulado “Dia das bruxas” começa na manhã de 31 de outubro, com o café da manhã dos Potter. Quando chega a noite, Harry dorme e James e Lily conversam em frente à lareira, momento em que Voldemort cerca sua casa. Assim que o percebem, o casal se despede com pressa:

De repente, a temperatura pareceu abaixar. Mesmo o fogo na lareira parara de crepitar. Tiago segurou a mão dela, levantando-se e ela percebeu a aura dos dois se confundir. E as cenas do sonho que tivera naquela manhã voltaram a sua mente. Ele a puxou novamente para um abraço, num beijo urgente, antes de separar-se bruscamente, empurrando-a na direção da escada.

— Lílian, leve Harry e vá! É ele! Vá! Corra! Eu o atraso...

O moreno virou-se para a porta, já empunhando a varinha, enquanto Lílian segurava as lágrimas e tropeçava, subindo as escadarias. Tinha que obedecer,

⁴¹ ‘Lily, take Harry and go! It’s him! Go! Run! I’ll hold him off –’ The sounds of someone stumbling from a room – a door bursting open – a cackle of high-pitched laughter –’

⁴² “And now you face me, like a man... straight-back and proud, the way your father died...”

⁴³ ‘Stand aside, you silly girl... stand aside, now...’ ‘Not Harry, please no, take me, kill me instead –’ [...] ‘Not Harry! Please... have mercy... have mercy...’

Tiago tinha razão, havia Harry. Ela lutou contra o impulso de permanecer e lutar ao lado do marido (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 38).

Assim, usando trechos da versão traduzida do terceiro volume, *Hades: às portas do inferno* retoma os fragmentos das memórias de Harry e dá continuidade à descrição da morte dos Potter. O diálogo entre Lily e Voldemort se estende, tendo em vista que ele preferia poupá-la para tê-la como aliada. Ela aproveita o tempo que consegue para ninar Harry, o que faz com que uma aura prateada apareça:

Lilian começou a cantar baixinho para Harry, enquanto uma aura prateada bem fraquinha a envolvia. Voldemort riu. — Sim, aproveite para niná-lo uma última vez. A última! — ele gargalhou antes de voltar a falar, dessa vez com a voz sussurrante, enquanto apontava a varinha para Lilian e Harry. — *Avada Kedavra*. (SILVERGHOST, 2004. Capítulo 38)

Talvez se possa inferir da cena acima que Lily tenha usado a Antiga Magia com a intenção de proteger Harry de Voldemort na fanfiction, o que justificaria o feitiço ter se voltado contra o Lorde das Trevas e Harry ter se mantido a salvo. A explicação para isso nos livros é a de que o amor de Lily por Harry e sua escolha de morrer pelo filho haviam gerado um tipo de magia que teria protegido o bebê (ROWLING, 1997, p. 321). Sobre esse assunto, em entrevista para os sites *The Leaky Cauldron* e *MuggleNet*, em 2005, Rowling alegou que Lily não poderia saber das consequências de seu sacrifício, embora não haja referência clara a isso nos volumes, o que provavelmente motivou a pergunta:

MA: Ela sabia alguma coisa sobre o possível efeito de proteger Harry?

JKR: Não, porque, como tentei deixar claro na série, isso nunca aconteceu antes. Ninguém nunca sobreviveu antes. E ninguém, portanto, sabia que isso podia acontecer.

MA: Então nunca ninguém – Voldemort ou qualquer um que usasse *Avada Kedavra* – deu a uma pessoa uma escolha e ela optou por isso [morrer]?

JKR: Ela pode ter tido a chance de escolher, mas não dessa maneira específica.⁴⁴ (*The Harry Potter Lexicon*, 2005)

⁴⁴ MA: Did she know anything about the possible effect of standing in front of Harry?

JKR: No - because as I've tried to make clear in the series, it never happened before. No one ever survived before. And no one, therefore, knew that could happen.

MA: So no one - Voldemort or anyone using Avada Kedavra - ever gave someone a choice and then they took that option [to die] -

JKR: They may have been given a choice, but not in that particular way. (ROWLING, 2005)

De qualquer forma, não fica claro na fanfiction se Lily teve realmente a intenção de protegê-lo com o feitiço, ou se a canção de ninar e a aura prateada foram apenas consequências de sua escolha de morrer por Harry. Também não há no original nenhuma informação evidente sobre os intuitos de Lily em particular. Ao final do capítulo, no entanto, assim que a investida de Voldemort falha, vê-se ainda acrescentada em *Hades* a presença de Pettigrew, que observava à distância: “Não muito longe dali, um vulto de negro assistiu a casa [sic] que pertencera aos Potter em Godric’s Hollow explodir. Pedro tremeu. Estava tudo acabado agora” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 38).

Na série, após a morte de Lily e James, Hagrid é enviado por Dumbledore até a casa destruída para retirar Harry do local e levá-lo até a casa dos Durleys, que seriam os responsáveis pela criança dos Potter. No terceiro volume, Hagrid revela que encontrou Sirius no momento em que chegou a Godric’s Hollow, e que Black pediu para que deixasse Harry sob seus cuidados, mas que desistiu diante da insistência de Hagrid em seguir as ordens de Dumbledore e levar Harry para seus tios em Privet Drive (ROWLING, 1999, p. 154).

O relato de Hagrid é retomado em *Hades*: depois de ter ido até o esconderijo de Peter e compreendido o que havia acontecido, Sirius segue para a casa dos Potter e encontra Hagrid diante dos escombros. Ele conta a Black que Lily e James estavam mortos, mas que Harry havia resistido e que Voldemort, derrotado e muito fraco, teria fugido. Sirius apega-se ao fato de que Harry ainda está vivo, e pede a Hagrid que lhe entregue o bebê, conforme sugere o original: “— Me dá o Harry, Hagrid. Sou o padrinho dele, vou cuidar dele. Hagrid meneou a cabeça tristemente. — Não, Sirius. Dumbledore ordenou que eu levasse Harry para os tios trouxas. Ele quer que a irmã de Lílian cuide dele” (SILVERGHOST, 2004. Capítulo 39).

Embora não concordasse com a decisão de Dumbledore, Sirius se lembra de que Pettigrew havia traído seus melhores amigos e, por isso, desiste de argumentar com Hagrid, oferecendo-lhe sua moto voadora, como descrito no terceiro volume da série original: “— Leve a moto, Hagrid. O homem olhou-o curioso. — Mas, e você? — Não vou precisar mais dela” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 39). Na fanfiction, Sirius pede ainda para ver Harry uma última vez: “Havia um corte na testa dele, mas Harry observou o padrinho com seus grandes olhos verdes, sem lágrimas. Sirius limpou o sangue que se coagulava ao redor do corte e beijou de leve a cabeça do menino, voltando a colocar a manta sobre ele” (SILVERGHOST, 2004.

Capítulo 39). Hagrid parte com a moto, e sua chegada em Privet Drive seria descrita no primeiro capítulo do primeiro livro da série, *Harry Potter and the Philosopher's Stone* (1997).

Hades: às portas do inferno apresenta também Sirius como o responsável por retirar os corpos de Lily e James dos escombros da casa, bem como os pensamentos do personagem ao ver seus amigos sem vida, o que não é descrito na série:

Primeiro foi Lílian, facilmente encontrada pelos cabelos flamejantes. Senão fosse pela palidez e por um corte na maçã do rosto, ele poderia dizer que a amiga dormia tranquilamente. Pouco depois, sob uma viga que sustentara quase todo o teto que desabara, ele encontrou Tiago. As lentes dos óculos estavam trincadas e ele conservava no rosto um semblante de desafio e um meio sorriso. (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 39)

XII. Black versus Pettigrew

Conforme *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (1999), Sirius Black narra a Harry o que aconteceu na noite em que procurou por Peter após a morte dos Potter: “Quando eu o encurralei, ele gritou para a rua toda ouvir que eu havia traído Lily e James. Então, antes que eu pudesse lançar um feitiço, ele explodiu tudo com a varinha às costas, matou todos que estivessem a poucos metros dele... e correu para o esgoto com os outros ratos...” (ROWLING, 1999. p. 266) Assim, a única alusão que se tem do dia em que Sirius procurou Peter por vingança é feita de maneira indireta na série, como a grande maioria dos acontecimentos desse período da cronologia.

Em *Hades*, a cena descrita por Black se estende por um capítulo inteiro, denominado “Rabicho versus Almofadinhas”. Na história, são apresentados os pensamentos de Peter, anteriores ao confronto, e a decisão de fingir sua morte para escapar da ira de Sirius: “Talvez a morte fosse a saída. Não nas mãos de Sirius, certamente. E nem nas próprias mãos. Era covarde demais para tentar suicídio. Não... A morte era a saída que Pedro precisava. Mas não a morte real.” (SILVERGHOST, 2004. Capítulo 39) Conforme referências do original, ao ser ameaçado por Black, Pettigrew o acusa de traição no meio da rua também na fanfiction:

— *Assassino.*

Sirius sentiu um choque percorrer seu corpo ao ouvir essa palavra saída da boca de Pedro. Mas em vez de retrucar, o moreno só conseguiu rir, uma risada sem alegria, fria, quase mecânica.

— Talvez eu seja, Rabicho. Por ter confiado em VOCÊ!

Pedro deu um meio sorriso misturado com soluços fingidos. O amigo tinha caído em sua armadilha.

— Lillian e Tiago, Sirius! Como é que você pôde? (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 39)

Após chamar a atenção das pessoas na rua, Peter, assim como na série, causa uma explosão e foge como rato:⁴⁵

Ele viu a forma humana de Pedro através da fumaça, encolhendo até tornar-se um ridículo ratinho inofensivo, que logo correu dali. A rua estava quase que completamente destruída, havia corpos ensanguentados no chão, gritos desconhecidos... Mas nada daquilo importava. Uma garoa fina começou a cair enquanto Sirius se deixava cair no chão, rindo como louco. E foi dessa maneira que o Esquadrão de Execução das Leis da Magia o encontrou, diante de uma cratera e da capa de bruxo de Pedro Pettigrew, completamente ensanguentada. (SILVERGHOST, 2004. Capítulo 39)

Black ter sido encontrado pelas autoridades rindo como louco também é referência da narrativa original, conforme relato do personagem Cornelius Fudge: “‘Uma cratera no meio da rua, tão funda que rachou o cano do esgoto. Corpos por toda parte. Trouxas gritando. E Black parado lá, rindo, com o que havia sobrado de Pettigrew na frente dele...’”⁴⁶ (ROWLING, 1999. p. 155).

XIII. O enterro dos Potter e a condenação de Black

Em um dos últimos capítulos de *Hades: às portas do inferno*, intitulado “Sem julgamento”, dois acontecimentos concomitantes são narrados em meio às reflexões de

⁴⁵ O personagem Peter, assim como James Potter e Sirius Black, é um *animago*, um bruxo que assume a forma de um animal quando deseja, mantendo sua capacidade de pensar como um humano. A forma que Peter assume é sempre a de um rato, enquanto Sirius transforma-se em cachorro, formas que muito provavelmente refletem aspectos de sua personalidade. Os Marotos estudaram para tornarem-se animagos ilegais para que pudessem acompanhar Remus Lupin nas noites de transformação como lobisomem; a presença de seus amigos em forma de animais o acalmava, evitando que ferisse a si mesmo (ROWLING, 1999).

⁴⁶ ‘A crater in the middle of the street, so deep it cracked the sewer below. Bodies everywhere. Muggles screaming. And Black standing there laughing, with what was left of Pettigrew in front of him ...’

personagens como Remus e Sirius – o anúncio da condenação de Black à prisão perpétua e as palavras do juiz de paz no enterro dos Potter, marcados por grifos diferentes:

— *E foi graças a esse amor que seu filho está vivo. [...] Devemos agradecer o sacrifício que eles fizeram por seu filho e que, por consequência, trouxe paz a todo o mundo mágico.*

— **...Sirius Black culpado por traição ao Ministério e à sociedade bruxa, assim como pelo assassinato de treze trouxas, de Pedro Pettigrew...**

Era a hora do último adeus. Estava sozinho, como nunca imaginara que estaria. Nunca, nem em seus pesadelos mais terríveis, poderia prever aquilo. [...]

— **...e de Lillian e Tiago Potter.** (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 40)

Na fanfiction, antes de ser transportado à ilha de Azkaban, Sirius ainda tem direito a uma visita de Remus Lupin, mas não tem coragem de contar a ele a verdade sobre o que havia acontecido: “Por alguns instantes, Sirius pensou em contar toda a verdade para o amigo. Mas logo descartou essa ideia. [...] Que direito ele tinha de afirmar que era inocente para aquele que julgara culpado por tanto tempo? Além disso, Sirius não tinha muita certeza se era inocente” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 40). Remus parte acreditando que Black havia sido responsável pela morte de Lily e James, e, embora nutrisse desprezo por ele, responde suas perguntas sobre Harry e realiza seu último desejo de ter consigo o antigo gravador de Susan Grimsi.

A última cena do capítulo derradeiro de *Hades* apresenta Sirius desembarcando em Azkaban, já atormentado pelas lembranças terríveis da guerra que enfrentaram, trazidas pelas criaturas que guardavam a prisão, os chamados “Dementadores”:⁴⁷

Sirius relutou antes de deixar o ônibus que o levara até a ilha. Finalmente ele pisou em Azkaban e, quase que imediatamente, as lembranças começaram a vir. Os olhos dele se estreitaram e o corpo paralisou-se, enquanto ele revivia alguns dos piores momentos de sua vida. [...] Ele ouviu Dumbledore anunciar a morte de Camille ao mesmo tempo que a voz de Lillian soava, dizendo que Susan esperava um filho dele. Mas, diante de seus olhos, estavam novamente as ruínas da casa dos Potter em Godric's Hollow. (SILVERGHOST, 2004. Capítulo especial – *Momentos*)

⁴⁷ “Dementors”, ou “Dementadores” na tradução de Lia Wyler, são espectros terríveis, que se alimentam de emoções humanas. Dementadores sugam a paz, esperança e felicidade do ar à sua volta, segundo o personagem Remus Lupin em *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (ROWLING, 1999, p. 140)

No original de Rowling não há referência ao funeral de Lily e James Potter, ao dia da condenação de Black, realizada, na fanfiction, sem julgamento apropriado, nem a qualquer conversa que pudesse ter tido com Remus antes de ser levado a Azkaban. Portanto, a história de Silverghost apresenta mais uma vez uma alternativa para suprir tais lacunas.

XIV. Severus Snape

Em *Hades: às portas do inferno*, Severus Snape é apresentado como aliado de Voldemort e responsável pela morte dos pais de Lily Evans. Embora seguidor dos preceitos do Lorde das Trevas, Snape se comove ao ver Dorcas Meadowes, bruxa prisioneira de Voldemort, prestes a ser estuprada por um dos guardas nas masmorras e decide salvá-la e libertá-la. Dorcas passa a nutrir por ele certa afeição e tenta convencê-lo a tornar-se espião para a Ordem da Fênix:

— Precisamos de ajuda. E eu sei que você também precisa. Você não é mau, Severo.

O rapaz imediatamente percebeu o que ela estava tentando dizer, e levantou-se.

— É tarde demais para arrependimentos. — ele respondeu, virando-se para ir embora. [...] — Eu não vou desistir tão fácil, Severo. — ela sussurrou baixinho para si mesma — Vou salvá-lo desse inferno nem que tenha que morrer para isso. (SILVERGHOST, 2004. Capítulo 27)

Apesar de seus esforços, Dorcas também enfrenta dificuldade para convencer Dumbledore a aceitar seu plano de transformar Snape em espião pela Ordem da Fênix. No capítulo 30, Meadowes admite a Snape que não está apenas tentando pagar sua dívida, mas que quer livrá-lo de sua condição de seguidor porque gosta dele. Antes que Severus pudesse tomar sua decisão, Voldemort encontra sua ex-prisioneira e a mata. (SILVERGHOST, 2004) Afetado pela morte de Meadowes, Snape aceita a proposta, afinal, e Dumbledore lhe oferece o cargo de professor de Poções em Hogwarts. Na fanfiction, Severus também é responsável por alertar os Potter sobre Voldemort, o que leva Dumbledore a sugerir o *Fidelius Charm*, ainda que Lily e James desconfiassem de Snape, tendo em vista que ele havia sido um dos mentores do ataque aos pais de Lily em *Hades: a última guardiã*.

Contudo, no sétimo volume da série, as respostas aos questionamentos do *fandom* são finalmente reveladas: Voldemort tenta poupar Lily porque Snape a amava, e a havia amado desde

o tempo de crianças, quando se conheceram, por isso jamais teria sido responsável pela morte de seus pais. (ROWLING, 2007) Severus também foi o delator da profecia ao Lorde das Trevas, sem se dar conta de que Voldemort chegaria à conclusão de que se tratava do filho de Lily, Harry Potter. Snape implorou, então, a Dumbledore que protegesse Lily e garante que faria qualquer coisa para salvá-la: “‘Esconda todos eles, então,’ disse, a voz rouca. ‘Mantenha Lily – todos – a salvo. Por favor.’ ‘E o que você me dará em troca, Severus?’ ‘Em... troca?’ Snape encarou Dumbledore boquiaberto, e Harry esperava que fosse protestar, mas depois de um longo momento ele disse, ‘Qualquer coisa’” (ROWLING, 2007, p. 678).⁴⁸

Assim, Snape tornou-se espião pela Ordem, e apesar dos esforços de Dumbledore, Lily e James confiaram em Peter para proteger seu segredo e foram traídos. O *fandom* enxergou Snape como o grande herói injustiçado, julgado cruel e mau desde o princípio, mas retratado pelo amor que sentia por Lily e por seus esforços em proteger Harry durante todos os seus anos em Hogwarts. Embora fique claro que a fanfiction não segue o que foi posto sobre Snape no original, manter essa informação da série não seria possível, tendo em vista que a publicação do sétimo e último livro se deu em julho de 2007, e a saga *Hades*, em 2004. Quando questionada sobre o desenvolvimento das ações e escolhas de Snape em sua fanfiction, Silverghost defendeu sua história:

Não acho que eu o injusticei. Ele foi um personagem importante na história e se arrependeu de seus erros e se emendou – que é mais ou menos o que eu acho que aconteceu na história original. Snape entrou para os Comensais da Morte porque acreditava naquilo que era pregado, ele nunca foi um santo. Ele só se arrependeu – pelo menos, na minha interpretação – a partir do momento em que a Lily ficou em perigo. Na minha história, ele se arrepende também por causa de uma paixão/fascinação com a Dorcas. Final das contas fica elas por elas. [sic] (SILVERGHOST, 2014)

XV. Tempo pós-formatura

Em *Hades: às portas do inferno*, três anos se passam após a formação de Lily, James e demais *Marauders*: “Quase três anos se passaram desde a formatura. Desembrulhando mais um

⁴⁸ “Hide them all, then,” he croaked. “Keep her — them — safe. Please.” “And what will you give me in return, Severus?” “In — return?” Snape gaped at Dumbledore, and Harry expected him to protest, but after along moment he said, “Anything.”

de seus presentes de aniversário, Lílian pensava em como o tempo conseguia passar tão rápido nos poucos momentos que conseguiam respirar aliviados com todos os problemas que surgiam a cada minuto” (SILVERGHOST, 2004. Prólogo). No entanto, a linha do tempo dos Potter foi mais curta do que a sugerida por Silverghost.

Segundo suas datas de nascimento, em 1960, e a dedução do ano de início de sua formação em Hogwarts, os pais de Harry Potter e seus amigos teriam deixado a escola em junho de 1977, com dezessete anos. (ROWLING, 2007) Não se sabe exatamente o ano de casamento de Lily e James, mas é possível inferir que ele aconteceu em algum momento entre 1977 e 1979, antes do nascimento de Harry em julho de 1980. Portanto, os pais de Harry se casaram muito novos, o que é justificado de certa forma, pela personagem Molly, no sexto volume da série, quando fala sobre o casamento de seu filho e a pressa em tomar decisões importantes diante da guerra: “Tudo é incerto com Você-Sabe-Quem voltando, as pessoas pensam que podem morrer amanhã, então elas se apressam para tomar qualquer tipo de decisão que normalmente levaria mais tempo. Foi a mesma coisa da última vez [...]”⁴⁹ (ROWLING, 2005, p 92).

Assim, desde sua formação em Hogwarts até sua morte em 1981, os Potter tiveram pouco mais de quatro anos para se casar, ter um filho e vê-lo completar um ano de idade antes que Voldemort os encontrasse, o que, em *Hades*, acontece em pelo menos seis anos, tempo maior para que mais acontecimentos se desdobrassem. No entanto, faz-se necessário apontar que essa divergência na cronologia da série pode resultar do fato de que a publicação da fanfiction foi anterior à publicação dos dois últimos volumes da série original, que apresentam a data de nascimento de Lily e James, e, por inferência, as datas de início e término de sua formação em Hogwarts, que determinam o tempo de seu casamento e do nascimento de Harry.

3.1.2. Desenvolvimento de personagens

O desenvolvimento da narrativa *Hades* parece, então, evidenciar os esforços da autora em manter sua fanfiction o mais próxima possível do original de Rowling, reavendo pontos narrativos secundários, referentes às décadas de 1970 e 1980, e desdobrando-os em cenas

⁴⁹ “It’s all uncertainty with You Know Who coming back, people think they might be dead tomorrow, so they’re rushing all sorts of decisions they’d normally take time over. It was the same last time.”

importantes para a história. Do mesmo modo, seus personagens principais também são recuperados do original como coadjuvantes para tornarem-se protagonistas em *Hades*, e suas características desenvolvidas para que o desenvolvimento do período na fanfiction tivesse também seus heróis.

Na série de Rowling não há descrição clara de Lily Evans e James Potter, uma vez que Harry tornou-se órfão muito novo, e as lembranças de seus pais são, na maioria das vezes, revividas por outros personagens com quem haviam convivido durante a primeira ascensão de Voldemort. Infere-se que Lily Evans, a protagonista de *Hades: às portas do inferno*, tenha sido uma aluna bastante responsável em Hogwarts, tendo em vista que foi nomeada monitora de sua casa, Grifinória. Também se sabe, desde a cena citada anteriormente, de *Harry Potter and the Order of the Phoenix* (2003), que Lily abominava o bullying em Hogwarts e defendia os alunos enfeitiçados por James e Sirius em seu tempo de escola.

O mesmo se pode notar em *Hades*, por exemplo, no momento em que Lily, amaldiçoada por *Thanatus*, preferiu mentir para que James se afastasse a correr o risco de que ele a tocasse por impulso, assumindo sozinha a responsabilidade de lidar com o feitiço: “[...] Apenas um toque, mesmo de leve e... Balançando a cabeça, ela tentou se livrar desses pensamentos. Era melhor esquecer Tiago. Era isso... Talvez fosse melhor que nunca voltassem a se ver” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 10). Além disso, Lily, em *Hades*, ganha independência e autonomia e se incomoda quando outros personagens querem tomar conta dela e de suas coisas. Assim, a Lily Evans da fanfiction também é teimosa e sempre se recusa a ouvir as recomendações de James:

— Eu não sou uma incapaz, Tiago. — Lilian falou baixo — Sei muito bem me cuidar. Além do que, eu já disse que seria perigoso você ir comigo. Que parte ainda não entendeu?

— Eu não vou deixar você ir sozinha. — Tiago respondeu, virando-se para o velho diretor — Por isso viemos, professor. A única pessoa que consegue convencer essa teimosa a alguma coisa é o senhor. (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 15)

A teimosia de Lily também é destacada por diversos personagens da história, principalmente quando decide, finalmente, aceitar o pedido de casamento de James Potter, feito por ele por quatro vezes até que Lily deixasse de recusá-lo (SILVERGHOST, 2004).

James Potter, conforme citado anteriormente, é recuperado como de fato um personagem com gosto por quebrar regras e se divertir com isso, ainda que tenha se endireitado de certa

maneira, uma vez que se tornou auror e grande combatente da Ordem da Fênix, responsável o bastante para que Lily o respeitasse e se apaixonasse por ele (ROWLING, 2003). Embora isso se constata em *Hades*, James Potter, na fanfiction, é também bastante objetivo e racional e, quando Voldemort lança sobre Lily a maldição, ele mesmo decide que caminho tomar e descarta qualquer conversa que os tire de sua missão (SILVERGHOST, 2004).

A objetividade de James Potter em *Hades* também fica evidente na simplicidade com que encara seus sentimentos por Lily e por seus amigos, arriscando-se diversas vezes para protegê-los, sem questionar sua lealdade, bem como em sua franqueza em enunciar seus pensamentos: “— Lillian Evans... Você aceita se casar comigo? [...] Não ouse recusar dessa vez ou eu arranco você daí e vamos atrás de um juiz de paz nesse instante” (SILVERGHOST, 2004). Potter também é caracterizado como bastante ciumento em relação a Lily, o que é possível notar em suas respostas às provocações de Sirius Black: “— Sirius, porque você não vai procurar uma namorada ao invés de ficar filando rango aqui em casa e botando olhando gordo em cima da MINHA Lily?” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 1).

Desse modo, as características e valores de Lily e James são retomados do original, mas apresentadas com maior riqueza de detalhes e de cenas que os revelam como protetores de seus amigos e familiares e contrários aos princípios de Voldemort. Suas descrições físicas são igualmente recuperadas da série original: Lily também é ruiva de olhos verdes em *Hades* e James Potter também é alto, mantém os cabelos bagunçados, e usa óculos. (ROWLING, 2003)

Já Sirius Black, conforme citado acima, é um dos poucos personagens descritos como bonitos de fato na série de Rowling, pelo menos antes de sua condenação e encarceramento: “Ele era muito bonito. Os cabelos escuros caíam sobre os olhos com certa elegância casual que nem os de James nem os de Harry poderiam ter”⁵⁰ (ROWLING, 2003, p. 565). Black é também um personagem leal a seus amigos e bastante irônico no original: “Eu, pessoalmente, teria gostado de um ataque de Dementadores. Uma luta mortal pela minha alma teria acabado com o tédio muito bem”⁵¹ (ROWLING, 2003, p. 79).

A fanfiction de Silverghost resgata tais características de Black da série e acrescenta mais traços para o Sirius Black desse período da cronologia, apresentando-o como um sedutor: “—

⁵⁰ He was very good-looking; his dark hair fell into his eyes with a sort of casual elegance neither James’ nor Harry’s could ever have achieved.

⁵¹ “Personally, I’d have welcomed a Dementor attack. A deadly struggle for my soul would have broken the monotony nicely.”

Sirius, se eu fosse ciumenta, você estaria enterrado agora. Juntamente com as trocentas namoradas que teve” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 24). Sirius também é posto em *Hades* como um personagem engraçado e irônico: “Tivemos um ataque quase que na entrada da Academia de Aurores e tentaram invadir o Ministério, mas fracassaram. O St. Mungus está sendo monitorado dia e noite. Todo mundo sabe que se um desses três cair nas mãos das ‘bailarinas da morte’ estamos ferrados” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 23).

O Sirius Black de *Hades* mostra ter também jeito com crianças, o que jamais é mencionado no original, mas que pode ser observado nas cenas com Harry ainda bebê na fanfiction: “— E ele vai, e marca... GOOOOOLLLLLLLLLLLLLLLLL! — Sirius ergueu o afilhado nos braços, enquanto a pequena bolinha que ele arremessara num aro enfeitado para correr atrás da bola, caía no chão — Esse é o meu grande artilheiro” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 36). Também se nota da fanfiction sua lealdade para com seus amigos, por quem teria morrido antes de entregar seu paradeiro: “Por sua estupidez, entregara os amigos para Pedro. Ele deveria ter aceitado ser o fiel. Se fosse pego, mesmo a morte não o impediria de continuar guardando o segredo” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 40).

O terceiro Maroto, Remus Lupin, aparece com menos frequência do que James e Sirius, e é descrito em *Hades* como um personagem calado e pensativo, e seu silêncio leva Black a cogitá-lo como o traidor da Ordem da Fênix. Conforme o original, Remus, embora tenha seus momentos de autodepreciação por sua condição de lobisomem, é um personagem bastante responsável e um bruxo muito capaz (ROWLING, 1999). Não se sabe sobre sua profissão antes de tornar-se professor de *Defesa contra as artes das trevas* em Hogwarts em 1993, portanto *Hades* concede a Lupin a carreira de pesquisador na área de combate a vampiros no início da década de 1980: Dumbledore sorriu bondosamente. — Você pode não dar o devido valor ao seu trabalho, Remo, mas suas pesquisas têm nos ajudado muito” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 24).

O caráter de Pettigrew também reflete o personagem do original, ainda que Peter ganhe maior evidência na fanfiction, uma vez que se observa em *Hades* seus pensamentos e tomadas de decisão sobre a quem se devia sua lealdade, conforme exposto. Ainda que Pettigrew seja constantemente descrito como um homem pequeno, na série, na história de Silverghost ele é apontado como um homem acima do peso, preocupado com comida o tempo todo (SILVERGHOST, 2004). Seus colegas, seguidores de Voldemort, presentes no original, são

também mencionados circunstancialmente na fanfiction em cenas de batalhas travadas contra aurores, como Bellatrix Black, Travers, Avery, McNair e Lestrage, por exemplo.

Vários personagens pertencentes à primeira versão da Ordem da Fênix também estão presentes na fanfiction, mesmo que apenas mencionados poucas vezes, como Hestia Jones, Marlene McKinnon, Edgar Bones, os irmãos Prewett e Frank e Alice Longbottom (ROWLING, 2003; SILVERGHOST, 2004). Até mesmo um personagem como Caradoc Dearborn, citado apenas no capítulo nono de *Harry Potter and the Order of the Phoenix* (2003) como um aurore desaparecido e considerado morto, aparece em *Hades* como pai de Camille, a primeira paixão de Sirius, e após a morte da filha ele de fato desaparece também na fanfiction, sem deixar pistas: “Era oficial agora. Carátaco Dearborn desaparecera. O velho aurore procurara por meses a fio os autores do assassinato de sua filha e de seu genro. Sem resultados” (SILVERGHOST, 2004). Sobre os pais de James Potter, de quem nada se sabe pelos livros originais, são nomeados Miriam e Raymond Potter na fanfiction, o último assassinado por Voldemort no capítulo 27 e sua esposa, que morre durante o sono no capítulo 34.

Silverghost é responsável pela criação de duas personagens, Susan Grimasi e Selene Trimble, apresentadas como amigas próximas de Lily Evans. Conforme exposto, Susan ganha destaque por apaixonar-se por Sirius Black e, portanto, sua criação contribui para a extensão da história do personagem, de modo a explorar outros aspectos de sua vida para além de sua condenação injusta e busca por vingança. Selene e Susan também completam o círculo social de Lily Evans, cujos amigos se limitam aos Marotos e a Snape no original. As personagens criadas, contudo, não faziam parte da Ordem da Fênix, mas eram membros de uma banda chamada As Esquisitonas, mencionada no original de Rowling como um grupo musical bruxo, embora, na série, a banda seja composta apenas por homens (ROWLING, 2000b; SILVERGHOST, 2004).

3.1.3. Narrador

O narrador na série Harry Potter é heterodiegético, de onisciência seletiva, isto é, “narra de um centro fixo, seu ângulo é central, e os canais de informação limitam-se aos pensamentos, sentimentos, percepções, sensações, memória, fantasias, desejos, etc., do personagem central, que são apresentados diretamente e sem mediação ao leitor” (FRANCO JR, 2009, p. 42): “E agora

sua raiva crescia. Será que *ninguém* iria dizer ‘muito bem’ por ter lutado contra dois Dementadores sozinho? [...] A cabeça voltava a doer. Ele queria mais do que qualquer coisa sair da cozinha, e deixar os Dursleys”⁵² (ROWLING, 2003, p. 37).

Em pouquíssimos trechos da série é possível observar que o narrador deixa de centralizar o foco em Harry Potter e se permite apresentar outro personagem como o centro fixo, normalmente nos capítulos iniciais dos livros, o que caracterizaria onisciência seletiva múltipla: “O pulso do Primeiro Ministro acelerou ao pensar naquelas acusações, porque não eram justas nem verdadeiras. Como é que seu governo poderia ter evitado que a ponte desmoronasse? Era ultrajante que qualquer pessoa sugerisse que não estavam investindo em pontes o suficiente”⁵³ (ROWLING, 2005, p. 7).

Já em *Hades: às portas do inferno*, embora Lily seja a protagonista, observa-se a onisciência seletiva múltipla durante toda a narrativa, uma vez que o foco varia entre alguns personagens além de Lily, tais como James, Sirius, Lupin, Pettigrew e Dumbledore: “Sem se importar com nada, a ruiva continuou a seguir por entre os escombros, um sentimento de urgência. Ela lembrou-se do sonho que tivera. Fora uma visão. Mais uma maldita visão.”; “Tiago meneou a cabeça, embora sua mente estivesse em outro assunto. Uma viúva, uma órfã... Voldemort matara os pais de Lily também. Gostaria de conseguir entender o que o Lorde das Trevas pretendia.”; “Pedro largou os papéis em cima da mesa do cubículo em que trabalhava no Profeta Diário. Ninguém ali reconhecia seu talento. Há quase três anos trabalhava como ajudante na estúpida seção de achados e perdidos. Oras, aquilo era ridículo!” (SILVERGHOST, 2004).

Assim, a fanfiction de Silverghost apresenta um narrador em terceira pessoa, como o narrador de Rowling, embora os sete volumes da série original apresentem onisciência seletiva múltipla em raras ocasiões, diferentemente da fanfiction em questão.

⁵²And now his temper was rising. Wasn't *anybody* going to say 'well done' for fighting off two Dementors single-handed? [...] His head was beginning to ache again. He wanted more than anything to get out of the kitchen, and away from the Dursleys.

⁵³The Prime Minister's pulse quickened at the very thought of these accusations, for they were neither fair nor true. How on Earth was his government supposed to have stopped that bridge collapsing? It was outrageous for anybody to suggest that they were not spending enough on bridges.

3.1.4. Tempo e espaço

É difícil determinar ao certo o tempo linear dos acontecimentos de *Hades*, mas uma estimativa próxima seria a de que a fanfiction de Silverghost tem duração de três anos e meio. O primeiro capítulo de *Hades* apresenta os personagens em suas vidas adultas, três anos depois de sua formatura em Hogwarts. Entre o capítulo primeiro e o sexto, seis meses se passam, e Lily e James comemoram o Natal e o Ano Novo. Os personagens de *Hades* celebram a passagem de outro ano no capítulo dezessete. Portanto, os acontecimentos narrados até aquele momento, como a anulação da maldição de Lily e o casamento dos Potter, ocorreram dentro de um ano e meio.

Em fevereiro, após o Natal de 1979, Lily descobre sua gravidez e, em 31 de julho de 1980, Harry nasce. No capítulo 36, tem-se a comemoração do primeiro aniversário de Harry, somando-se, assim, três anos desde o início da fanfiction. Em outubro do mesmo ano, Lily e James sucumbem ao poder de Voldemort e morrem no dia das bruxas e calcula-se que seu funeral tenha acontecido logo depois da retirada de seus corpos dos escombros, bem como o julgamento de Sirius. O capítulo 41 apresenta os sobreviventes e seus pensamentos sobre a história dos Potter, aparentemente um mês depois de sua morte. Logo, estima-se que o tempo linear da fanfiction totalize três anos e meio.

As visões de Lily durante o sono, de certa forma, funcionam como prolepses, já que previam o futuro, embora fossem vagas e não esclarecessem, de fato, quem seria a próxima vítima de Voldemort:

Ela brincou com o anel em suas mãos por alguns instantes antes de perceber que a aliança estava molhada... de sangue. O aro voltou a cair no chão, enquanto os olhos da ruiva enchiam-se de lágrimas. Mais alguém ia morrer... E ela não podia fazer nada... Absolutamente nada!
 — Lily? — Lílian abriu os olhos, encontrando a face de Tiago sobre a dela, olhando-a preocupado. (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 33)

A aliança mencionada na citação faria referência mais tarde no capítulo 33 a Fabian Prewett, que se casaria com Emeline Vance dali a alguns meses, e que não pôde ser salvo por Lily.

O espaço descrito em *Hades: às portas do inferno* parte daquele posto pela série original e observam-se retomados lugares como Hogwarts, Godric's Hollow, o Beco Diagonal, o Ministério da Magia e o hospital St. Mungus (ROWLING, 2007b). No entanto, Silverghost expande os ambientes apresentados por Rowling e cria espaços novos para que a vida pós-formatura se torne

mais crível. O apartamento de Lily e James em Londres, por exemplo, bem como os castelos na França e na Escócia, que visitam em busca da anulação da maldição, o apartamento de Susan e a mansão de Miriam e Raymond Potter são dados novos da fanfiction.

3.1.5. Mudança de gênero

Apesar de retomada a guerra que Harry herdou de seus pais, *Hades* é classificada como uma fanfiction de gênero drama por Silverghost, em vez do gênero aventura do original. De fato, é possível destacar trechos que evidenciam a escolha da autora:

Quantos mais eles perderiam naquela guerra? Quantos mais ficariam órfãos, quantos ficariam viúvos, quantos mais? Quanta esperança poderiam eles ainda cultivar? Tiago abaixou a cabeça, tentando não deixar a revolta explodir em seu peito. Estivera ali há uma semana para enterrar a própria mãe. E agora voltava para prestar as últimas homenagens a uma grande amiga. (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 35)

No entanto, o luto também é um sentimento que permeia a história do personagem principal de Rowling durante os anos retratados na série, mas mais evidentemente nos últimos três volumes. Dadas as circunstâncias em que se encontram os personagens principais dos “Anos de Terror” na fanfiction de Silverghost, isto é, a guerra contra Voldemort, a maldição de Lily, a morte dos Potter e a condenação de Sirius Black, observa-se a descrição de um número muito maior de cenas dramáticas na narrativa publicada na internet.

3.1.6. Recepção

Apesar de ter sido publicada há mais de uma década, *Hades: às portas do inferno* permanece entre as fanfictions brasileiras que mais receberam comentários e cliques de favorita dos leitores. Entre as histórias com mais de dez mil palavras, ordenadas por número de comentários, a narrativa de Silverghost garante ainda seu lugar entre as 25 histórias com maior público no Fanfiction.net. Como se pode ver, em nota do primeiro capítulo da fanfiction, a autora considerava muito importante o feedback de seus leitores: “Eu já disse uma vez e repito, eu não

peço reviews por pedir, é uma questão de sobrevivência. Vocês escrevem para mim e eu escrevo para vocês, essa é uma troca bastante justa. Então, não deixem de comentar e logo logo teremos capítulo novo” (SILVERGHOST, 2004, Capítulo 1)

Em resposta à questão da influência dessas *reviews* no desenvolvimento de sua história, Silverghost respondeu que, apesar de surpresa com a recepção de sua fanfiction, já havia traçado os desfechos de *Hades: às portas do inferno*:

eles [os comentários] não me fizeram sair do curso que eu tinha estabelecido quando comecei a história - antes de escrever, eu fiz um esquema do que eu queria que acontecesse no enredo, dos relacionamentos, das mortes... Um exemplo disso foi a Susan que (para minha surpresa) se transformou numa favorita entre os leitores. Desde o começo eu sabia que ela ia morrer, e a certa altura dos acontecimentos, eu também sabia que a morte dela deixaria os leitores bastante transtornados. (SILVERGHOST, 2014)

No entanto, algumas ideias sugeridas por leitores foram incorporadas à narrativa, como o relacionamento entre Tonks e Remus, por exemplo. A autora também abriu espaço para que os fãs que acompanhavam a saga propusessem cenas que gostariam de ter visto na história e publicou *Fragmentos* como uma nova fanfiction no site: cada capítulo apresentava novas lacunas preenchidas de *Hades*. No capítulo dezenove, por exemplo, encontram-se os pensamentos de Remus ao ter recebido a notícia da morte dos Potter e da suposta traição de Sirius Black: “Um maldito traidor. Mas, apesar de ter consciência disso, Remo não conseguia odiar Sirius. Porque eles ainda eram amigos. Apesar de tudo, eles era sobreviventes. Havia um elo entre eles. E, por mais que desejasse, nunca conseguiria quebrá-lo” (SILVERGHOST, 2004, *Fragmentos* – Capítulo 19).

Portanto, mais uma vez, a interação entre autor e leitores de fanfiction se prova inerente à atividade de escrita e leitura de fanfiction, e a busca por feedback e a troca de informações por meio dos comentários aos capítulos publicados se mostra importante para o *fandom*.

3.1.7. Conformidade à tradução de Lya Wyler

Como é possível observar nas citações da fanfiction de Silverghost (2004), os nomes próprios usados na fanfiction foram retirados da versão traduzida por Lia Wyler, publicada no

Brasil. Portanto nomes como Lily, James, Remus e Caradoc, por exemplo, aparecem traduzidos como Lílian, Tiago, Remo e Carátaco, de acordo com as publicações em português. Tal conformidade com a tradução de Wyler não se manteve em outras fanfictions da autora e, quando questionada sobre sua escolha de usar os nomes próprios traduzidos, em *Hades* especificamente, Silverghost afirma que, durante o período de publicação da saga, optou por seguir a tradução brasileira por não ter tido acesso ao material original quando começou a escrever:

Por questão de estilo, para não mudar de uma parte para outra, mantive toda a história de Hades dentro do material traduzido. Eu tenho uma certa cisma com a forma como a Wyler traduziu a história, especialmente em relação aos nomes dos personagens. Nome próprio não se traduz. Até posso compreender adaptações simples, como Peter para Pedro, mas de onde veio Tiago como tradução para James? (SILVERGHOST, 2014)

Silverghost compartilha a opinião controversa sobre o suposto *desaforo* que a tradução dos nomes próprios teria significado para o *fandom* com um número expressivo de fãs brasileiros do universo de Harry Potter. Em razão de críticas constantes, por vezes ingênuas, vindas de algumas comunidades do *fandom* brasileiro, Lia Wyler precisou explicar e defender, diversas vezes, as suas escolhas depois que os livros de Rowling se tornaram um fenômeno de vendas e arrebataram milhares de fãs:

Tenho a impressão de que as pessoas que insistem nessa tecla não perceberam que o *Harry Potter e a pedra filosofal* foi escrito para crianças de 7-12 anos que não sabem inglês suficiente para entender o humor que os nomes contêm. A influência do inglês no nosso dia-a-dia não é suficiente para que todos os leitores percebam o significado dos nomes. [...] Entrei em contato com a autora [Rowling] no primeiro livro; ela me mandou uma lista de nomes e pediu que eu os traduzisse. Pediu o meu currículo e me deu carta branca para recriar. Nunca me pediu explicações posteriores. (WYLER, 2005)

Em entrevista para o Jornal do Brasil em 2007, Wyler acrescentou:

Considero válidas as críticas feitas pelos meus pares, que conhecem as premissas do nosso trabalho. Não considero válidas aquelas feitas por pessoas que, conhecendo algum inglês, se arrogam autoridade. A tradução de nomes feita para crianças, respeitando regras mundiais para o gênero, marca o livro como infantil, e provavelmente provoca sentimentos conflitantes naqueles fãs que gostariam de se afirmar como adultos. (WYLER, 2007)

De fato, nomes como Hedwig e Slytherin, por exemplo, se tornariam obstáculos na leitura de um livro originalmente destinado a crianças de até doze anos de idade, e Edwiges e Sonserina foram algumas das soluções de Wyler para a versão brasileira do primeiro volume. No entanto, a cada publicação, Harry ficava mais velho e também ficavam seus fãs, e os questionamentos sobre as adaptações mais simples se avolumavam à medida que o público se tornava mais maduro e mais exigente. Contudo, em se tratar de uma série de sete livros, as adaptações feitas no primeiro volume precisavam ser mantidas em todos os outros para que a saga funcionasse como um todo coerente, e Wyler manteve suas decisões até a última publicação.

Embora *Hades: às portas do inferno* apresente os nomes próprios de acordo com o que foi posto pelas traduções de Lia Wyler, a conformidade com a versão brasileira não parece ter sido questão de escolha deliberada, mas sim, segundo a própria Silverghost, consequência de que as traduções foram para ela a porta de entrada para o universo Harry Potter. Mais tarde, no entanto, a versão brasileira foi recusada pela autora em suas histórias posteriores, após o acesso ao original. Em suas publicações subsequentes no Fanfiction.net, Silverghost utiliza os nomes em inglês, provavelmente sob a premissa de que as traduções de nomes próprios na versão brasileira não a agradariam ou não seriam para ela legítimas o bastante, apesar dos constantes esclarecimentos de Wyler sobre as traduções para a editora Rocco.

Observa-se, portanto, que a fanfiction *Hades: às portas do inferno* revela em seu desenvolvimento grande trabalho e preocupação em aproximar-se dos livros de Rowling e, também, em *não negar* as informações e relatos contidos neles. Para isso, sua escrita retomou narrativas e personagens secundários e até mesmo detalhes mencionados uma única vez no original, de modo a ter espaço para criar uma saga que pudesse funcionar como uma espécie de *prequel* dos livros e que explicasse e singularizasse os acontecimentos das décadas de 1970 e 1980, apenas circunstanciadas na série de Rowling.

Os personagens desse tempo na cronologia ganham maior riqueza de detalhes na descrição de sua personalidade, e os acontecimentos apenas mencionados no original ditam os conflitos da narrativa de Silverghost; a fanfiction estende a linha do tempo e amplia a narrativa original para suprir as lacunas deixadas sobre o início da guerra e a primeira ascensão de

Voldemort, acontecimentos que determinariam a infância e a adolescência do herói de Rowling, de maneira minuciosa e congruente. O gênero drama muda o tom da série original para dar sobriedade ao momento em que amigos e familiares dos protagonistas padecem em razão da guerra e o narrador heterodiegético, com onisciência seletiva possibilita o contato com os pensamentos de personagens que já haviam morrido quando a jornada de Harry começou. *Hades: às portas do inferno* oferece explicação para questões que ainda não haviam sido respondidas na época de sua publicação e complementa, assim, o texto que a inspira para saciar a vontade dos fãs de saber sobre esse tempo e sobre esses personagens secundários, que ganham espaço como protagonistas na fanfiction.

3.2. *Green Eyes* (2005-2007)

Nem todas as fanfictions são escritas de maneira a conformar-se com o original como o exemplo de *Hades: às portas do inferno*. De fato, grande parte das histórias desenvolvidas e publicadas por fãs de Harry Potter tratam de reinventar a narrativa em que se baseiam. É o caso da fanfiction *Green Eyes*, publicada por Amy Lupin entre setembro de 2005 e abril de 2007. Aplicados os filtros descritos, *Green Eyes* está entre as primeiras narrativas a aparecer, com quase 300 mil palavras, mais de 1800 comentários e 700 cliques como “favorita” entre seus leitores. A história de Amy Lupin deixa para trás o mundo mágico descrito por Rowling para introduzir seus personagens em um contexto diferente.

No original, Harry Potter mora com os tios desde a morte dos pais, e aos onze anos recebe a carta de admissão para estudar na escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, momento em que um mundo novo, cheio de possibilidades e longe dos Dursleys, se apresenta para ele. Durante todos os anos de descobertas na nova escola e de enfrentamento a Voldemort e seus seguidores, Potter compartilha suas aventuras e percalços com seus dois melhores amigos, Hermione Granger e Ronald Weasley (ROWLING, 1997).

Próximo a completar dezessete anos, Harry decide não voltar à escola para seu último ano de estudos e parte com Granger e Weasley para encontrar e destruir as *Horcruxes* de Voldemort, isto é, partes da alma do Lorde das Trevas guardadas em objetos que, a menos que fossem anulados, o manteriam vivo para sempre. Potter retorna a Hogwarts uma última vez para a batalha final e, após destruir as chances de que Voldemort pudesse retornar no futuro, vence o bruxo face a face e, assim, termina sua luta contra as Artes das Trevas.

Ao longo de toda a sua trajetória em Hogwarts, Harry teve também um adversário, Draco Malfoy, que dificultou sua vida escolar, bem como suas missões em prol de um mundo bruxo livre de Voldemort e do preconceito contra os nascidos trouxas. Em seu primeiro ano, Draco, ciente da popularidade de Potter como o “menino que sobreviveu”, oferece sua amizade, mas Harry escolhe ignorá-lo. A partir desse esse momento, no ano um, a inimizade entre os dois personagens se faz presente na narrativa, das sabotagens de Malfoy e as vitórias de Potter sobre a Sonserina no Quadribol às posições antagônicas que assumem durante a guerra a partir do sexto volume.

Draco, após a humilhante prisão do pai em 1996, vê-se diante da tarefa quase impossível de matar Albus Dumbledore para salvar a reputação e a vida de sua família perante Voldemort e continuar pregando a superioridade de seu sangue (ROWLING, 2005; ROWLING 2007). Quando falha e seu pai é libertado por Voldemort, os Malfoy caem em desgraça diante do Lorde das Trevas, derrotado por Potter após a destruição das partes de sua alma dividida.

No último capítulo do sétimo livro, conforme mencionado anteriormente, Rowling apresenta Potter mais velho, despedindo-se com sua esposa, Ginny Weasley, dos filhos que embarcarão no Expresso de Hogwarts ao lado de Hermione e Ron, também casados e com filhos. Na mesma estação, Draco Malfoy também está presente para enviar a Hogwarts seu único filho, Scorpius, junto da esposa.

Green Eyes desconstrói a ideia de um mundo bruxo e apresenta personagens de Rowling em um mundo trouxa. Harry Potter tem já dezoito anos e cursa Sistemas de Informação na Universidade de Hogwarts. Os conflitos com Tom Riddle (nome verdadeiro de Lorde Voldemort) há muito não o perturbam e deixam de ser o eixo mais importante na narrativa de Amy Lupin. De fato, *Green Eyes* tem como protagonista o rival de Potter, Draco Malfoy.

Inseridos no contexto universitário, Potter e Malfoy se detestam desde crianças, quando foram apresentados e Harry negou a Draco sua amizade. Harry mora com o padrinho, Sirius Black, que jamais conseguiu sua guarda após enfrentar doze anos de prisão, mas pôde abrigar o afilhado depois que Potter atingiu a maioridade. Malfoy cursa Administração em Hogwarts e joga vôlei por seu curso, do mesmo modo que Potter defende seu time de Sistemas de Informação, e, embora odeiem a companhia um do outro, são obrigados a conviver durante os treinos de um time selecionado da faculdade, que competirá contra a Universidade de Durmstrang. Potter sugere trégua para que possam jogar melhor e Draco, de má vontade, concorda em parar com as provocações temporariamente.

Irritado por precisar aceitar a companhia de Potter no time de vôlei, Malfoy consulta Natalie, sua secretária, e ela lhe sugere que observe Potter e tente compreender sua aversão por ele. Draco também passa a acessar o chat da universidade e, anonimamente, inicia conversa com alguém que se apresenta como Anjo. Draco discute questões sobre tecnologia da informação e sente-se grato pelas dicas que recebe de Anjo, porque suas ideias são bem recebidas durante as reuniões na empresa de seu pai.

Draco passa a reparar nas palavras e no comportamento de Potter e os dois começam a correr no parque e passar mais tempo juntos. Harry acha graça no mau humor de Draco e diverte-se com seu sarcasmo e, Malfoy, por sua vez, se rende à espontaneidade e os sorrisos fáceis de Potter, cujos amigos inseparáveis, Ron e Hermione, agora namorados, o fazem sentir-se deslocado. Em uma de suas conversas com Anjo, Draco descobre tratar-se do próprio Potter, e fica ainda mais confuso com os sentimentos que a companhia de Harry lhe tem despertado. Natalie o leva admitir que está apaixonado, e Draco tenta evitar que sua mais nova e surpreendente afeição por Harry transpareça enquanto estão juntos. Potter também reflete sobre seu envolvimento com Malfoy e assume para si mesmo que sua amizade possa ter evoluído depois de compartilhar passeios e treinos.

Em meio às novas descobertas, Black também ainda a Harry que está apaixonado por seu amigo de longa data, Remus Lupin. Os ex-marotos assumem o relacionamento, mas Ron Weasley e sua família mostram dificuldade para aceitá-lo, o que faz com que Potter se afaste ainda mais dos velhos amigos e curta mais a companhia de Draco, que acha graça no namoro de seu padrinho.

Vagas novas são abertas na empresa dos Malfoy e Draco convence Potter a participar do processo seletivo, prometendo não modificar os resultados para aprová-lo. O resultado do processo seletivo na empresa dos Malfoy é divulgado e Harry consegue uma das vagas, mas Lucius Malfoy, envolvido com a antiga máfia de Tom Riddle, insiste em que Potter seja mandado embora. Draco enfrenta seu pai e ameaça denunciar as fraudes de sua empresa caso Harry seja despedido. Potter se comove com a ida de Draco em sua defesa, e não demora para que os dois finalmente comecem a namorar em segredo.

Chega o dia do jogo contra Durmstrang, e todos na arquibancada estão torcendo por Harry. Lucius, no entanto, desconfiado da aproximação de Draco e Potter e, abalado com a notícia de que seu julgamento se aproximava, vai até o jogo para avaliar a suposta amizade entre os dois. Lucius encontra os dois aos beijos no vestiário depois da vitória de Hogwarts e esbofeteia Draco, cuspidando palavras de aversão ao filho. Embora Lucius não aceitasse seus sentimentos por Potter, Narcissa, sua mãe, pede apenas que seja discreto e que se proteja dos preconceitos da sociedade.

Lucius é sentenciado a 49 anos de prisão por seu envolvimento com a máfia de Riddle e foge para a França com a esposa, deixando tudo sob a responsabilidade de Draco. O garoto

assume a empresa em sociedade com Natalie, passa a morar sozinho na mansão dos Malfoy e vão-se dois anos até que possa saber notícias de seus pais. Ele vai até o interior da França para encontrá-los e, para sua surpresa, Narcissa está grávida de uma menina. Harry o está esperando quando retorna e, ainda que não assumissem seu relacionamento no ambiente de trabalho, estão felizes por poder compartilhar sua felicidade com sua família e amigos.

3.2.1. Retomada e criação: episódios recuperados e desenvolvidos

Green Eyes claramente se distancia dos principais pontos da narrativa de Rowling: a ideia de que um mundo mágico existe, embora escondido dos trouxas, e o constante enfrentamento entre Harry e Voldemort, que espalha terror entre os bruxos nascidos trouxas e busca poder nas Artes das Trevas. No entanto, outras passagens importantes são retomadas e desenvolvidas, ainda que, por vezes, modificadas para estabelecer relação com os livros de Rowling, conforme descrição a seguir.

I. Draco Malfoy, protagonista

Draco é um personagem secundário no original de Rowling, e suas ações e personalidade são percebidas na narrativa pela perspectiva de Harry Potter. Já no primeiro livro, assim que se conhecem, Malfoy demonstra desprezo por famílias menos abastadas e de sangue menos nobre que o seu, sendo, portanto, percebido por Harry como arrogante e mimado: “‘Eu teria cuidado se eu fosse você, Potter,’ disse ele, devagar. ‘Se não for mais educado, vai pro mesmo caminho que os seus pais. Eles também não sabiam o que era bom pra eles. Você fica andando com essa rale como os Weasleys e aquele Hagrid, e vai acabar igualzinho.’”⁵⁴ (ROWLING, 1997, p. 120).

Malfoy também parece frustrar-se constantemente com a atenção dada a Harry por sua fama e por seus feitos na escola: “‘*Inveja?* [...] Do quê? Eu não quero uma cicatriz horrível atravessando minha cabeça, obrigado. Eu mesmo não acho que ter um corte na testa faz você

⁵⁴ 'I'd be careful if I were you, Potter, he said slowly. Unless you're a bit politer you'll go the same way as your parents. They didn't know what was good for them either. You hang around with riff-raff like the Weasleys and that Hagrid and it'll rub off on you.'

especial”⁵⁵ (ROWLING, 1998, p. 102). A partir da nova ascensão de Voldemort e os esforços de sua família para seguir seus passos rumo ao poder e à glória, o antagonismo entre Malfoy e Harry Potter deixa de se caracterizar por brigas e armações de escola para configurar lados distintos de uma guerra iminente. Quando Lucius Malfoy é preso, Draco precisa encarar uma missão inexequível para salvar sua família: assassinar o diretor de Hogwarts, Albus Dumbledore. Depois de duas tentativas frustradas, o medo parece ameaçar sua confiança e o próprio Potter, no sexto volume da série, pode notar que Malfoy não está em sua melhor forma: “Era sua imaginação, ou Malfoy, como Tonks, parecia mais magro? Certamente parecia mais pálido, sua pele ainda tinha aquele tom acinzentado, provavelmente porque raramente via a luz do sol naqueles dias. Mas não tinha aquele ar de soberba, agitação, ou superioridade”⁵⁶ (ROWLING, 2006, p. 443-444).

Draco não tem sucesso em sua tarefa, e Snape mata Dumbledore em seu lugar. Seu pai é libertado de Azkaban e, mesmo quando sua mansão é usada como sede e prisão pelos Comensais da Morte, os Malfoy são maltratados por sua humilhação. Quando Potter é capturado e levado a Malfoy Manor, Draco hesita em ajudar na identificação de seus antigos colegas de escola e não confirma sua identidade. Na verdade, o que Malfoy viveu de 1996 a 1997, anos que correspondem aos dois últimos livros, é incerto. Não é possível afirmar se houve, de fato, questionamento de sua própria moral ou se suas atitudes, próximo ao fim da narrativa, se deveram ao medo e às ameaças feitas à sua família, uma vez que não há referências, na série, que possam evidenciar qualquer uma das hipóteses.

O primeiro capítulo de *Green Eyes*, entretanto, se inicia com Draco como protagonista da fanfiction e logo é retomado seu repúdio a famílias menos ricas e tradicionais, bem como sua inimizade por Harry:

[Potter] preferira o anonimato, o fracasso ao lado de dois Zé-ninguém: Ronald Weasley e Hermione Granger. Para todo o mundo, o garoto era nobre e humilde. Para Draco ele era um tolo: tímido, modesto e metido a justiceiro. Três qualidades que resumiam todo o asco que Potter inspirava nele. (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 1)

⁵⁵ 'Jealous? [...] Of what? I don't want a foul scar right across my head, thanks. I don't think getting your head cut open makes you that special, myself.'

⁵⁶ Was it his imagination, or did Malfoy, like Tonks, look thinner? Certainly he looked paler, his skin still had that greyish tinge, probably because he so rarely saw daylight these days. But there was no air of smugness, or excitement or superiority.

No capítulo três também se faz ver seu desprezo por Potter e ciúme de sua vida de celebridade: “— Mas parece que ele faz de propósito. Aliás, eu tenho certeza que ele faz de propósito. Ele tira tudo de mim, Natalie! Ele tira minha glória, meu reconhecimento, minha fama... ele me tira do sério” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 3).

Draco Malfoy em *Green Eyes*, no entanto, precisou de mais detalhes para assumir o papel principal: mora em uma mansão, mas tem também uma BMW, toca violão, tem uma namorada, Pansy Parkinson, a quem despreza profundamente, e trabalha para seu pai em uma empresa de tecnologia da informação. Natalie, sua secretária, interessada em psicologia, sugere que Draco observe Potter e tente analisar por que se importa tanto com o que ele faz ou deixa de fazer. Durante toda a narrativa, Natalie desenvolve certo afeto maternal por Draco e tem papel importante em meio às novas descobertas e sentimentos de Malfoy na faculdade: “É claro que você se sente diferente, Draco. Porque você está mudando, está amadurecendo, passando para uma nova etapa de sua vida. [...] Você está buscando uma nova razão para viver, está procurando sua verdadeira identidade!” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 15).

Também se acrescenta à personalidade do protagonista da fanfiction sarcasmo e ironia constantes: “Sempre escorregadio e sarcástico, mas talvez esse fosse mesmo seu modo de ser amigável, ou talvez ele não soubesse agir de outra forma.” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 13), além de certo senso de justiça, impensável para o Draco da série original. Em *Green Eyes*, Malfoy faz questão de que Natalie ganhe o mesmo salário que o das outras secretárias da empresa, contrata seu marido como motorista de sua mãe, para que ela possa voltar a estudar, e ainda defende a posição de Potter na companhia de seu pai por tê-la conseguido de forma legítima no processo seletivo. O Draco de *Green Eyes* ainda é caracterizado como bastante ciumento em relação à amizade de Harry, Ron e Hermione: “ele desejava mais é que eles [Ron e Hermione] se casassem e tivessem muitos filhos. Quem sabe assim não sobraria menos tempo para reivindicarem o *seu* Harry?” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 30)

Draco Malfoy's Secrets, um dos 12 *snippets*⁵⁷ de Natal publicados por Rowling no site Pottermore em 2014, esclarece questões sobre a criação e a personalidade do personagem: quando Malfoy quase mata duas outras pessoas na tentativa de assassinar Dumbledore, suas ideias sobre si mesmo e sobre seu lugar no mundo começam a desmoronar. Sua hesitação em

⁵⁷ *Snippets*: do inglês, *fragmentos* – referem-se aos textos curtos publicados por Rowling no Pottermore, que complementam o original e adicionam novas informações sobre o universo de Harry Potter.

reconhecer Harry e entregá-lo aos Comensais da morte, tendo em vista as circunstâncias, foi uma maneira de proteger Potter, Weasley e Granger, ao menos no momento da captura. No entanto, Rowling insiste para com os leitores que costumam “romantizar o anti-herói” que Draco permanecia um personagem de moral duvidosa em seu comentário ao final do texto (ROWLING, 2014, *Draco Malfoy’s Secrets*). Não poderia haver em *Green Eyes*, finalizada em 2007, referências às publicações estendidas sobre o universo de Harry Potter no Pottermore; de fato, não parece ter sido o propósito da fanfiction a aproximação com o original, mas, sim, o destaque a um personagem secundário e a criação de novas características e comportamentos, exatamente o oposto do que Rowling parece sugerir no conto em questão. Em resposta à escolha de Draco como protagonista, Amy Lupin afirma que,

como anti-herói, Draco tem um apelo muito forte para o público. Ele é aquele garoto mimado e preconceituoso, mas ao mesmo tempo é possível ver o quanto sua criação tem a ver com quem ele se tornou. É aquele personagem que você torce para se redimir ou pelo menos abrir os olhos para a realidade. Ele é um personagem tão humano, tão cheio de falhas! Particularmente, acredito que seja muito fácil imaginar que Draco seja mais vítima do que vilão. Sei que a JK Rowling não aprova essa visão de conto de fadas do Draco, mas ela deixou muitas brechas para isso. Tanto que ele é um dos personagens mais populares nas fanfictions. (LUPIN, 2015)

II. A recusa de Potter

No capítulo sexto do primeiro volume da série original, Harry Potter, a bordo do *Hogwarts Express*, encontra Draco Malfoy, que, após ter ofendido a família de Ron Weasley, lhe estende a mão ao oferecer-lhe uma amizade supostamente conveniente:

“Você logo vai descobrir que algumas famílias bruxas são muito melhores do que outras, Potter. Você não vai querer fazer amizade com o tipo errado. Eu posso você ajudar nisso.”

Ele estendeu a mão para apertar a de Harry, mas Harry não estendeu a sua.

“Acho que sei diferenciar o tipo errado sozinho, obrigado”, disse friamente.⁵⁸
(ROWLING, 1997, p. 120)

⁵⁸ ‘You’ll soon find out some wizarding families are much better than others, Potter. You don’t want to go making friends with the wrong sort. I can help you there.’

He held out his hand to shake Harry’s, but Harry didn’t take it.

‘I think I can tell who the wrong sort are for myself, thanks,’ he said coolly.

No momento em que Harry recusa sua amizade a Malfoy está determinada a aversão mútua que segue até o último livro. Também em *Green Eyes* se observa recuperado esse ponto da narrativa original como a ocasião em que começa a inimizade entre Potter e Malfoy:

Assim que Draco, com seus onze anos de idade, ficara sabendo que Harry Potter estudaria na mesma escola que ele, o garoto tentou uma aproximação amigável, uma aliança vantajosa para ambas as partes. Eles teriam um futuro glorioso como aliados, mas o idiota do Potter desprezara sua mão estendida. (LUPIN, 2005-2007. Capítulo 1)

Na fanfiction, o ódio que Malfoy sente por Potter é descrito pela personagem Natalie como infundado e compulsivo: “Você criou toda uma imagem pejorativa dele em seu subconsciente, a partir do momento em que o conheceu. [...] Você tem uma sede de saber o que se passa na vida dele, descobrir seus segredos, desvendar seu mistério, então não vai sossegar enquanto não saciar essa sede.” (LUPIN, 2005-2007. Capítulo 3) A história de *Green Eyes* se desdobra, então, de modo a transformar em amor a animosidade entre os dois. Forçado a conviver com Potter e deixar as provocações e sabotagens de lado para que pudessem treinar juntos, Draco supera suas diferenças e passa a enxergar o que há de melhor no outro:

Por incrível que pareça, nós nos tornamos amigos em um curto espaço de tempo. Acabei por descobrir vários hábitos dele, manias, coisas que sempre me passaram despercebidas, como a maneira como ele coloca a língua pra fora ao escrever, ou como morde os lábios quando está confuso, empurra os óculos pelo nariz quando está nervoso, [...] sua genuína timidez, seu estilo único, sua presença de espírito marcante, determinação, o sorriso mais encantador e verdadeiro do mundo além dos mais incríveis olhos que eu já vi. (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 28).

III. O menino que sobreviveu

Os personagens da série de Rowling constantemente se referem a Harry Potter como o “menino que sobreviveu”, uma vez que, na noite de 31 de outubro de 1981, o feitiço de Voldemort para matá-lo volta-se contra ele e Harry sobrevive com o sacrifício de sua mãe, escapando apenas com uma cicatriz, em forma de raio, na testa. Segundo Hagrid, no primeiro volume, “Ninguém nunca viveu depois que ele decidiu matar, ninguém a não ser você, e ele

matou algumas das melhores bruxas e bruxos da época [...] e você era só um menino, e sobreviveu”⁵⁹ (ROWLING, 1997, p. 65).

Os pais de Harry, contudo, não resistiram ao ataque. Tampouco seu padrinho poderia criá-lo, já que havia sido julgado culpado pela traição dos Potter e sentenciado à prisão perpétua em Azkaban. Assim, Harry foi levado aos Dursleys, por Dumbledore, para crescer sob os cuidados da irmã de Lily, Petunia. Os Dursley detestam magia e tentam ignorar sua existência completamente. Inventam ao sobrinho que seus pais haviam morrido em um acidente de carro, e o tratam mal porque o consideram uma aberração: “Os Dursleys às vezes falavam de Harry daquela maneira, como se ele não estivesse lá – ou até como se ele fosse alguma coisa muito nojenta que não conseguia entendê-los, como uma lesma”⁶⁰ (ROWLING, 1997, p. 30).

Na fanfiction de Amy Lupin, o confronto entre bem e mal, entre Potter e Voldemort, não existe: Tom Riddle não era um bruxo das Artes das Trevas, mas um mafioso, exposto à mídia pelos jornalistas Lily e James Potter. Furioso com os Potter, Riddle decide assassinar toda a família, mas é interceptado antes de matar a criança:

Harry Potter era famoso desde um ano de idade, mas não por méritos próprios. Sua fama era consequência do assassinato de seus pais, que lutavam por uma causa nobre e patética. James e Lily Potter eram famosos repórteres televisivos e tinham descoberto coisas muito sujas de um temido mafioso. [...] Riddle estava morto e Harry Potter escapara com uma estranha cicatriz em forma de raio tatuada com faca na testa. Mais um detalhe ridículo para a coleção. Draco não conseguia entender como uma marca horrível dessa podia fascinar tantas pessoas. (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 1)

Harry continua órfão na fanfiction, e é obrigado a morar com os Dursley, uma vez que seu padrinho é condenado injustamente à prisão, como no original. Após conseguir provar sua inocência depois de doze anos encarcerado, Sirius tenta diversas vezes obter a guarda de Potter para que, finalmente, deixe os detestáveis Dursley, mas nunca a conseguiu. Então, Harry passa a morar com o padrinho apenas após completar dezoito anos:

Fazia só cinco meses que ele tinha conseguido finalmente trazer Harry para morar com ele. Fazia cinco meses que Harry tinha completado dezoito anos e

⁵⁹ ‘No one ever lived after he decided ter kill ’em, no one except you, an’ he’d killed some o’ the best witches an’ wizards of the age [...] an’ you was only a baby, an’ you lived.’

⁶⁰ The Dursleys often spoke about Harry like this, as though he wasn’t there – or rather, as though he was something very nasty that couldn’t understand them, like a slug.

finalmente se vira livre dos Dursley. Desde que Lily e James Potter tinham sido assassinados, Harry tivera que viver com seus tios. O pior tipo de gente que existia. Maltratavam Harry pelo simples fato de ele ser famoso e seu filho Duda um mero desconhecido. (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 2)

Assim, na fanfiction, os Dursleys são igualmente desagradáveis, mas por razão ainda mais absurda que seu horror à magia. No original, os tios de Harry o forçam a dormir no armário debaixo da escada e a usar as roupas velhas de seu filho Dudley, a quem favorecem deliberadamente, porque consideram que os usuários de magia são aberrações e não merecem o mesmo tratamento que os “humanos normais”. Sabe-se que Petunia, tia de Harry, não queria separar-se de Lily quando a irmã recebeu o convite para estudar em Hogwarts, e chegou a escrever uma carta para Dumbledore em que pedia para frequentar a escola de magia também. Quando Lily e James morrem, sua tristeza e inveja se intensificam, e Petunia decide rechaçar qualquer aproximação com o mundo mágico, embora tivesse concordado em abrigar Harry após a morte de seus pais para protegê-lo de Voldemort (ROWLING, 2005).

Quando Harry completasse dezoito anos no original, Sirius Black já estaria morto há três anos. Mas ele é personagem presente em *Green Eyes*, uma vez que exerce a função de figura paterna para Harry na fanfiction.

IV. O trio

Desde o primeiro livro, Harry conta com a amizade e lealdade de Ronald Weasley e Hermione Granger durante sua saga contra as Artes das Trevas. A princípio, Ron e Harry não aprovam a dedicação fervorosa de Hermione aos estudos, mas após derrotarem um troll que invade a escola, tornam-se amigos inseparáveis (ROWLING, 1997, p. 165). O trio segue enfrentando os desafios em Hogwarts e no mundo bruxo e Potter tem sempre o apoio de Ronald e a inteligência de Hermione para continuar sua jornada contra o mal até os últimos capítulos: “Acima de tudo, senti o mais estupendo alívio, e vontade de dormir. Mas, primeiro, devia explicações a Ron e Hermione, que haviam permanecido ao seu lado por tanto tempo, e que mereciam a verdade”⁶¹ (ROWLING, 2007, p. 746).

⁶¹ Most of all he felt the most stupendous relief, and a longing to sleep. But first, he owned an explanation to Ron and Hermione, who had stuck with him for so long, and who deserved the truth.

Sabe-se que, após muitas provocações e indiretas, Ron e Hermione finalmente terminam juntos, e no último capítulo do livro sete, dezenove anos após a batalha de Hogwarts, os dois estão casados, com dois filhos. Em *Green Eyes*, na Universidade de Hogwarts, Hermione e Ron já são namorados e seus novos programas de casal inevitavelmente afastam Harry de sua companhia: “— Eu torci tanto pra que eles se acertassem e quando isso finalmente acontece eu me sinto excluído. Sou tão egoísta, Sirius!” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 2).

A companhia de Draco parece então oportuna para andar de bicicleta e correr no parque, já que nem Ron nem Hermione gostavam de praticar esportes. Sua aproximação é inacreditável para Ron, que considera Draco um “bastardozinho metido a besta” e fica atordoado ao saber que Harry estaria apaixonado por Malfoy, mesmo que Hermione lhe tinha apresentado todas as evidências dos sentimentos de Potter por Draco. A namorada finalmente o convence de que sua atitude afastaria Harry ainda mais e Ron oferece seu ombro amigo a Harry, ainda que se sentisse desconfortável com o assunto:

— Ouça, Harry — Ron continuou, e era estranho ouvir toda aquela compreensão na voz do amigo. — Eu sei que não tenho encorajado muito você a falar sobre esse assunto, mas... olha... — ele respirou fundo por um momento, alguma incerteza finalmente transparecendo em sua voz. — Eu quero que você saiba que pode... pode me contar. Qualquer coisa. Seja o que for. (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 27)

No último capítulo, Hermione e Ron anunciam seu noivado e dizem que se casariam assim que se terminassem a faculdade. Mesmo que Ron tenha torcido o nariz ao ver Draco e Harry muito próximos, e que Malfoy também não suportasse a companhia de Weasley por muito tempo, Potter mantém sua amizade com os dois amigos, bem como seu namoro com Draco.

V. Black e Lupin

Conforme apontado anteriormente, Sirius Black e Remus Lupin são apresentados na fanfiction como um casal homossexual. No capítulo cinco, Sirius confessa a Harry que sente por Lupin algo maior do que a amizade que tinham: “Nós só tínhamos um ao outro e, sem que eu percebesse, um sentimento foi chegando sem pedir licença em mim” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 5).

Após a reação animada de Harry, Sirius decide declarar-se a Lupin, que pede um tempo para pensar, mas não demora a aceitar, ainda que o relacionamento de ambos tenha se mantido secreto. Sirius ainda é apresentado como extremamente ciumento e Remus como alguém sensato que sofre de crises de asma quando nervoso. O fato de Lupin ter um problema de saúde provavelmente se deve ao fato de que, na série original, Lupin foi mordido por um lobisomem quando criança e sofre com as transformações durante as luas cheias (ROWLING, 1999).

Assim que Lupin se muda para a casa de Sirius e Harry, os três passam mais momentos em família: “Eles despediram-se de Black e Lupin na cozinha. [...] — Divirtam-se — recomendou Remus, bem-humorado, sendo abraçado pelo namorado. — Juízo — reforçou Sirius. — Cuidado com a minha moto e não cheguem muito tarde” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 31). Não há referências no original sobre um possível relacionamento entre Remus e Sirius.

VI. Lucius e Narcissa Malfoy

É difícil precisar a relação de Draco com seus pais, Lucius e Narcissa, nos livros originais. Malfoy é definitivamente mimado, como se pode observar em *Harry Potter and the Philosopher's Stone* (1997), o que pode ser visto pelo modo como exige uma vassoura nova do pai e a quantidade de presentes que recebe quase que diariamente. A mãe certamente o ama e protege, o suficiente para mentir a Voldemort que Harry está morto, apenas para saber de Potter se Draco estava vivo no castelo, próximo ao fim da narrativa (ROWLING, 2007). Na fanfiction, Narcissa também se mostra bastante protetora, e manipula Lucius para que dê a Draco o que ele queira e aja da forma que ela gostaria: “Você pode pensar que eu me submeto demais a seu pai, mas ele se submete mais a mim do que imagina. Eu apenas faço parecer que ele está fazendo as próprias vontades quando faz as minhas” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 29).

No original, Lucius Malfoy age conforme seus interesses: quando Voldemort foge, enfraquecido, da casa dos Potter em 1981, Malfoy mantém seu status e suas conexões e nega seu envolvimento com o Lorde das Trevas, embora espere que ele retorne para dar à família a glória que acredita merecer: “Ouvi dizer que você não renunciou às antigas condutas, mas ao mundo você mostra uma face respeitável. Creio que ainda esteja pronto para assumir a liderança em

tortura trouxe, estou certo? Mesmo assim, você nunca tentou me encontrar, Lucius...”⁶² (ROWLING, 2000, p. 650).

Em *Green Eyes*, Lucius também tira vantagem das situações e valoriza sua reputação. Cúmplice dos crimes de Tom Riddle, tenta eliminar todas as provas de sua participação na máfia do assassino dos Potter. Sempre que quer impor suas opiniões na empresa (como a vaga de Potter e o salário de Natalie), Draco ameaça revelar ao mundo as sonegações de impostos, lavagens de dinheiro e crimes como cometidos por seu pai seguidor de Riddle, embora não queira vê-lo condenado:

— Sim, e nós dois sabemos que o senhor *foi* um dos seguidores dele — Lucius fez menção de explodir novamente, mas Draco elevou um pouco a voz para continuar. — Eu não pretendo denunciá-lo. Nunca disse isso, nem é minha intenção. Não quero meu próprio pai preso — assegurou, apesar de conservar um pouco de desprezo na voz, como se afirmasse que fazia isso por simples lealdade ao seu sangue, não por Lucius, propriamente. (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 27)

Os esforços da família não são suficientes e Lucius é condenado a 49 anos de prisão. Ele e Narcissa fogem para a França e Draco fica sem notícias dos pais por quase dois anos até poder visitá-los. Quando finalmente pode viajar para vê-los, Narcissa está grávida de oito meses de uma menina e os Malfoy vivem de um “negócio que estava se mostrando bastante lucrativo e haviam se instalado num vilarejo com as mais luxuosas propriedades” (LUPIN, 2005-2007. Capítulo 30).

O final dos Malfoy na série original é desconhecido. A última cena em que aparecem é descrita no penúltimo capítulo, em que, reunidos, os três, no saguão principal da escola destruída, olham em volta sem saber se eram bem-vindos após a morte de Voldemort. Sabe-se que Draco se casa e que tem um filho, mas não há outras referências sobre o destino da família Malfoy na série.

⁶² I am told that you have not renounced the old ways, though to the world you present a respectable face. You are still ready to take the lead in a spot of Muggle-torture, I believe? Yet you never tried to find me, Lucius...

VII. Hogwarts

Hogwarts é retomada como instituição de ensino na fanfiction de Amy Lupin: Draco e Harry estudam da “Universidade de Hogwarts” (LUPIN, 2005-2007). Com exceção das salas de aula e da quadra de vôlei, o espaço da faculdade não tem a mesma relevância da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts observada no original, com os espaços da Floresta Proibida, as passagens secretas do castelo, o campo de Quadribol, e os salões das casas, uma vez que Harry e seus amigos moravam nos dormitórios da escola durante o período letivo (ROWLING, 1997b).

Contudo, são recuperados em *Green Eyes* alguns dos professores da Hogwarts original como docentes da universidade, como Remus Lupin (professor de Defesa contra as artes das trevas no ano três e de Estatística na universidade apresentada na fanfiction, por exemplo) e outros como Severus Snape e Minerva McGonagall. A instituição da narrativa do fã conta ainda com Dumbledore como reitor da universidade, diretor da escola de magia nos livros de Rowling.

3.2.2. Desenvolvimento de personagens

Conforme descrito acima, Draco Malfoy é o personagem principal da fanfiction de *Green Eyes*. São retomados os traços físicos, os cabelos loiros, o corpo magro e os olhos cinzentos do original, assim como alguns dos traços marcantes de personalidade percebidos sobre ele, como a arrogância e a pertinência. Mas o Draco da fanfiction ganha maior profundidade com a apresentação de seus pensamentos e das mudanças de comportamento em relação a Harry e às pessoas com quem convive, ganhando os atributos de um rapaz justo, carinhoso e inteligente, embora ainda sarcástico e, por vezes, cínico.

O Harry de *Green Eyes* mantém a humildade e o senso de justiça do Potter original. “Para todo o mundo, o garoto era nobre e humilde. [...] Quanto mais o garoto fugia da fama, mais admirado ele se tornava e, conseqüentemente, mais odiado por Draco” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo1). Os cabelos bagunçados, os óculos, sua estatura e seus olhos verdes de Harry Potter, herdados da mãe, também são recuperados dos livros: “Todos no time eram mais altos que ele e bagunçavam ainda mais os cabelos negros em completo desalinho do garoto. Ele usava óculos de

aro redondo e armação preta que emolduravam belíssimos olhos verdes, como duas esmeraldas” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo1).

Famoso também por ignorar as regras da escola no original (ROWLING, 2000), o Harry de *Green Eyes* não precisa se meter em encrenca da faculdade, uma vez que não há Voldemort para enfrentar. Mas destaca-se nos livros e na fanfiction sua paixão pelo esporte (Quadribol, no original, e vôlei na narrativa de Lupin), bem como seu caráter: “Dobby ouviu falar de sua grandeza, senhor, mas de sua bondade Dobby nunca soube...”⁶³ (ROWLING, 1998, p. 15); “Depois de conhecê-lo, Sirius passou a respeitá-lo e admirá-lo. Ele enxergava no menino o caráter de seu melhor amigo James Potter melhorado pela combinação com a personalidade marcante da doce Lily Evan” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 2). Assim, Remus também o descreve na fanfiction: “Ele herdou a sensibilidade de Lily, vai saber como dobrar Malfoy. Além disso, Harry é cativante demais. Não acho que Malfoy seja imune a ele” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 14). O Potter da narrativa de Amy Lupin ainda mostra talento na área de tecnologia da informação e em música em suas aulas de piano com o padrinho.

O Sirius Black de *Green Eyes* é bastante corajoso por ter enfrentado os anos de prisão injusta, as audiências para conseguir a guarda de Harry e a declaração de seus sentimentos por Remus para si próprio, para o afilhado e para a família Weasley. O Black de Amy Lupin é caracterizado, além disso, como extremamente ciumento; seus ataques normalmente acontecem sem motivo e ele mesmo descreve sua paixão por Lupin como algo excepcional: “Eu não acho que eu seja gay, não me definiria assim. Nunca cheguei a gostar de outros homens, nunca nenhum me chamou a atenção. Acho que era para ser o Remus mesmo... como se ele fosse a única pessoa para mim... não sei explicar” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 11).

Lupin, na fanfiction, é bastante discreto e considerado um professor excelente de Estatística e de violão, o que provavelmente se deve ao sucesso de suas aulas como professor em Hogwarts no original. No terceiro livro da série, quando fez parte do corpo docente de Hogwarts, Lupin tornou-se mentor de Harry e ajudou-o a combater os Dementadores que rondavam a escola, e por ser calmo e sempre razoável, é alguém a quem pedir conselhos no original e também na fanfiction (ROWLING, 1999; LUPIN, 2005-2007). Assim, o Remus de *Green Eyes* parece ser bastante sensato, especialmente em relação ao impetuoso Sirius: “— Harry sabe se cuidar, Sirius. Teve que aprender a se virar sozinho desde que se conhece por gente, não se preocupe com o

⁶³ "Dobby has heard of your greatness, sir, but of your goodness, Dobby never knew..."

juízo que ele fizer.” (LUPIN, 2005-2007. Capítulo 14) Snape, também professor na universidade, mantém a duplicidade do personagem original: agente duplo, infiltrado na máfia de Tom Riddle, Severus se recusa testemunhar a favor de Lucius Malfoy em seu último julgamento. Snape desaprova a proximidade de Draco e Harry, principalmente seu relacionamento amoroso. No entanto tenta impedir que Lucius flagre o afilhado junto de Potter no vestiário da faculdade.

As secretárias Natalie Pritchard e Heloísa Popkin são as únicas personagens originais da fanfiction. Natalie assume um papel muito importante na vida de Draco. É para ele alguém com quem se abrir para entender a si mesmo. A personagem é descrita como

muito bonita, mesmo com seus trinta e sete anos e dois filhos. Era alta e elegante, com uma voz agradável e sorriso simpático. Draco tinha esperado que sua secretária fosse uma garotinha ingênua em seus recém-completos dezoito anos, decote provocativo e saia minúscula e tinha se decepcionado quando fora apresentado à Natalie, porém ela se mostrara uma ótima pessoa, madura e cativante. Draco fizera uma amizade gostosa com ela, na verdade conversava muito mais à vontade com ela do que com sua própria mãe. (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 3)

Popkin, a secretária de Lucius Malfoy, usa maquiagem carregada e roupas curtas, e é sua amante, mas não tem muito destaque na fanfiction. Além dos pais de Draco, Lucius e Narcissa, outros personagens da série original aparecem circunstanciados na fanfiction em questão, como Pansy Parkinson, amiga de Draco nos livros, mas sua namorada na narrativa de Amy Lupin, a família Weasley, Crabbe e Goyle, entre outros.

3.2.3. Narrador

Conforme descrito acima, o narrador da série original é heterodiegético, de onisciência seletiva, ainda que se possa caracterizar múltipla em pontos específicos da história. Já o narrador de *Green Eyes* também é heterodiegético, mas de onisciência sempre múltipla, tendo em vista que descreve as percepções do protagonista Draco Malfoy, principalmente, mas também as de Harry Potter, Sirius Black e até Severus Snape: “Era a vez das narinas de Snape tremerem. Quem Lucius pensava que era para falar da antiga amizade deles? Uma amizade que nunca existira de

verdade, que não passava de um jogo de influências, de negócios e uma competição sobre quem era o seguidor preferido de Riddle” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 28).

3.2.4. Tempo e espaço

Do primeiro ao vigésimo nono capítulo da fanfiction seis semanas transcorrem, do dia em que Draco provoca uma briga com Potter, após um treino de vôlei, até o momento em que Harry e Draco decidem começar a namorar. No trigésimo capítulo, dois anos se passam e Malfoy pode então visitar seus pais no exterior e descreve-se como as circunstâncias mudaram desde então: Harry é promovido na empresa, Natalie torna-se sócia de Draco e os Weasleys tomam conhecimento do relacionamento entre os dois. O narrador então termina o epílogo com a descrição do vínculo que criaram durante o tempo percorrido:

Fazia apenas dois anos que eles tinham começado a namorar e Draco sentia como se tivesse vivido ao lado de Harry por toda a sua vida. Ou como se sua vida só tivesse realmente começado depois que o moreno entrou nela pra ficar. Draco nunca tinha acreditado que um sentimento como esse pudesse durar tanto, mas a cada dia parecia descobrir algo novo dentro de si mesmo. (LUPIN, 2005-2007, Epílogo)

É difícil saber o ano em que a história se passa, mas a fanfiction ignora a cronologia proposta por Rowling, de 1991 a 1997, do ingresso de Potter em Hogwarts à batalha final contra Voldemort. Em certas passagens, menciona-se que Draco tem um celular, com o qual pode tirar fotos. Portanto, é possível inferir que a história se passe em meados de 2000, época em que foi publicada (LUPIN, 2005-2007).

O espaço é, em grande parte, criação de Amy Lupin: a Universidade de Hogwarts não tem o mesmo destaque que a escola do original e se resume às salas de aula e ao ginásio de esportes. O apartamento em que vivem Sirius Black e Harry Potter é idealizado pela autora: o lugar tem três quartos e Potter tem um para si, onde passa grande parte do tempo ao computador ou ao piano. A mansão dos Malfoy também figura como espaço importante na fanfiction e conta com um quarto enorme para Draco, jardins e piscina, jamais descritos no original. Outro local significativo, descrito na narrativa, é um parque, onde Harry e Draco correm e andam de

bicicleta. Lugares tipicamente bruxos no original, como o Beco Diagonal e Hogsmead, não figuram na fanfiction.

3.2.5. *Slash* em *Green Eyes*

O relacionamento entre Harry e Draco permite classificar *Green Eyes* como uma fanfiction *slash*. No primeiro capítulo há, antes do início do texto, um aviso da autora: “Atenção: Essa fic é slash, o que significa que haverá relacionamentos amorosos homossexuais. Por isso, se você não gosta, não leia; se você não conhece e está curioso, leia com cuidado; se você curte, divirta-se!” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 1). O tema é abordado na narrativa de Amy Lupin de maneira a expor o que os personagens sentem ao se descobrirem homossexuais, bem como a reação dos demais personagens à sua relação homo afetiva.

Feliz, mas, ao mesmo tempo, confuso com seu próprio comportamento quando na companhia de Potter, Draco desabafa com Natalie e ela o ajuda a chegar à conclusão que ele próprio havia preferido ignorar até então:

— Eu não sou gay, Natalie, não sou! — ele quase sussurrou, parecendo desolado. Seus olhos brilhavam como se fossem transbordar, mas Natalie sabia que ele não permitiria que isso acontecesse.
 — Deixe de ser tolo — ela falou, firmemente, quase com severidade. — Pare de se dar nomes, você está fazendo da maneira errada. Admita o que você sente. [...] Você já vai ter que aguentar o preconceito de outras pessoas ignorantes durante sua vida, não some a isso seu próprio preconceito, ok? Você não é gay, você é Draco Malfoy, apaixonado por Harry Potter. (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 20)

Assim, Natalie o aconselha a não pensar no que estar apaixonado por Harry Potter pode significar para a sociedade e enfatiza a importância do sentimento acima de sua orientação sexual. Potter também reflete sobre sua recente afeição por Draco e sobre suas atitudes em relação a ela: “Harry tinha estado tão preocupado em esconder as evidências de seus sentimentos, em reprimi-los, que nem sequer tinha notado as pistas que Draco deixava” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 26). Harry, no entanto, tem o suporte de Sirius e Lupin, também namorados na fanfiction, e os conselhos do último o ajudam a decidir o que fazer a respeito de seus sentimentos:

É muito mais fácil uma amizade se tornar amor do que o contrário. Padfoot e eu fomos grandes amigos, partilhamos muitos momentos em comum, tanto ruins quanto maus [sic], nos ajudamos, nos conhecemos... desenvolvemos um tipo de amor, sim, desde pequenos. Esse sentimento se transformou, não só no caso dele. Eu também sentia alguma coisa forte demais por ele, uma ligação forte e bonita, só não tinha parado pra pensar o que significava até aquele momento. Então pensei: e se eu tentasse ignorar isso? [...] Eu assumi o risco de tentar, Harry. Não poderia viver com o "talvez". E você? (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 26)

A família de Draco não reage da mesma forma. Lucius Malfoy, ao flagrar Draco e Harry aos beijos no vestiário, estapeia o próprio filho e o expulsa de casa: “— Então eu quero ver essa sua audácia empenhada em tirar suas coisas da minha mansão e pedir que o seu *Harry* lhe ofereça um lugar para passar a noite, pois debaixo do mesmo teto que eu, você não vive mais. Você não é mais meu filho a partir de agora.” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 28) Seu padrinho, Severus Snape, também mostra dificuldade em aceitar a intimidade entre Draco e Harry e considera relações homossexuais como “imorais”. Narcissa Malfoy, sua mãe, admite que esperava dele um casamento vantajoso, com uma garota de família nobre, mas o defende perante Lucius e pede a Draco que seja “cuidadoso”, que revele seu relacionamento com Potter apenas aos amigos mais próximos e que mantenha perante o resto do mundo “sua imagem de herdeiro dos negócios Malfoy heterossexual, solteiro e cobiçado” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 29).

Os Weasley também não aceitam com facilidade o relacionamento de Sirius e Remus, e tampouco o de Harry, mas se esforçam para parecer tolerantes. Na faculdade, Harry e Draco ainda testemunham um episódio em que duas garotas são vistas se beijando no banheiro e são vítimas dos comentários homofóbicos de alguns colegas: “— “Sujas! Sapatas! [...] Draco encarava a porta do banheiro feminino, onde duas figuras estavam agachadas, encostadas na parede. Uma delas estava chorando copiosamente nos braços da outra, que tentava consolá-la” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 28).

À vista disso, *Green Eyes* não só propõe o relacionamento entre Draco e Harry, mas também apresenta questões pertinentes sobre descoberta, aceitação e preconceito no tocante a relações homossexuais dos personagens da fanfiction. Segundo Vargas (2011), vencer barreiras psicológicas e sociais é um dos aspectos mais comuns nas histórias classificadas como *slash* no *fandom* de Harry Potter, bem como a origem do relacionamento em “*inimizade* testada e aprovada no canon original” (VARGAS, 2011. p. 140-141).

3.2.6. Mudança de gênero em *Green Eyes*

Observa-se que a fanfiction de Amy Lupin apresenta mudança de gênero em relação à série original, cujo foco são as aventuras de Harry Potter distribuídas nos sete anos abordados nos volumes de Rowling. Casos de amor nunca foram o forte do herói da saga; destaca-se apenas um beijo, que troca com a personagem Cho Chang em *Harry Potter and the Order of the Phoenix* (2000), e outro mais de 700 páginas depois com Ginny Weasley, em *Harry Potter and the Half Blood Prince* (2005) na frente de todos os colegas após uma partida vitoriosa de Quadribol: “E sem pensar, sem planejar, sem se preocupar com o fato de que cinquenta pessoas estavam assistindo, Harry a beijou. Depois de vários minutos – ou talvez tivesse sido meia hora – ou possivelmente muitos dias ensolarados – eles se separaram”⁶⁴ (ROWLING, 2005. p. 499).

Limita-se a aparição do amor romântico a essas cenas breves e raras durante a narrativa, sendo que não há descrição e nem mesmo sugestão de relação sexual entre personagens em nenhum dos sete livros da série. No entanto, em *Green Eyes*, o caso entre Harry e Draco torna-se o centro da narrativa. Nota-se também descrições mais detalhadas de seus momentos mais íntimos: “Harry respondeu com entusiasmo, fazendo com que o loiro desse alguns passos para trás até encostar as costas na parede de pedra fria [...]. Estremeceu, mas segurou Harry com mais força pela nuca, impedindo-o de se afastar.” (LUPIN, 2005-2007. Capítulo 28) A autora classifica sua fanfiction como romance e também comédia (*humor*) no site do Fanfiction.net, o que provavelmente se deve às cenas em que Sirius aparece ou aos momentos em que a atitude arrogante de Draco não se sustenta na companhia de Potter:

Draco ainda estava sem respirar pelo susto, encarando de olhos arregalados e boca aberta o lugar em que, havia pouco, estiveram aquelas íris verdes. Até que Snuffles trocou de alvo e começou a lambe sua orelha.

— Hey! — Draco sentou-se rapidamente e tentou empurrar o cachorro, mas não era nada fácil. — Potter, faça alguma coisa!

Porém o outro ainda estava se acabando de rir. (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 12)

⁶⁴ And without thinking, without planning it, without worrying about the fact that fifty people were watching, Harry kissed her. After several moments – or it might have been half an hour – or possibly several sunlit days – the broke apart.

Amy Lupin publicou, ainda, uma fanfiction denominada *Censurado*, com pontos da narrativa de *Green Eyes* desenvolvidos com exposição das cenas de Harry e Draco, a sós, que não cabiam em uma fanfiction com conteúdo adequado para adolescentes maiores de treze anos (que é o caso da história inicial) para saciar a curiosidade dos leitores quanto à intimidade dos personagens. A publicação de *Censurado*, que funciona como uma extensão da fanfiction original, tem conteúdo apropriado para adolescentes com dezesseis anos ou mais, e apresenta cinco cenas censuradas de *Green Eyes*, com a narrativa da primeira relação sexual de Remus e Sirius, por exemplo, somente sugerida no capítulo original. Mesmo com apenas cinco cenas adicionadas, o sucesso de *Green Eyes* se refletiu em *Censurado*, o que lhe rendeu mais de 130 comentários e 140 cliques como favorita.

3.2.7. *Song fic*

Alguns dos capítulos de *Green Eyes* são entrecortados por letras de músicas, em especial, canções da banda britânica de rock alternativo Coldplay, com direito a tradução. Em geral, a letra das músicas coincide com o que um dos personagens está vivendo. No capítulo 14, por exemplo, observam-se as reflexões e indagações de Draco sobre sua convivência com Potter, intercaladas com a letra de “What If”, do Coldplay, centralizada, em itálico:

*oo-oo-oo that's right
(Ooooooooooh tá certo)
let's take a breath jump over the sigh
(Vamos respirar e pular pra próxima etapa)
oo-oo-oo that's right
(oooooooooh tá certo)
How can you know if you don't even try
(Como você pode saber se não tentar)
oo-oo-oo that's right
(oooooooooh tá certo)*

Draco não estava tão em forma quanto o moreno por ter relaxado durante um longo tempo, porém estava retomando seu pique aos poucos, além de voltar a ter prazer nisso. Até que a convivência com o garoto estava trazendo algumas vantagens, apesar de todo esse sentimentalismo barato que despertava nele. Precisava se sentir tão feliz pelo simples fato de ter despertado alguma simpatia no moreno? (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 14)

De fato, o título da fanfiction se deve, além dos famosos olhos verdes de Potter, à música homônima “Green Eyes”, também do Coldplay, que aparece na voz de Draco, cantando para Harry no capítulo 29:

*That, green eyes,
(Que, olhos verdes,
You're the one that
(você é aquele que)
I wanted to find
(eu queria encontrar)
Anyone who
(Qualquer um que)
Tried to deny you
(tentasse te rejeitar)
Must be out of their mind
(Deveria estar maluco)*

— Exagerado — Harry sussurrou, sem jeito, arrancando outro sorriso de Draco, mas ele não se desconcentrou e pronunciou enfaticamente as próximas palavras enquanto acenava positivamente com a cabeça, como se conversasse com ele. (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 29)

Segundo Amy Lupin, em suas notas ao final dos capítulos, *Green Eyes*, do Coldplay, estava prevista para aparecer em um dos últimos capítulos desde o início das publicações. Sempre, após os capítulos com músicas intercaladas, a autora deixava o nome e a banda ou cantor de referência para os leitores. De acordo com ela, as letras da banda enriqueciam o texto. Em relação ao capítulo 14, disse: “Na verdade, só tinha o diálogo, então eu fui acrescentando os pensamentos, os medos e as reações de Draco conforme a letra da música. No fim, acabou encaixando perfeitamente, como sempre... Coldplay se encaixa perfeitamente a essa fic, ora essa!” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 14).

Assim, a introdução das letras de música na fanfiction foram significativas durante o processo de escrita e pode ter levado os leitores a escutarem as músicas enquanto liam os trechos em que apareceram. A introdução de letras de música na narrativa é procedimento comum, utilizado em diversos *fandoms* e em fanfictions que não necessariamente apresentem universo alternativo. Embora *Green Eyes* não esteja conformada às regras do Fanfiction.net, que explicita a proibição de cópia de material publicado anteriormente, “incluindo letras de música”, ela permanece entre as mais populares no *fandom* potteriano brasileiro e, até o momento, não foi denunciada por nenhum usuário do site.

3.2.8. Recepção

Da mesma maneira que Silverghost ansiava por *reviews* para *Hades: às portas do inferno* (2004), Amy Lupin, durante a publicação de *Green Eyes*, também valorizava a interação com seus leitores. Ao final de cada capítulo, explicou decisões tomadas sobre o enredo e comentou as dificuldades e percalços do processo criativo:

Foi um sufoco escrever essas poucas linhas em que ele estava dentro do carro, refletindo sobre o comportamento do Draco... Eu escrevia, lia, acrescentava algumas coisas, tirava outras, e não gostava do resultado. [...] Harry parece tão mais complexo, apesar de transparente... é difícil colocar em palavras todos os pontos de sua personalidade. (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 13)

Amy Lupin também respondeu aos comentários mais relevantes de seus leitores sobre sua história e levou alguns deles em consideração no desenvolvimento de suas histórias. A aprovação de Natalie pelos leitores, por exemplo, levou-a a se tornar sócia da empresa dos Malfoy e grande amiga de Draco: “Gente, fiquei tão animada com o sucesso da Natalie que já estou maquinando mais participações especiais dela” (LUPIN, 2005-2007 Capítulo 4). Ainda em uma de suas notas, ao final do capítulo treze, a autora acrescentou que, devido a pedidos de seus leitores, decidiu adicionar Potter como um dos personagens em foco pelo narrador: “Essa reflexão do Harry eu acrescentei de última hora por causa dos inúmeros pedidos que tenho recebido pelo ponto de vista do moreno” (LUPIN, 2005-2007, Capítulo 13).

Com efeito, a interação entre seu público e Amy Lupin é bastante relevante, uma vez que *Green Eyes* (2005-2007) permanece, em 2015, uma das fanfictions com mais comentários de leitores dentre as histórias completas em português com mais de 10 mil palavras. Em entrevista recente, a autora garante que os comentários influenciaram o desenvolvimento da história:

Minha intenção era que a fic fosse longa, mas talvez ela não tivesse sido tão longa se eu não tivesse experimentado o 'empurrãozinho' dos leitores. Personagens começaram a ganhar mais espaço conforme a aceitação que tinham, novas ideias surgiam a partir dos comentários... Tenho certeza que meus leitores participaram do desenvolver da fic mais do que imaginam, por isso a importância dos comentários! (LUPIN, 2015)

Segundo a autora, os fatores que atraíram mais leitores para *Green Eyes* foram as indicações dos que já a acompanhavam e também o próprio número de comentários que a

narrativa recebia. Amy Lupin ainda acrescentou que não imaginava que faria tanto sucesso: “Eu dizia para mim mesma: não espere muito retorno com esta, afinal o público para fics slash é menor. Mas, para minha surpresa, em pouco tempo o retorno foi muito maior do que na minha primeira fic.” (LUPIN, 2015) Uma de suas leitoras, Gabi Bars, comentou em junho de 2012: “Eu não gostava de universo alternativo até ler *Green Eyes*. Decidi ler a fic porque várias pessoas disseram que era indispensável para toda fã de Pinhão...⁶⁶ E foi uma das melhores coisas que já fiz!” (BARS, 2012) A *review* demonstra, assim, como as indicações atraíram mais leitores para *Green Eyes*. Segundo Vargas (2011), a fanfiction foi também uma das mais indicadas no Potter Slash Fics, fórum, no Yahoo, que reúne fãs do subgênero. (p. 143)

3.2.9. Conformidade à tradução de Wyler

Constata-se em *Green Eyes* que os nomes próprios são recuperados do original, como Remus Lupin, Severus Snape e Albus Dumbledore. Como o mundo mágico não é retomado na fanfiction, nomes de lugares, feitiços e poções bruxos não aparecem na narrativa. Não se fez uso, portanto, da tradução de Wyler para o desenvolvimento dessa história. Contudo, a opinião de Amy Lupin sobre as traduções brasileiras é mais branda em relação aos comentários de Silverghost. Para ela, é preciso

levar em conta vários fatores na tradução de uma obra dessa magnitude. Por mais que tenha evoluído com o passar do tempo, para todos os efeitos, *Pedra Filosofal* era um livro de uma série infantil e imagino que seja por isso que a Lia tomou o cuidado de traduzir até mesmo os nomes que julgava mais incomuns como Remus, James, Albus e das casas de Hogwarts. Acredito que a tradutora não poderia imaginar o sucesso que a série faria com os mais variados públicos e talvez tenha se arrependido de muitas decisões que tomou ao longo dos livros. (LUPIN, 2015)

As declarações de Lia Wyler justificaram suas escolhas, e a tradutora não admitiu arrependimento por nenhuma delas em particular. Amy Lupin, no entanto, considera que a prática

⁶⁶ Pinhão: termo utilizado pelo *fandom* brasileiro de Harry Potter para descrever fanfictions com o casal Draco e Harry. Refere-se a uma citação no capítulo sete de *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, em que Draco está com o braço machucado, e Snape o favorece durante a aula de Poções: “— E, professor, vou precisar descascar esse pinhão — disse Draco, a voz expressando riso e malícia. — Potter, pode descascar o pinhão de Malfoy.” (ROWLING, 2000c, p. 105)

da tradução não é simples, e que admira o trabalho de Wyler. “Pessoalmente, eu prefiro usar os nomes originais (em inglês) para os personagens e Casas de Hogwarts nas minhas fics e os nomes traduzidos para lugares e objetos” (LUPIN, 2015). Portanto, certos nomes consolidados da tradução de Wyler são retomados em suas fanfictions, mas nomes próprios de personagens permanecem no original em inglês.

Ainda que *Green Eyes* recupere personagens e determinados pontos da narrativa de Rowling, como a inimizade entre Potter e Malfoy, por exemplo, a fanfiction claramente se caracteriza como universo alternativo, uma vez que seus personagens estão inseridos em um mundo “trouxa”, em um contexto universitário, e Voldemort não faz parte de seus conflitos. Também *Green Eyes* (2005-2007) é desenvolvida de modo a dar destaque a um personagem secundário, Draco Malfoy, e não retoma o gênero aventura do material em que se baseia, mas se observa em seu desdobramento o gênero romance. Além disso, a história de Amy Lupin pode ainda ser classificada como *slash*, já que apresenta relacionamento afetivo entre personagens homossexuais.

Dessa forma, fica evidente que, ao contrário de *Hades: às portas do inferno*, não há a preocupação em reaver na fanfiction a narrativa original na íntegra, ou recuperar pormenores de maneira a preencher uma lacuna, mas a disposição em elaborar uma história nova para os personagens de Rowling, e seu narrador de onisciência seletiva múltipla permite não só desenvolver a personalidade de Draco, mas também explorar suas reflexões sobre sua recém-descoberta homossexualidade. Embora o universo alternativo ofereça maior liberdade de criação, o foco do desenvolvimento de *Green Eyes* não foi a elaboração de novos espaços personagens ou conflitos, mas a redenção de Malfoy por meio da descoberta do amor e o desenvolvimento do romance entre Draco e Harry. Tendo em vista o número de comentários recebidos e a recepção positiva de seus leitores, é possível afirmar que a fanfiction de Amy Lupin representa o interesse do *fandom* brasileiro por narrativas sobre amor romântico, sobre *slash* e sobre personagens secundários, apresentados em primeiro plano.

3.3. *Era uma vez em Veneza* (2011-2012)

A mais recente das fanfictions analisadas neste trabalho chama-se *Era uma vez em Veneza* e conta com quase 108 mil palavras em seus dezenove capítulos e quatro episódios extras. Tendo recebido mais de 700 comentários, a história de Mila B. figura entre as vinte fanfictions que mais receberam *reviews* e cliques de favorita entre os leitores do *fandom*, o que surpreende, já que o início de sua publicação aconteceu quatro anos após o lançamento do último volume da série de Rowling. A narrativa de Mila B., no entanto, tem muito menos aspectos do original retomados do que *Hades: às portas do inferno* e *Green Eyes*.

Era uma vez em Veneza se distancia da Inglaterra dos anos 1990, do mundo bruxo e da escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e transporta os personagens Draco Malfoy e Harry Potter para a Veneza do século XV, apresentando-se, assim, como uma fanfiction de universo alternativo. Draco é um adolescente, narrador de sua própria história, que começa em um vilarejo simples e gelado e cuja sobrevivência ainda dependia da caça de animais. Um dia é forçado a caçar com seu pai, mas ambos são emboscados, Lucius é morto e Draco, sequestrado para ser vendido como escravo. O garoto passa por grandes apuros durante uma longa viagem de navio e, quando está prestes a ser adquirido por Tom Riddle, Harry Potter, um importante senhor de Veneza, impede a compra e consegue botar Riddle atrás das grades.

Potter apadrinha Draco e o leva para morar consigo em seu palacete em Veneza. Oferece-lhe os melhores professores para aulas de filosofia, esgrima, pintura e italiano. Draco é bastante agradecido pela generosidade de Harry, que é dez anos mais velho, mas passa a sentir algo a mais que apenas admiração e afeto por seu protetor. Draco admite seu amor por Potter, mas Harry desdenha de seus sentimentos, que julga resumirem-se a uma “paixonite” adolescente, sem nenhum cabimento. Mesmo magoado, Draco diz que vai crescer e que não desistirá de Harry Potter.

Três anos se passam e Draco faz amigos em Veneza. Acostumou-se a visitar o bordel da senhorita Parkinson, onde trabalham alguns dos jovens que haviam sido capturados, como ele, e que agora trabalhavam no prostíbulo. Prestes a partir para Pádua, para estudar em uma faculdade por insistência de Potter, Draco decide tentar conquistá-lo mais uma vez. Harry não resiste às artimanhas de Draco: ambos se rendem ao desejo que sentem um pelo outro e vivem dias de paixão intensa. Contudo, Riddle, que havia escapado de prisão e fugido sem deixar rastros,

captura Draco novamente, de maneira a atrair Potter para sua armadilha e, finalmente, eliminá-lo. Mas Harry leva reforços e mata Riddle em um duelo de espadas em alto mar.

Após o final feliz, Draco parte para Pádua e, após dois anos de estudos, suas cartas e visitas se tornam mais raras. Preocupado com o distanciamento de Draco, Harry vai até a cidade, apenas para que Draco lhe garanta seu amor e fidelidade e afirme que seu afastamento se justifica por seu receio em não conseguir retornar a Pádua e terminar seus estudos longe de Potter.

3.3.1. Retomada e criação: episódios recuperados e desenvolvidos

Como se pode notar pelo resumo da trama, pouco se observa dos livros de Rowling na fanfiction de Mila B. além dos nomes dos personagens. Os bruxos do original jamais aparecem nas ruelas e canais da Veneza do século XV, apresentada na narrativa, mas vê-se desenvolvida a relação homoerótica entre Draco e Harry nesse contexto tão distante da Hogwarts dos sete volumes da autora britânica. Apesar do incontestável afastamento da narrativa original, *Era uma vez em Veneza* ainda guarda alguns vínculos com a série.

I. Potter *versus* Riddle

A despeito do distanciamento da narrativa do menino bruxo que sobreviveu a tantas dificuldades e perigos, o principal eixo da história de Rowling, ainda que reinventado, se vê presente na fanfiction de Mila B.: o embate entre Harry Potter e Lord Voldemort. Nos livros, Harry precisa não só defender a si próprio das tentativas de Voldemort de exterminá-lo, mas também os mundos bruxo e trouxa. Durante toda a jornada, desde os onze anos, enfrenta o desprezo dos Dursleys, a perda de entes queridos e a incerteza de sair vivo dos encontros com o vilão. A última frase do penúltimo capítulo retrata muito bem os percalços e os pesares de *ser* Harry Potter: “Já tive problemas o bastante para uma vida toda”⁶⁷ (ROWLING, 2007, p. 749).

O Harry Potter de *Era uma vez em Veneza* também tornou-se órfão pelas mãos de Riddle na Itália do século XV:

⁶⁷ “I’ve had enough trouble for a lifetime.”

[...] o pai de Harry há muito tentava colocar Tom Riddle na cadeia, por seus negócios ilegais. Ele sempre escapava, contudo. Todos sabiam sobre os negócios ilegais de Riddle, mas ele é um nobre burguês, e muito rico. Ninguém tinha coragem de acusá-lo abertamente. Todos, menos James Potter. Um dia, sem explicações, o casal Potter foi encontrado morto no Arsenale, dentro de um dos navios do próprio James. (MILA B., 2011-2012. Capítulo 6)

Os Dursleys jamais aparecem em *Era uma vez em Veneza*, e Potter é criado pelo padrinho, Sirius Black, e por Remus Lupin até completar dezoito anos (MILA B., 2011-2012, Capítulo 2). Assim como o Harry de Rowling abraça a causa de seus pais, o Potter da fanfiction, senhor rico e influente de Veneza, dedica-se a acabar com os planos de Riddle e proteger os jovens que lhe serviriam como escravos: “Harry tinha então quinze anos, mas imediatamente começou a seguir a carreira do pai, como lorde protetor de Veneza, e desde então vinha procurando maneiras de jogar Riddle na prisão” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 6)

Não obstante, o Potter de *Era uma vez em Veneza* não é salvo pela mãe e seu sacrifício tem menos importância na sobrevivência de Harry quando criança. Na descrição de seu assassinato pelo próprio Tom Riddle, Lily tenta proteger James Potter e Harry não está presente. Acrescente-se ainda o fato de que Riddle a havia pedido em casamento, mas Lily o recusou (MILA B., 2011-2012, Capítulo 16).

Conforme relatado no resumo da fanfiction, Riddle sequestra Draco, mais uma vez, a fim de eliminar Harry Potter. O último se mostra mais esperto e leva reforços para destruir Riddle em alto mar. Riddle tem tempo de ferir Draco gravemente e jogá-lo na água, mas Andrej pula para salvá-lo e um dos navios de Marino os resgata. Quando percebe que Draco ainda está vivo, Potter, enfim, vence Riddle no duelo:

[...] mas certamente o prazer nos olhos verdes foi maior quando ele enfiou a espada pelo pescoço de Riddle, desceu a lâmina por seu corpo e o ergueu, murmurando algo que não pude ouvir para seu nêmeses [sic], para então empurrá-lo calmamente contra a borda do navio, com a espada ainda cravada em seu corpo. Riddle caiu tão lentamente, que achei que o tempo havia decidido passar mais devagar, para marcar bem o momento em que Tom Riddle foi engolido pelo Adriático. (MILA B., 2011-2012, Capítulo 16)

Embora o Harry Potter de Rowling tenha vencido Voldemort, sua morte não ocorre de forma tão brutal, nem Harry é o autor de sua morte. Empunhando a *Elder Wand*, a “varinha das

varinhas”, Voldemort tem sua última chance de eliminar Harry. Mas, pelo fato de Potter ser o verdadeiro mestre da varinha mais poderosa do mundo, pela segunda vez o feitiço se volta contra ele e Tom Riddle é o responsável por sua própria derrota: “Voldemort estava morto, abatido por sua própria maldição, e Harry tinha as duas varinhas nas mãos, encarando o corpo de seu inimigo”⁶⁸ (ROWLING, 2007, p. 744).

O último feitiço de Harry contra Voldemort ainda é o *Expelliarmus*, que serve apenas para desarmar o oponente, o que dá margem para se pensar que, mesmo depois de tanto sofrimento infligido por Voldemort, Potter não escolheu matá-lo. Pode-se supor, assim, que o Harry Potter de Mila B. é bem menos complacente que o de Rowling. No capítulo dezessete, apesar de parecer penitenciar-se por matar Riddle e estar aflito quanto ao julgamento de suas ações por Draco, Potter é categórico: “‘Você se arrepende?’ Perguntei, antes de respondê-lo. ‘Não.’ Harry disse, a voz rouca, sussurrada, mas ainda capaz de alcançar todos os cantos daquele quarto” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 17).

No final da fanfiction, Potter ainda admite que sua vida era “uma escuridão estranha” antes de Draco aparecer e que havia apenas “vingança, raiva e solidão”, apontando Draco como seu salvador (MILA B., 2011-2012). O Potter de Rowling tem seus momentos de raiva e frustração, principalmente em *Harry Potter and the Order of the Phoenix* (2003), em que sua mente está conectada à de Voldemort. Mas tem bons momentos de alegria, compartilhados com os amigos na escola, com a família Weasley e Sirius Black e Remus Lupin. Logo, não se pode afirmar que tenha vivido apenas para vingar-se de Voldemort, nem que tenha havido um único personagem que o despertasse para o amor. O Potter vingativo, resgatado pelo afeto de Draco, faz parte da composição do personagem de *Era uma vez em Veneza*.

II. Draco Malfoy, narrador

Apesar de personagem secundário no original, Draco toma a voz do narrador em *Era uma vez em Veneza*. Dadas as circunstâncias em que Draco se apresenta pela primeira vez, isto é, um garoto de vilarejo humilde, nem de longe comparado às riquezas da Itália renascentista, não seria

⁶⁸ Voldemort was dead, killed by his own rebounding curse, and Harry stood with two wands in his hand, staring down his enemy’s shell.

possível sustentar, na fanfiction, a mesma postura de desdém às famílias menos abastadas e tradicionais como fazia o Malfoy de Rowling. De fato, em *Era uma vez em Veneza*, Draco fica atordoado ao conhecer a cidade e o palacete de Potter pela primeira vez:

Harry me levava para conhecer Veneza. Ou ao menos parte dela. Passamos por algumas igrejas, praças, pontes. A cidade pareceu-me repleta de pequenas pontes, por baixo das quais as gôndolas passavam preguiçosamente de tempos em tempos. Eu mal consegui olhar tudo, tanto detalhe havia para ver. [...] "Está gostando?" Harry perguntou, puxando-me pela cintura e segurando-me contra seu corpo quando uns homens carregando móveis e caixotes passaram logo ao nosso lado, por pouco não me atropelando. "Estou. É... é mais do que eu já sonhei em ver algum dia." (MILA B., 2011-2012, Capítulo 4)

Na verdade, com exceção dos traços físicos, pouco do maldoso e arrogante Malfoy dos livros se vê na fanfiction. O Draco da narrativa de Mila B., ao contrário do adversário sonserino de Harry, admira Potter e tudo o que quer é fazê-lo orgulhoso. No capítulo quinto, por exemplo, Draco desobedece a ordem explícita de não visitar o bordel da senhorita Parkinson. Tendo ido até lá, mesmo assim, temeu a raiva de Potter: "Quis dizer que não pretendia desobedecê-lo; que não quis que ele me visse naquele estado lamentável, nervoso e fraco. Não queria desapontá-lo. Nunca. Harry seria a pessoa a quem eu sempre tentaria agradar, e arrancar um olhar de orgulho" (MILA B., 2011-2012, Capítulo 5).

Seu pai, Lucius, caçador na "terra selvagem" onde viviam, jamais poderia ter influenciado sua educação de maneira que apoiasse as ações de Tom Riddle em prol do sangue bruxo puro como na série original. Assim, o Draco da fanfiction tem ódio do homem que o compraria para subjugar-lo aos atos mais terríveis e não lamenta sua morte: "Eu acho bom que você tenha feito o que fez, ou senão nunca teríamos nos encontrado. Alguns sofreram muito naquele navio, mas você salvou centenas que viriam depois de nós, e vingou outras centenas ao dar a Riddle e aos Lestrage o que eles mereciam" (MILA B., 2011-2012, Capítulo 17).

Draco é ainda caracterizado como orgulhoso e irritadiço, por vezes exagerado, o que também pode ser observado no original (ROWLING, 1999, p. 90). Na fanfiction, o personagem detesta que o tratem como criança e fica furioso quando o subestimam: "Harry me considera uma criança.' Reclamei emburrado. 'Mandou-me caçar só cinco gatos! E ele precisou caçar vinte, e tinha só oito anos! Ele me toma por um inválido!' (MILA B., 2011-2012, Capítulo 3). E também, como em *Green Eyes*, Draco sente ciúmes de Potter: "Você é ciumento?" Ele sorriu,

parecendo gostar do que ouvia. ‘O que você acha?’ Perguntei exasperado. ‘Tinha vontade de estripar todas as cadelas com quem você se deitava!’ Exclamei talvez um tanto alto de mais, a despeito da música que enchia o salão.” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 17)

III. Marino e Andrej – capítulos extras

Era uma vez em Veneza tem quatro capítulos extras, narrados pelo personagem original Andrej, também capturado e levado a Veneza como Draco. Andrej, no entanto, não tem a mesma sorte de ser apadrinhado por Potter: é levado ao bordel da senhorita Parkinson, onde trabalha cantando e dançando para entreter os clientes. Marino, outro personagem criado por Mila B., é senhor importante da Itália e frequentador do prostíbulo, que insiste em pagar pelos serviços do garoto. A senhorita Parkinson se recusa a entregar Andrej a Marino, alegando não prostituir crianças, mesmo diante das ameaças do homem de destruir seu bordel. Andrej, preocupado com a mulher que o abrigou, decide obedecer as ordens de Marino: “‘Do que tem tanto medo?’ Ele perguntou, com genuína curiosidade. Ou talvez eu apenas quisesse acreditar nisso. Era mais provável que ele não desse a mínima. Ele estava pagando. Eu *teria* de satisfazê-lo” (MILA B., 2011-2012, Capítulo extra 1).

Nos demais capítulos vê-se a angústia de Andrej na antecipação de ser violentado novamente, como havia acontecido no navio, tanto em decorrência de sua paixão repentina por Draco (que lhe oferece apenas sua amizade) como por sua luta contra o desejo que passou a sentir por Marino: “Houve uma noite em que ele não apareceu, e eu me senti estranhamente desapontado. Se fosse antes, eu teria vibrado, mas naquela noite me senti sozinho, com um frio inenunciável por mais que eu me aconchegasse perto da lareira. Eu não queria admitir, mas sentia saudades” (MILA B., 2011-2012, Capítulo extra 2). Andrej, apesar de ansiar pelas visitas de Marino e de receber presentes, não tinha certeza se seus sentimentos eram correspondidos, já que o homem era casado e morava em outra cidade. Quando Draco e Andrej são sequestrados por Riddle, Marino é quem oferece os reforços de que Potter precisava, desesperado para finalmente levar Andrej consigo para Gênova:

"Te amo." Sussurrei. "Por favor, me leva dessa cidade. Me leva com você, para onde quer que você for." Ele fechou os olhos e riu cristalino, como se todos os

problemas do mundo sumissem e tudo que importava estivesse próximo a ele, seguro em seus braços. O abracei forte, sentindo-me da mesma maneira, mas permaneci sério, encarando-o.

"Eu levo. Eu te levaria mesmo se você não quisesse." (MILA B., 2011-2012, Capítulo 16)

Assim, Mila B. apresenta em *Era uma vez em Veneza* um novo *shipper*, um casal original cuja história nada tem de inspiração na série de Rowling, sendo, assim, criação da autora da fanfiction.

3.3.2. Desenvolvimento de personagens

Foram mantidos em *Era uma vez em Veneza* os cabelos loiros e o corpo magro de Draco, do original, bem como seu orgulho e impertinência ocasional, embora, conforme visto acima, ele tenha-se tornado na fanfiction um personagem muito mais amoroso e submisso do que o Malfoy de Rowling, dez anos mais novo do que Harry.

Já Potter continua em busca de justiça, de vencer o mal do mundo, ainda que, na fanfiction, a única razão que o move a derrotar Riddle é vingar a morte de seus pais. Diferentemente do herói magricela, de cabelos bagunçados da série, o poderoso senhor de Veneza ganha “um ar sóbrio” e rosto “de um maxilar forte, lábios proporcionalmente cheios, que combinavam com o nariz reto e bonito. O rosto era grave e magnético”. Até os famosos olhos verdes, que herdara da mãe, levam descrição mais detalhada: “Havia um círculo verde-escuro ao redor das íris, que clareavam em dégradé – feixes verdes de todas as tonalidades que pareciam fios de joias preciosas fundidas – até os pontos negros como vácuo no centro delas. Eu nunca havia visto olhos tão densos e hipnotizantes” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 1). Potter ainda assume o papel de tutor de Draco, responsável por apresentar-lhe a civilização e por protegê-lo de seus perigos.

Tom Riddle ainda é o vilão em *Era uma vez em Veneza*, mas seus crimes não são consequência dos princípios sobre superioridade do sangue, mas do seu envolvimento com a compra e venda de jovens escravos na Itália. É descrito, no entanto, como igualmente cruel e impiedoso, associado a cobras e serpentes, como no original:

“Um golpe baixo seria matá-lo e causar o maior dos desesperos em Harry Potter.” Ele ameaçou em um tom detestável, que mais parecia o sibilar de uma cobra. Ainda apertou com mais força minha garganta antes de me soltar. Caí de joelhos no chão, levando minha mão ao pescoço enquanto puxava o ar ruidosamente. “Mas preciso fazer isso na frente dele. Doerá mais.” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 16)

Remus Lupin e Sirius Black também aparecem como casal, ainda que apenas em algumas cenas, como nesta, em que Draco os vê, aos beijos, em um dos corredores do palacete de Potter: “Não era apenas um toque de lábios. Era realmente um beijo! Tapei minha boca para que minha respiração ruidosa não me denunciasse. Eu nunca havia visto dois homens fazerem aquilo” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 3).

Black é retomado como um personagem brincalhão e irônico como na série:

“Só cinco, Harry? Você é mesmo coração mole. Não se preocupe, Draco, darei uma lição nele por duvidar de suas capacidades!” Sirius subiu na cadeira, tirando uma espada fina da cintura e colocando um pé sobre a mesa. Ele apertou a ponta da lâmina contra o peito de Harry, um sorriso zombeteiro nos lábios finos. (MILA B., 2011-2012, Capítulo 3)

E Lupin é novamente apresentado como alguém confiável e correto, a quem recorrer para conselhos, conforme os livros: “Remus sorriu de leve. ‘Mas, respondendo à sua pergunta, às vezes pode ser complicado, dá vontade de gritar para todos que ama e que tem todo direito a isso. Em outros, você não se importa, o que importa é ter junto a si a pessoa que ama’”(MILA B., 2011-2012, Capítulo 17).

Outros personagens da série aparecem circunstanciados na fanfiction, como, por exemplo, Madame Pomfrey, responsável pela enfermaria de Hogwarts e retomada como enfermeira de Draco quando chega a Veneza e quando é ferido por Riddle:

"Sra. Pomfrey, eu estou bem! Não sou mais o garotinho mirrado que você cuidou há quatro anos." Revirei os olhos para o cuidado excessivo da minha enfermeira. [...] Ela colocou as mãos na cintura e me lançou um olhar severo. Continuava a mesma, mesma maneira exasperada de me encarar, como se eu houvesse planejado acabar machucado e debilitado por vontade própria. (MILA B., 2011-2012. Capítulo 17)

Também na série Madame Pomfrey é para Harry uma mulher bondosa, mas severa. (ROWLING, 1997). Outros nomes do original aparecem em *Era uma vez em Veneza* como empregados de Potter ou jovens abrigados no bordel como Hannah Abbot, as gêmeas Padma e

Parvati Patil, Seamus Finnigan e Romilda Vane, todos colegas de Potter em Hogwarts nos livros. A dona do prostíbulo, senhorita Parkinson, é no original amiga e colega de casa de Draco Malfoy no original de pouco destaque. Na fanfiction, Draco também se torna próximo da personagem: “Eu não entendia por que, mas já havia simpatizado com ela. Havia algo em seu rosto de porcelana, lábios finos em tom carmesim e olhos de águia que eram tão magnéticos quanto os olhos verdes de Harry” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 2). A senhorita Parkinson de *Era uma vez em Veneza* ainda o ensina as artes da sedução para que pudesse tentar conquistar Potter (MILA B., 2011-2012).

Mencionados uma única vez, Ronald Weasley, Hermione Granger e Albus Dumbledore são apresentados como membros de famílias respeitáveis da sociedade de Veneza em uma das festas de aniversário de Draco. Logo, embora guardem laços com o original, em sua grande maioria os personagens de Mila B. têm mais de sua própria criação do que as características postas pela série, além, ainda, de Andrej e Marino, personagens totalmente novos, cuja história nada tem a ver com o mundo bruxo de Harry Potter.

3.3.3. Narrador

Ao contrário das outras fanfictions analisadas e da própria série original, tem-se em *Era uma vez em Veneza* um narrador autodiegético, isto é, Draco é quem narra sua própria história até o penúltimo capítulo: “A voz me assustou, mas consegui afastar o pincel antes de estragar a pintura. Olhei para baixo e vi Harry parado lá, observando-me com os braços cruzados sobre o peito. Sorri, mas imediatamente fingi desinteresse, voltando a pintar” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 17).

Nos capítulos extras, o narrador, também autodiegético, é Andrej: “Era mentira, mas uma parte de mim talvez desejasse aquilo, como forma de estancar a ferida. Eu não devia ter me declarado para Draco. Eu sabia que ele não me amava” (MILA B., 2011-2012, Capítulo extra 1). E, ainda no epílogo da fanfiction, tem-se Harry Potter como narrador: “Draco estava estudando no curso de Artes da Universidade de Pádua. Não poderia combinar mais com ele. Eu me lembro com perfeição de como fiquei admirado ao vê-lo tocar harpa pela primeira vez, como um anjo caído que salvei das garras de Riddle” (MILA B., 2011-2012, Epílogo). Logo, mais uma vez é

possível observar que *Era uma vez em Veneza* se distancia do original, apresentando três narradores diferentes, em primeira pessoa, em vez do narrador heterodiegético de onisciência seletiva da série.

3.3.4. Tempo e espaço

Desde o momento em que Draco é capturado e arrastado para a Itália até o capítulo oito, em que declara seus sentimentos a Potter, pouco mais de um ano se passa, porque comemora seu aniversário no dia em que chegara a Veneza no capítulo seis. Depois disso, mais três anos transcorrem e Draco completa dezoito anos, época em que decide investir novamente em um relacionamento com Harry e é finalmente correspondido. No entanto, parte para Pádua para estudar e dois anos de estudos se passam até que Potter o visite para reafirmar seu amor. No total, o tempo linear de *Era uma vez em Veneza* soma seis anos aproximadamente, embora não haja menção do ano do século XV em que a história se passa.

Parece óbvio apontar que o espaço apresentado na fanfiction não tem relação alguma com os ambientes descritos no original, como Hogwarts, a casa dos Dursleys, ou a cidade de Londres. Todo o espaço de *Era uma vez em Veneza* é dado novo, como a própria Veneza, o Palazzo de Potter e o bordel da senhorita Parkinson. O vilarejo em que Draco nasce, por exemplo, é retratado como “Uma terra selvagem, ideal para os homens selvagens que nela viviam. Fortes, altos, robustos e brutos. Sobrevivíamos graças à caça e à pesca, apesar de ainda existir algum comércio entre nossa vila e outros povoados” (MILA B., 2011-2012, Prólogo). Já o palacete de Potter ficava localizado “em frente ao maior canal de Veneza, de onde eu podia vislumbrar, das janelas altas de meu quarto, a agitação da cidade, os caminhos labirínticos que a água fazia, e as gôndolas que por ali passeavam, sempre, incansáveis, como folhas deslizando sobre a superfície calma de um córrego” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 1).

No bordel, lugar que Draco frequentava com regularidade para conversar com a senhorita Parkinson ou com Andrej, “havia um aroma de incenso naquela sala também, e eu suspeitava que ele viesse de outras partes do bordel. A casa possuía um ar etéreo e pecaminoso, como que envolto por brumas. Era convidativo e ao mesmo tempo repulsivo ficar ali” (MILA B., 2011-2012. Capítulo 4).

Segundo a autora, a decisão de situar os personagens de Rowling em Veneza, no século XV, teve inspiração em outro texto: “Sempre gostei de história, aliás, sou apaixonada por história e, principalmente, essa época do renascimento. Após ler um livro chamado "O Vampiro Armand", da Anne Rice, que se passa justamente nessa época, em Veneza, eu me encantei pelo que era a cidade naquela época” (MILA B., 2015). Desse modo, constata-se novamente o distanciamento do espaço proposto na série, assim como sua cronologia, na década de 1990, para apresentar os personagens em contexto diverso, que, tendo em vista a declaração da autora, não foi escolhido por ter grande importância no desenvolvimento da fanfiction, mas por influência de outros textos na época de sua produção.

3.3.5. *Slash em Era uma vez em Veneza*

Observa-se em *Era uma vez em Veneza* a relação homoerótica entre Draco e Harry, Andrej e Marino e, ainda, entre Lupin e Black, o que a enquadra entre as fanfictions classificadas como *slash*. Vê-se na fanfiction a descoberta de novos desejos e sentimentos também acompanhada das reflexões sobre a relação homossexual entre homens perante a sociedade:

"Anna..." Chamei baixinho, e ela me olhou incentivando para que eu prosseguisse. "Podem... podem dois homens ficar juntos?"

"Como assim?" Ela franziu a testa.

"Dois homens, juntos. Assim como um homem e uma mulher." [...] Ela pareceu em choque com a pergunta por um momento, e eu mordi o lábio inferior, pensando se fora uma boa ideia perguntar. Mas então ela se recompôs e umedeceu os lábios, pensativa.

"Já ouvi sobre isso. Socialmente, não é muito bem quisto. Eu não vejo problema algum, porque Emmelice sempre me ensinou a ter uma mente muito aberta. Mas eu sou apenas uma cozinheira e lavadeira. Minha opinião não vale de muita coisa." (MILA B., 2011-2012, Capítulo 3)

O *shipper* Remus e Sirius também aparece na fanfiction de Mila B., embora com bem menos destaque para o casal, e no capítulo dezessete, Lupin discute sobre a relação de Draco com Harry e sobre como os preceitos da igreja católica se contrapunham à ideia da união entre dois homens: “‘Leis de Deus.’ Eu ri. ‘Prefiro queimar no inferno por toda a eternidade do que levar uma vida sem amor. E se Harry for para o inferno comigo, tanto melhor’” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 17).

Em determinados momentos da fanfiction, Draco e Harry dançam juntos, tanto em festas particulares quanto fantasiados durante o carnaval de Veneza, mas, diferentemente de *Green Eyes*, em nenhum dos capítulos a aceitação própria ou da sociedade aflige Draco ou qualquer outro personagem da narrativa, nem é preciso lidar com preconceito ou repulsa. Fica claro que os empregados do palacete de Potter sabem de seu relacionamento com Draco e também sobre o de Sirius e Remus, mas parece improvável que tantos moradores de Veneza no século XV tivessem a “mente muito aberta”. Na verdade, segundo Louis Crompton, autor de *Homosexuality and Civilization*, os séculos XV e XVI foram o tempo das maiores campanhas contra sodomia na Itália, especialmente em Florença e Veneza, e que os moradores da última temiam que Deus inundasse a cidade de vez caso cometessem os mesmos pecados de Sodoma e Gomorra (CROMPTON, 2003, p. 247).

A imprecisão histórica em *Era uma vez em Veneza* faz com que a narrativa tenha em evidência o desejo e o afeto entre Draco e Harry e que o “sair do armário” para os personagens não seja tão importante como é para o mesmo *shipper* de *Green Eyes*. Mesmo quando Potter se esquiva da declaração de Draco, por exemplo, a justificativa não está no medo de admitir sua paixão por um homem, mas no fato de que Draco era muito novo e inocente: “Fiquei esperando o momento em que você iria tentar de novo. [...] Eu chegava a desejar que você tentasse de novo, porque então eu talvez tivesse uma desculpa se não conseguisse resistir” (MILA B., 2011-2012. Capítulo 14).

Mesmo classificada no Fanfiction.net como “Fanfiction M” (história destinada a maiores de dezesseis anos), *Era uma vez em Veneza* contém a descrição de cenas eróticas entre Draco e Harry e também entre Andrej e Marino: “Meu sangue parecia retumbar em meu ouvido apesar das palavras desconexas que eu e ele soltávamos, movendo-nos juntos com os corpos repletos de suor que apenas parecia deixar tudo mais primitivo e intenso” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 14).

É possível observar que *Era uma vez em Veneza* escapa a algumas características comuns em fanfictions *slash* no *fandom* potteriano, listadas por Vargas (2011) como as reflexões sobre aceitação e preconceito e a inimizade mútua transformada em amor (VARGAS, 2011). Draco e Harry de fato se detestam na série, mas, na fanfiction de Mila B., os personagens se apaixonam desde a primeira vez que se veem no primeiro capítulo, e o conflito entre eles só acontece quando Potter reluta em admitir seu amor por Draco. No entanto, nas cenas eróticas presentes em *Era*

uma vez em Veneza, “a ênfase ainda assim se encontra presente nas emoções e nos pensamentos dos dois personagens”, outro traço popular em fanfictions *slash*, bem como a importância da fidelidade (VARGAS, 2011, p. 92): “Não importava. Eu queria gritar que o amava – *tanto* – que jamais escolheria nada além dele” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 14).

3.3.6. Mudança de gênero

É possível classificar *Era uma vez em Veneza* como uma fanfiction do gênero *hurt/comfort*, que, segundo Vargas, “refere-se à Dor e Consolação. São histórias nas quais um personagem sofre emocionalmente – ou mesmo fisicamente – e outro o consola. Muito frequentes no subgênero *slash*” (VARGAS, 2011, p. 39). Draco, apesar de ter sido arrancado de sua terra natal e de tudo que conhecia, adapta-se incrivelmente rápido à Itália renascentista após ter sido violentado e agredido e, depois, salvo por Potter, ou seja, é resgatado ou consolado, por Harry física e psicologicamente. Potter também considera-se salvo por Draco, uma vez que vivia em função de vingar a morte dos pais e o amor por Draco o liberta de seus dias sombrios.

O mesmo acontece com os personagens Andrej e Marino: o garoto, depois de passar por tantos infortúnios, vê-se finalmente amado por um homem. Ainda assim, Mila B. não escolhe *hurt/comfort* como o gênero representativo de *Era uma vez em Veneza*, mas o romance, associado ao relacionamento dos personagens principais: “O beijo foi salgado pelas lágrimas, e doce pela certeza de que estávamos juntos, seguros, e tínhamos um ao outro. Ele se afastou ainda mantendo a boca rente à minha, seu hálito quente em meu rosto ainda gelado” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 6). A autora também classifica a história como drama, presente nos momentos em que Tom Riddle aparece para aterrorizá-los e nas cenas em que Draco e Andrej sofrem agressões e abuso sexual:

De novo não. Era tudo que eu conseguia pensar. Eu ainda tinha pesadelos com o que acontecera depois que fui capturado. Naqueles dias de pesadelo, eu me forçava minha mente [sic] a viajar para outros lugares quando me tocavam de forma suja e obscena, e quando percebia, estava sozinho de novo, trêmulo e humilhado. (MILA B., 2011-2012, Capítulo 4)

De qualquer maneira, também não se vê recuperado na fanfiction o gênero aventura do original.

3.3.7. Recepção

Era uma vez em Veneza recebeu mais de 700 comentários de leitores, considerados por Mila B. como a inspiração de que precisava para desenvolver certos pontos de sua narrativa: “Queria agradecer imensamente pelas reviews amáveis que recebi no último capítulo. Graças a elas consegui perder o bloqueio e escrever mais da história!” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 6). Segundo a autora, em resposta a uma das *reviews*, “os comentários dos leitores nos dão ótimas ideias para colocar na história” (MILA B., 2011-2012, Capítulo 6).

Mila B., da mesma forma que as autoras de *Hades: às portas do inferno* e *Green Eyes*, respondeu a diversos comentários no corpo do capítulo e em notas anteriores ou posteriores ao texto da fanfiction. A autora levou as críticas bastante a sério. Um de seus leitores, por exemplo, incomodado com a humanização do coelho de Draco, Mordred, disse em comentário sobre o capítulo onze:

Eu já tive gatos e cachorros, e por mais que eles fizessem várias coisas que me surpreendesse [sic], mas, tipo, isso não os humanizava. Eu até entendo que isso pode ser licença poética, mas, Mila, como a gente vai poder enxergar um Draco adulto com um animal tão fofo do lado? É uma coisa tão infantil... Eu realmente espero que o Mordred morra e que isso sirva como catalizador [sic] para alguma transformação mais máscula do Draco. (AMIRASAN, 2012)

Em resposta, Mila B. disse que sabia ter exagerado, mas que gostava da humanização de animais e, portanto, não poderia

levar sua crítica baseada em *seu próprio gosto pessoal*, em consideração, porque não acredito que críticas baseadas apenas nisso tem algum valor [sic]. [...] E sim, fiquei um pouco chateada com seu comentário, a ponto de comparar minha história com algo que você considera ridículo (a lealdade de um consorte). Isso é uma fanfic, não é um livro, não é algo sério, apesar de eu me esforçar bastante para não escrever completas porcarias. [...] Enfim, isso é uma ficção, escrita por uma amadora, que não tem nenhuma obrigação com editora ou o que for, e que não tem medo de escrever uma bobagenzinha do jeito que gosta.

A declaração da autora evidencia um posicionamento que Silverghost e Amy Lupin não demonstraram em suas notas: o preconceito em relação ao próprio suporte, ao lugar de que fala, isto é, ao próprio *fandom*. Em 2015, Mila B. respondeu a essa questão novamente e reiterou sua opinião:

Sim, admito que acredito nisso. Não no sentido de SEMPRE ser menor, ou que quem escreve é inferior do que um autor de livros publicados, [sic] até porque tem MUITA porcaria publicada mundo afora, enquanto eu já li fanfictions fantásticas melhores que muitos livros famosos. O que quis dizer é que, justamente, eu vejo fanfictions mais como diversão e brincadeira, do que se você for escrever algo para uma editora. Eu, naquela época, escrevia para brincar (até hoje escrevo para brincar, mas menos que naquela época)[sic], não estava tão preocupada em estudar TANTO sobre o contexto história (apesar de ter estudado um tanto), nos mínimos detalhes, para escrever em Veneza. Não estava me importando em fugir um pouco da realidade ao criar um coelho bastante inteligente. Agora, se eu fosse, por exemplo, tentar publicar *Era uma Vez em Veneza*, transformando os personagens Harry e Draco (e outros) em personagens originais, eu iria rever vários trechos, estudar mais e deixar tudo mais coerente e fiel à realidade, pois aí, ao menos para mim, não seria apenas uma brincadeira, eu estaria tentando transformar minha história em algo mais profissional, a ser publicado. (MILA B., 2015)

Conforme exposto no capítulo 1, as atividades realizadas no *fandom* importam porque aos fãs o próprio *fandom* importa e é precisamente por essa razão que as fanfictions também são parte significativa da produção das comunidades, e, portanto, em sua grande maioria, mais que apenas “brincadeira”. A análise de *Hades: às portas do inferno*, por exemplo, evidencia o estudo da obra de Rowling de forma cuidadosa e pormenorizada para alcançar o objetivo de remediar as lacunas da história da geração anterior a Harry Potter, mas também demonstra que o posicionamento de Mila B. em relação às fanfictions não é necessariamente compartilhado com outros fãs brasileiros da série.

Apesar de dispensar a escrita de fanfictions como uma prática que não merece os méritos de livros publicados em papel e rechaçar as críticas recebidas, conferindo à atividade um status inferior, Mila B. deu grande importância aos comentários que elogiavam o quanto a versão reescrita de *Era uma vez em Veneza* era mais verossímil que a anterior, inclusive de seus críticos: “Mila, amo a sua fic. Eu acompanhei a primeira versão e fiquei triste quando ela ficou em hiatus, mas, com certeza, valeu muito a pena a espera. Essa versão é mil vezes melhor, mais coerente. O rumo que vc tem tomado é muito mais denso” (AMIRASAN, 2012); “Eu adorei a nova versão. A

antiga também era excelente, mas nessa há muito mais envolvimento, detalhes e o enredo está perfeito! Comecei a ler ontem à noite e não consegui parar por um segundo sequer até chegar no capítulo atual!” (LE CLAIR, 2012) Outra leitora disse, ainda, que o período histórico que Mila B. escolheu para desenvolver sua narrativa lhe dava “abertura para escrever detalhadamente sobre qualquer coisa, sejam roupas, instrumentos, móveis ou pessoas” e que a autora devia aproveitar a oportunidade para “explicar bem como os personagens se sentem e preencher algumas lacunas que ficaram em aberto na história.” (STEPHANIE, 2011).

No epílogo de *Era uma vez em Veneza*, Mila B. pede *reviews* uma última vez e, surpreendentemente, designa-se uma *ficwriter*:

Às vezes eu olho e nem acredito que escrevi tudo isso. Ou melhor, que escrevi tudo que já escrevi por aqui, no fandom de HP. Obrigada a todos pelo carinho que recebi desde lá o primeiro capítulo que postei dessa história, na versão antiga ainda! Obrigada por me ajudarem a escrever isso daqui, por incentivarem, e tudo o mais. E por entenderem meus surtos... :) Espero que tenham curtido o epílogo, e a história como um todo. Eu adoraria se vocês me deixassem saber o que acharam deixando um último comentário! Faz bem para a saúde de um *ficwriter*. (MILA B., 2011-2012. Epílogo)

3.3.8. Conformidade à tradução de Lia Wyler

Os poucos nomes próprios da série que aparecem em *Era uma vez em Veneza*, como Remus Lupin e Albus Dumbledore, foram retirados dos livros em inglês, (em vez dos traduzidos Remo Lupin e Alvo Dumbledore). Como os personagens aparecem em contexto muito diferente do proposto no original, não se sabe se palavras traduzidas já, de certa forma, consagradas em português, como Quadribol e Grifinória, seriam utilizadas por Mila B. nessa fanfiction. A autora comentou sobre as traduções de Wyler em declaração recente:

Eu acho que ela fez um ótimo trabalho. Imagina traduzir de uma forma que crianças entendam tantos nomes e palavras estranhas? Acho que ela tentou se manter fiel na medida do possível e não traduziu nada de maneira bizarra ou discrepante, para mim foi um trabalho do qual ela não tem do que se arrepender. (MILA B, 2015)

A despeito dos poucos laços que *Era uma vez em Veneza* guardou com a série Harry Potter, a fanfiction é claramente uma narrativa de universo alternativo e transporta os personagens do original para um tempo e espaço completamente diferente do posto por Rowling. Além disso, a fanfiction de Mila B. apresenta seus personagens principais em relação homoerótica, o que ainda a enquadra na categoria de fanfiction *slash*. Há também mudança de gênero em relação aos livros, apresentando um texto *hurt/comfort*, em vez do gênero aventura, e o narrador autodiegético destaca Draco como personagem principal da narrativa.

Assim como em *Green Eyes* (2005-2007), o conflito da história está no relacionamento amoroso entre os personagens e destacam-se as cenas de amor e sexo entre Draco e Harry. Tendo em vista a análise da construção de *Era uma vez em Veneza* (2011-2012), o propósito da fanfiction parece ser, de fato, transportar personagens queridos por uma parcela grande de fãs do *fandom* a uma nova história, uma alternativa para revê-los em enredo novo, apresentado da perspectiva de um personagem secundário, o que instiga a exploração de sua personalidade no universo das fanfictions, em especial com o narrador autodiegético, que oferece acesso irrestrito aos seus pensamentos e aos acontecimentos que o envolvem.

A mudança de gênero para *hurt/comfort* e o erotismo presente na fanfiction não só favorecem a experimentação com os personagens em situações que jamais seriam encontradas no original, mas também funcionam como uma alternativa ao hiato da série de Rowling nesse sentido como um todo: supre o interesse dos fãs em explorar os relacionamentos em dimensão não manifestada no original. Haja vista o número de comentários e cliques como favorita, a narrativa de Mila B. reforça a popularidade do *shipper* Draco e Harry no desenvolvimento das fanfictions brasileiras de Harry Potter, bem como a predileção dos fãs por histórias com universos alternativos e pelo gênero romance.

Mischief managed: considerações finais

O universo das fanfictions abre muitas portas e caminhos potencialmente infinitos para a ampliação dos *fandoms* que as alimentam. No caso do herói de Rowling, os trilhos mais recorrentes na reinterpretação de sua história no Brasil são percorridos de modo a levá-lo a lugares muito distantes de Hogwarts, onde convive com adversários e experimenta momentos de romance e erotismo de que os livros o privaram. Outros roteiros se afastam do personagem principal para dar lugar a outros de menor expressão, para preencher os vazios da série e para dar nova chance àqueles que tiveram pouca relevância no original.

A análise das três fanfictions representativas do desenvolvimento dessas narrativas entre autores e leitores brasileiros distingue os universos alternativos, a expansão da linha do tempo e o foco em personagens secundários na reinterpretação dos livros originais, bem como a presença do subgênero *slash* entre as favoritas dos usuários. Também destaca a preferência desses fãs pela leitura sobre relacionamentos amorosos e erotismo, dimensões que não têm destaque na saga, o que fomenta a curiosidade dos fãs sobre esse aspecto da vida de seus personagens prediletos e a elaboração de histórias com foco no desenrolar da afeição e da intimidade entre eles, como é o caso de *Green Eyes* (2005-2007) e *Era uma vez em Veneza* (2011-2012).

Na primeira, o contexto universitário traz Draco Malfoy e Harry Potter para uma atmosfera familiar a muitos de seus leitores, afastando-os de Hogwarts para aproximá-los da realidade dos fãs. Já na última, tempo e espaço não poderiam ser mais distantes e, ainda assim, a recepção de *Era uma vez em Veneza* (2011-2012) demonstra que, mesmo apresentando um universo alternativo, o *fandom* potteriano brasileiro tem preferência por fanfictions do gênero romance e *hurt/comfort*, que exploram o *slash* e a relação entre os dois personagens, originalmente antagônicos.

Também se observa o favorecimento às histórias que se propõem a responder os questionamentos e inquietações do *fandom* em relação aos mistérios da série; *Hades: às portas do inferno* (2004) exemplifica a predileção da comunidade também pelas fanfictions pautadas no *canon* e a preocupação em retomá-lo de maneira coerente e precisa para narrar o que veio antes e depois da história que inspira ao *fandom* tanto investimento emocional.

A escolha de determinados personagens também é recursiva nessas narrativas, como os Marotos e Lily Evans, quando se trata de fanfictions que expandem a linha do tempo, tendo em vista que a história desses personagens, mesmo circunstanciada no original, é repleta de

reviravoltas interessantes e revelações surpreendentes. *Shippers* como Draco e Harry ou Sirius e Remus, por exemplo, também são comuns no desenvolvimento de fanfiction brasileiras, como é o caso de *Era uma vez em Veneza* (2011-2012) e de *Green Eyes* (2005-2007). A recorrência na aparição desses personagens, mas nem sempre do contexto original, denota o desejo dos leitores em rever seus favoritos (dos quais geralmente se sabe pouco) em novas histórias, naquelas com outros nós e desfechos, sejam nas narrativas tangentes à original, que atiçam a curiosidade por detalhes e novidades, sejam naquelas que propõem outro cenário, outro passado e futuro para seus protagonistas.

Os narradores autodiegéticos e heterodiegéticos de onisciência seletiva múltipla contribuem ainda para reverter a restrição aos pensamentos e sentimentos de personagens que ficaram limitados às impressões do herói bruxo. As fanfictions analisadas também são longas, com mais de trinta capítulos cada uma: um grande número de palavras oferece aos escritores tempo ficcional para o desenrolar de suas histórias, e a recepção positiva das três narrativas mostra que os leitores acompanham a trama até o final, comentando novas postagens, mesmo que a publicação seja feita de capítulo em capítulo e se estenda quase dois anos, como *Green Eyes* (2005-2007).

As três fanfictions também têm em comum o fato de que o herói de Rowling é personagem presente, ainda que não seja o protagonista. *Hades: às portas do inferno* funciona como uma preparação para que a história de Harry acontecesse, liga os pontos da narrativa original que ficaram sem detalhamento e conta a história de seu nascimento e da morte de seus pais, ampliando a cronologia do personagem contada nos livros. Em *Green Eyes*, Harry é o segundo personagem mais importante, e suas descobertas enquanto adolescente são tão relevantes quanto as de Draco. Harry também ganha uma família mais amorosa, com Sirius e Remus, em vez dos Dursleys, e não precisa enfrentar o peso de ter Voldemort em seu encalço e de livrar o mundo bruxo dos horrores causados pelo vilão. E, em *Era uma vez em Veneza*, Harry é o grande protetor de Draco e dos oprimidos da Itália do século XV. A adoração de Draco por ele e as descrições pormenorizadas de suas características físicas, bem como das cenas eróticas fazem de Potter um personagem indispensável para a trama da fanfiction. Assim, nenhuma das três histórias apaga o protagonista de Rowling, cujo caráter permanece o mesmo nas três narrativas, bem como seu antagonismo em relação a personagens com tendência à vilania, mesmo enquanto

bebê em *Hades*, uma vez que a fanfiction se propõe a ampliar a cronologia da série para o passado do Harry dos livros, grande herói na luta do bem contra o mal.

Além disso, nenhuma das três narrativas desconstrói o papel de Voldemort como vilão. O Lorde das Trevas presente em *Hades* é o mesmo vilão derrotado por Harry em *Deathly Hallows* (2007), apenas mais jovem, em sua primeira ascensão. Em *Green Eyes*, embora somente mencionado no primeiro capítulo, Tom Riddle ainda é o grande responsável pela morte dos Potter e acaba preso por seu envolvimento com a máfia. E, finalmente, em *Era uma vez em Veneza*, Voldemort continua como o antagonista de Potter, dessa vez como escravocrata na Itália, e segue derrotado por Harry na fanfiction. Assim, não há deslocamentos de personagens entre os papéis de herói e de vilão nas narrativas analisadas.

Ainda que os universos alternativos ofereçam mais possibilidades para experimentação com a narrativa, o realinhamento moral, que significaria distanciamento ainda maior do original e mais espaço para inovação, não é um recurso comum nas fanfictions brasileiras sobre Harry Potter. Os fãs ainda não se aventuraram a apresentar um Potter capaz de atos terríveis e desconstruir sua posição de herói, ou a humanizar o vilão Voldemort e contar o outro lado da história, nem os leitores parecem dispostos a popularizar narrativas com tais deslocamentos. Portanto, mesmo com contextos diversos, as fanfictions ainda estão amarradas, com maior ou menor destaque, ao conflito principal dos livros: a oposição entre bem e mal, representados respectivamente por Harry Potter e Lorde Voldemort.

A redenção de Draco Malfoy, contudo, parece uma constante. Personagem arrogante, de moral duvidosa, no original, sua indecisão sobre os lados da guerra se transforma em imaturidade, sempre superada, nas fanfictions, que o apresentam como alguém capaz de demonstrar afeto e de admirar as qualidades de bem feitor de Harry Potter. Assim, observa-se, nesse caso, não um realinhamento moral, mas uma *decisão* moral sobre Draco: em *Green Eyes*, por exemplo, Malfoy aprende que sua implicância com Harry Potter é sinal de uma paixão platônica e torna-se um personagem bom e justo, e em *Era uma vez em Veneza* nem é preciso que se redima de suas infantilidades, uma vez que é apresentado como alguém indefeso e apaixonado por Potter logo no início.

De qualquer modo, a popularidade do universo alternativo, do destaque ao personagem secundário, da expansão da linha do tempo e do subgênero *slash*, ainda que não haja motivação parte dos fãs em modificar a oposição Potter *versus* Voldemort ou eliminar completamente o

herói bruxo dos novos textos, reflete a predileção por maior espaço para criação própria, para a articulação da voz do fã na história que lhe é cara. Mais que isso, esses mecanismos de desenvolvimento permitem que o *fandom* se amplie e perdure, seja na revisão dos personagens mais queridos em novas histórias, munidos, possivelmente, de novos traços de personalidade e propensos a alguns desvios de conduta, ou no exame cauteloso da série para prolongar sua história com protagonistas de outros pontos de sua cronologia.

Contudo, da mesma forma que esses mecanismos de reinterpretação do original e a escolha recorrente de determinados personagens para essas narrativas alimentam releituras legitimadas pelo *fandom*, novas publicações renovam as predileções por determinados recursos na escrita de fanfictions, mas também as transformam. Como apontaram Busse e Hellekson (2006), o aspecto *work in progress* das fanfictions indica que, à medida que Rowling publica novos *snippets*, com detalhes inéditos sobre personagens, e novos filmes, com personagens diferentes, sejam produzidos sobre o universo de Harry Potter, novos dados serão adicionados à narrativa original e novas histórias serão publicadas, e eles podem alterar a totalidade de interpretações do *canon*, validadas pela comunidade de fãs.

À vista disso, seria possível afirmar que este trabalho ficará obsoleto mais rápido do que a maioria das pesquisas sobre assuntos menos movediços. De fato, os estudos sobre *fandom* e sobre a cultura do fã precisam atualizar-se constantemente, uma vez que o recente desenvolvimento de uma cultura mais participativa de consumidores de mídia, segundo Jenkins (2009), ainda está longe de ter seu ponto final. Do mesmo modo que as fanfictions podem ser vistas como um constante *work in progress*, as pesquisas sobre *fandom* também podem sê-lo: há ainda muitas lacunas que não foram objeto de pesquisa, ao mesmo tempo em que várias perspectivas responsáveis pela evolução dos estudos sobre o fã estabeleceram-nos como um campo de estudos que já não precisa de justificativas para a sua existência.

Que sigam então como um “trabalho em andamento” as pesquisas sobre a cultura do fã como o são as fanfictions. Afinal, de acordo com Gray et al (2007), o *fandom* é um elemento chave para a compreensão da vida contemporânea em um mundo cada vez mais globalizado e cercado de conteúdo midiático.

Referências bibliográficas:

ALENCAR, M. *A Hollywood brasileira: panorama da telenovela no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Senac, 2002.

AMIRASAN. In: MILA B. *Era uma vez em Veneza*. Fanfiction.net (2011-2012) Disponível em <https://www.fanfiction.net/s/6755213/1/Era-uma-vez-em-Veneza>. Acesso em 31 mar. 2015

ANELLI, M. *Harry e seus fãs*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2008

BARS, G. Review. In: LUPIN, AMY. *Green Eyes*. Fanfiction.net (2005-2007) Disponível em <https://www.fanfiction.net/s/2582195/1/Green-Eyes>. Acesso em 31 mar. 2015

BUARQUE, B. Torcidas de futebol. São Paulo: Revista de História da Biblioteca Nacional, 2008. Entrevista a Mariana Lemle. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/torcidas-de-futebol>

BUSSE, K.; HELLEKSON, K. *Fan fiction and Fan Communities in the Age of the Internet: New Essays*. Jefferson: McFarland, 2006.

CALABRE, L. Rádio e imaginação: no tempo da radionovela. Núcleo de Mídia Sonora – XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte, 02 a 06 de setembro de 2003.

COLDPLAY. *A Rush of Blood to the Eyes*. London: Parlophone, 2002.

COLDPLAY. *X & Y*. London: Parlophone, 2005.

CROMPTON, L. *Homosexuality and Civilization*. Harvard: Harvard University Press, 2003

DUFFET, M. *Understanding Fandom: An Introduction to the Study of Media Fan Culture*. London: Bloomsbury, 2013.

EUA: sétima aventura de Harry Potter vende milhões de livros em horas. G1. 23 jul. 2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,AA1592997-7084,00-EUA+SETIMA+AVENTURA+DE+HARRY+POTTER+VENDE+MILHOES+DE+LIVROS+EM+HORAS.html> Acesso em: 15 abr. 2015

FIESLER, C. Everything I need to know I learned from fandom: How existing social norms can help shape the next generation of user-generated content. *Vanderbilt Journal of Entertainment and Technology Law*. Nashville, v. 10, p. 729-762, 2007.

FISCHER, L. Os sete segredos de Harry Potter. Super Interessante, 2004. Disponível em <http://super.abril.com.br/cultura/os-7-segredos-de-harry-potter> Acesso em: 1 jun. 2015

FRANCO JR. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2ed. Maringá: Editoria UEM, 2005.

GRAY, J. et al. *Fandom Identities and Communities in a Mediated World*. New York: New York University Press, 2007.

HILLS, M. *Fan Cultures*. New York: Routledge, 2002

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. 2. ed. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H. *Fans, Bloggers and Gamers*. New York: New York University Press, 2006.

JENKINS, H. Quentin Tarantino's Star Wars?: Digital Cinema, Media Convergence, and Participatory Culture. 2012. Disponível em: <http://web.mit.edu/21fms/People/henry3/starwars.html> Acesso em 10 abr. 2015

JENKINS, H. *Textual Poachers – television fans and participatory culture*. New York: Routledge, 1992.

JENKINS, H. et al. *Spreadable Media: Creating Value and Meaning in a Networked Culture*. New York: New York University Press, 2013.

LE CLAIR. In: MILA B. *Era uma vez em Veneza*. Fanfiction.net (2011-2012) Disponível em <https://www.fanfiction.net/s/6755213/1/Era-uma-vez-em-Veneza>. Acesso em 31 mar. 2015

LEWIS, L. A. *The Adoring Audience: Fan Culture and Popular Media*. London: Routledge, 1992

LIVROS no mundo. Fanzone Potterish. Disponível em: <http://fanzone.potterish.com/geral/harry-potter-em-numeros/livros>. Acesso em 15 abr. 2015

LUPIN, AMY. Censurado. Fanfiction.net (2007-2010) Disponível em <https://www.fanfiction.net/s/3485747/1/Censurado> Acesso em 31 mar. 2015

LUPIN, AMY. Estudo acadêmico sobre fanfictions. 17 jan. 2015. Entrevista concedida a Beatriz Costa Reis

LUPIN, AMY. Green Eyes. Fanfiction.net (2005-2007) Disponível em <https://www.fanfiction.net/s/2582195/1/Green-Eyes> Acesso em 31 mar. 2015

MILA B. Estudo acadêmico sobre fanfictions. 19 fev. 2014. Entrevista concedida a Beatriz Costa Reis

MILA B. Era uma vez em Veneza. Fanfiction.net (2011-2012) Disponível em <https://www.fanfiction.net/s/6755213/1/Era-uma-vez-em-Veneza>. Acesso em 31 mar. 2015

MURAKAMI, R. A personagem no fandom e a experiência dos fãs leitores e escritores. *Ciberlegenda*, v.2, 23, 2010.

OS números mágicos de Harry Potter. Veja, 07 jul. 2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/os-numeros-magicos-de-harry-potter/> Acesso em: 15 abr. 2015

PENLEY, C. *Technoculture: Studies in Classical Philology*. Minnessota: University of Minnessota Press, 1991.

PIONER, M. *Only for Children? Reevaluating Harry Potter*. 2013. 76f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras.

PROPP, V. *Morfologia do conto maravilhoso*. 1. ed. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

ROWLING, J.K. Draco Malfoy's Secrets. Pottermore (2014). Disponível em www.pottermore.com. Acesso em 10 jan. 2014

ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Chamber of Secrets*. London: Bloomsbury, 1998.

ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Deathly Hallows*. New York: Scholastic, 2007.

ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Goblet of Fire*. New York: Scholastic, 2000.

ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Half-Blood Prince*. London: Bloomsbury, 2005.

ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Order of the Phoenix*. London: Bloomsbury, 2003.

ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Philosopher's Stone*. London: Bloomsbury, 1997.

ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*. London: Bloomsbury, 1999.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e a câmara secreta*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e a ordem da fênix*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e as relíquias da morte*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e o cálice de fogo*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J.K. The Books. Disponível em http://www.jkrowling.com/en_GB/works/the-books
Acesso em 15 de abr. 2015

ROWLING, J.K. The Leaky Cauldron and MuggleNet interview Joanne Kathleen Rowling. The Harry Potter Lexicon. 16 de jul. 2005. Entrevista concedida aos representantes dos sites dedicados a Harry Potter The Leaky Cauldron e MuggleNet.

SAMPAIO, T. *Universos alternativos: leitura e produção de sentido em sites de fanfiction*. 2013. 148f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Comunicação Social.

SILVERGHOST. Estudo acadêmico sobre fanfictions. 28 de maio. 2014. Entrevista concedida a Beatriz Costa Reis

SILVERGHOST. Fragmentos. Fanfiction.net (2004). Disponível em <https://www.fanfiction.net/s/1806831/1/Fragmentos> Acesso em 31 de mar. 2015

SILVERGHOST. Hades: às portas do inferno. Fanfiction.net (2004) Disponível em <https://www.fanfiction.net/s/1851142/1/Hades-%C3%A0s-portas-do-inferno>. Acesso em 31 de mar. 2015

SILVERGHOST. Hades: a última guardiã. Fanfiction.net (2004) Disponível em <https://www.fanfiction.net/s/1726517/1/Hades-a-%C3%BAltima-guardi%C3%A3> Acesso em 31 de mar. 2015

SMITH, C. B. *Enterprising Women: Television Fandom and the Creation of Popular Myth*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1992.

STEPHANIE. In: MILA B. *Era uma vez em Veneza*. Fanfiction.net (2011-2012) Disponível em <https://www.fanfiction.net/s/6755213/1/Era-uma-vez-em-Veneza>. Acesso em 31 mar. 2015

TOSSENBERGER, C. “Oh My God, the Fanfiction!” Dumbledore’s Outing and the Online Harry Potter Fandom. *Children’s Literature Association Quarterly*, v. 33, 2, p. 200-206, 2008.

TUSHNET, R. Using Law and Identity to Script Cultural Production: Legal Fictions: Copyright, Fan Fiction, and a New Common Law. *Loyola of Los Angeles Entertainment Law Journal*. Los Angeles, n° 17, 1997.

TUSHNET, R. Copyright Law, Fan Practices, and the Rights of the Author. In: *Fandom Identities and Communities in a Mediated World*. New York: New York University Press, 2007. p. 61-71

VARGAS, M. *O fenômeno da fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005

VARGAS, M. *Slash: a fanfiction homoerótica no fandom Potteriano brasileiro*. 2011. 183f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Letras.

WYLER, L. *Omelete entrevista: Lia Wyler, a tradutora da série Harry Potter*. Site Omelete. 06 de dez. 2005. Entrevista concedida a Ederli Fortunato. Disponível em: <http://m.omelete.uol.com.br/games/entrevista/omelete-entrevista-lia-wyler-a-tradutora-da-serie-harry-potter/> Acesso em: 1 de jun. 2015

WYLER, L. *O tradutor de Harry Potter trabalha na escuridão*. Jornal do Brasil. 17 de jun. 2007. Entrevista concedida a Monique Cardoso. Disponível em: <http://conteudo.potterish.com/entrevista-lia-wyler-jornal-do-brasil/> Acesso em: 1 de jun. 2015

Apêndice 1 – entrevista com Silverghost, autora de *Hades: às portas do inferno* (2004)

BR: Como começou seu envolvimento com o *fandom* de Harry Potter?

SI: Bem, meu primeiro contato com Harry Potter foi graças a um professor da escola com quem eu gostava de conversar sobre História e Mitologia. Ele me deu o primeiro livro, comecei a ler, fui emendando um atrás do outro, ficando com gosto de quero mais, começando a pesquisar pela internet... Envolvi-me com o *fandom* quando comecei a escrever fanfics - quando fiz vestibular, passei para entrar na segunda entrada e por isso fiquei com seis meses sem ter compromisso e terminei me dedicando a escrever fics. Eu já gostava de escrever histórias antes disso - desde que me entendo por gente, na verdade. Mas antes eu só escrevia histórias para mim mesma e amigos próximos lerem - HP me permitiu ampliar meu público.

BR: O que motivou a escrita de suas fanfictions, em especial a saga Hades?

SI: Como já respondi na questão anterior... o motivo principal de começar a escrever fanfics foi ter ficado sem nenhuma ocupação durante todo um semestre enquanto esperava começar a faculdade. O outro motivo era curiosidade em saber como o que eu escrevia seria recebido por pessoas que não me conheciam e que não sentiam algum tipo de lealdade que os forçassem a ser muito leves na crítica.

BR: Por que escolheu esse período da cronologia da série para escrever essa história? Isto é, por que o *shipper* T/L?

SI: Eu tive dois motivos para isso. Primeiro, porque sendo um período que era explicado de forma apenas tangencial pela Rowling, eu teria mais liberdade de criação com os personagens. Segundo, porque eu me sentia muito curiosa em relação aos personagens - a questão da amizade dos marauders e da traição do Peter, isso mexia com a minha imaginação, fazia com que eu ficasse criando teorias em cima de teorias... foi aí que comecei a escrever.

BR: Tendo em vista que você recuperou diversos pontos da narrativa original na saga Hades de maneira a sanar as questões que incomodavam o *fandom* na época, como você vê

as fanfictions com universo alternativo? De que maneira você enxerga a retomada da série em fanfictions que propõem outros contextos?

SI: Considerando que eu mesma escrevi UA, só posso dizer que sou favorável, não? Gosto dos Universos Alternativos porque eles permitem um espaço maior de criação, de experimentação. É uma boa forma de exercitar a escrita e ter um feedback dos leitores, uma excelente ferramenta para quem quer se aventurar a ser escritor de histórias originais. Os personagens não são necessariamente seus, mas você inventou o mundo, o cenário, experimentou com eles e aprendeu mais com isso.

BR: Como você vê a recepção de *Hades: às portas do inferno*? Os comentários que você recebeu influenciaram o decorrer na narrativa de alguma maneira?

SI: Eu fiquei muito, muito surpresa com a recepção que eu tive não apenas para Hades, mas para todas as minhas histórias. Ainda hoje recebo comentários e sempre fico contente de ver que tem gente lendo e se divertindo com elas. Quanto à influência dos comentários... em parte, eles não me fizeram sair do curso que eu tinha estabelecido quando comecei a história - antes de escrever, eu fiz um esquema do que eu queria que acontecesse no enredo, dos relacionamentos, das mortes... Um exemplo disso foi a Susan que (para minha surpresa) se transformou numa favorita entre os leitores. Desde o começo eu sabia que ela ia morrer, e a certa altura dos acontecimentos, eu também sabia que a morte dela deixaria os leitores bastante transtornados... mas não deixei isso me influenciar. Por outro lado (e já adiantando a resposta de outra pergunta que você fez), a idéia do relacionamento entre Remus e Tonks surgiu de uma sugestão em um comentário de uma leitora da fic. Eu gostei da idéia, adorava a Tonks, e assim comecei a pensar em como poderia encaixá-la dentro de Hades.

BR: Depois da publicação do último livro, soubemos que Snape era apaixonado por Lily, e por isso Voldemort hesitou em matá-la. Você sentiu que injustiçou Severus em *Hades* de alguma maneira?

SI: Não... não acho que eu o injusticei. Ele foi um personagem importante na história e se arrependeu de seus erros e se emendou - que é mais ou menos o que eu acho que aconteceu na história original. Snape entrou para os Comensais da Morte porque acreditava naquilo que era pregado, ele nunca foi um santo. Ele só se arrependeu - pelo menos, na minha interpretação - a

partir do momento em que a Lily ficou em perigo. Na minha história, ele se arrepende também por causa de uma paixão/fascinação com a Dorcas. Final das contas fica elas por elas.

BR: Considerando que a sua saga foi publicada no Fanfiction.net em 2004, como foi que você soube que Tonks e Lupin ficariam juntos se só soubemos disso em 2005, com o *Half-Blood Prince*?

SI: Como respondi antes, eu gostava muito da Tonks e alguém fez um comentário da fic sugerindo o envolvimento dela com o Remus. Como eu não via nada nos livros que contradissesse essa possibilidade, acabei decidindo colocar o relacionamento deles em Hades. Fiquei extremamente surpresa quando eles de fato se revelaram um casal...

BR: Embora isso não tenha se mantido em outras histórias de sua autoria, em *Hades* você recupera a tradução de Lia Wyler. Qual a sua opinião sobre a versão brasileira?

SI: Quando comecei a escrever Hades, eu não tinha acesso ao material no original, foi só depois que isso aconteceu... Por questão de estilo, para não mudar de uma parte para outra, mantive toda a história de Hades dentro do material traduzido. Eu tenho uma certa cisma com a forma como a Wyler traduziu a história, especialmente em relação aos nomes dos personagens. Nome próprio não se traduz. Até posso compreender adaptações simples, como Peter para Pedro, mas de onde veio Tiago como tradução para James?

BR: Como você enxerga o futuro do *fandom* e das fanfictions de Harry Potter?

SI: Eu me afastei do fandom já faz algum tempo - eu tinha contado as histórias que queria contar e era hora de experimentar outra coisa; motivo pelo qual acabei criando um blog onde além de ensaios e resenhas publico contos originais. Mas o tempo que passei como parte do fandom me trouxe muito contentamento e amizades que começaram no mundo virtual e que evoluíram de emails para cartas para viagens a fim de conhecer pessoalmente algumas pessoas. Por conta disso, não tenho hoje uma visão interna desse mundo, mas a impressão que tenho de receber convites para eventos de fãs, de emails como o seu (essa é a segunda ou terceira vez que alguém me manda perguntas por causa de uma monografia falando de fanfics), de comentários das minhas próprias histórias redescobertas por gente que acabou de chegar no ff., e de conversas entre amigos, é que o fenômeno Harry Potter ainda tem bastante fôlego. Considerando que a

Rowling já disse que vai escrever mais livros e que já há previsão de novos filmes, ainda haverá muita fanfic e muita empolgação dos fãs.

Apêndice 2 – entrevista com Amy Lupin, autora de *Green Eyes* (2005-2007)

BR: Como começou seu envolvimento com o *fandom* de Harry Potter?

AL: Não sabia o que era fanfiction até topar com uma por acaso, enquanto navegava na internet procurando notícias dos livros de HP. Foi uma descoberta que me deixou eufórica, eu não imaginava que era possível 'brincar' assim com os personagens e as diversas possibilidades do universo de HP sem infringir alguma lei ou coisa do tipo. A liberdade que se tinha para reviver personagens e reescrever acontecimentos de diversas maneiras era irresistível! Comecei a devorar fic atrás de fic, insaciavelmente. A espera pelos livros era longa e as fanfictions ajudavam a preencher um pouco do tempo entre uma publicação e outra. O fato de o *fandom* reunir diversas pessoas com os mesmos interesses também logo proporcionou novos relacionamentos e até amizades! Comecei a participar de grupos, desafios e discussões, de modo que o universo de HP parecia ser real e os personagens mais vivos do que nunca. Tentei expandir para outros *fandoms*, mas em minha opinião nenhum é tão rico quanto o de HP.

BR: O que motivou a escrita de suas fanfictions, em especial, de *Green Eyes*?

AL: Comecei lendo muitas fanfictions, primeiro sobre Harry/Ginny, depois sobre os marotos. Eventualmente, as histórias boas, longas e bem escritas acabaram e ficou aquele gostinho de quero mais. Além do mais, por mais que eu gostasse de uma fanfic, tinha sempre algo que eu achava que podia ter sido diferente. Foi então que pensei que, se quisesse uma fic exatamente do meu gosto, teria que escrevê-la. Comecei rascunhando em papel durante minhas aulas da faculdade, ainda que as pessoas de fora do *fandom* para quem mostrasse o que escrevia não entendessem por que eu desperdiçava o meu tempo daquele jeito. Felizmente minha irmã me entendeu e começou a ler o que eu escrevia, me incentivando a postar. Tive ótima resposta àquela primeira, que girava em torno dos marotos em sua época de Hogwarts, mas não parei de ler. Foi nessa época que fiz outra descoberta do *fandom*: os casais não eram limitados a mulher/homem. Comecei lendo Sirius/Remus e fiquei fascinada. Infelizmente havia muito poucas fics slash em comparação com as heterossexuais e elas se esgotaram rapidamente, então topei novamente por acaso com Harry/Draco e achei a combinação explosiva, apesar de julgar que as pessoas não estavam usando todo o potencial do casal. Foi assim que, assistindo um filme teen na Sessão da

Tarde certo dia, Green Eyes nasceu na minha mente e eu comecei rapidamente a colocar no papel.

BR: Por que você escolheu Harry/Draco para desenvolver sua história? Tendo em vista que *Green Eyes* é slash e apresenta universo alternativo, como você enxerga o desenvolvimento desses dois estilos nas fanfictions de Harry Potter?

AL: Acho que escolhi Harry/Draco pelo desafio. É um casal pouco provável, mas tem os elementos certos: eles são opostos, se odeiam apaixonadamente e Draco claramente tem ciúme do Harry desde o início, além de haver muito rancor e ressentimento entre eles. Já era possível enxergar tudo isso mesmo naquela época, que foi pouco depois da publicação do 5º livro. Eu simplesmente não consegui resistir a contar a história do meu jeito. As fics que lia simplesmente não me convenciam. Num momento eles se odiavam, no outro se amavam perdidamente, ou então já começavam se amando. Além do mais, elas eram muito apelativas em sua maioria, na minha opinião. Eu queria uma história de amor divertida, mais inocente e bem fundamentada, onde o romance fosse se desenvolvendo sem pressa e de maneira realista. Queria convencer as pessoas de que aquele amor era possível.

Acho que optei por escrever AU por ter mais liberdade para trabalhar os sentimentos deles. Queria que o Harry fosse um adolescente comum, sem o peso de seu passado e de Voldemort nas costas. Acho que é essa liberdade que atrai as pessoas para esse Universo Alternativo. Mas ao mesmo tempo essa liberdade pode fazer com que as pessoas distorçam a personalidade dos personagens. Por isso as pessoas são mais resistentes ao AU. Afinal, quando procuram uma fanfic de HP, procuram os personagens que já conhecem e acabam encontrando estranhos. Felizmente Green Eyes teve ótimas críticas nesse sentido e, pessoalmente, estou satisfeita com o resultado.

Quanto ao slash, acho que hoje em dia as pessoas estão ligeiramente mais abertas ao estilo do que há poucos anos atrás. Acredito ainda que grande parte das pessoas que são resistentes a ler slash imaginam que sejam histórias puramente sexuais e pervertidas. Eu mesma tinha esse preconceito antes e talvez a vontade de quebrar esse paradigma seja parte do motivo para eu ter escrito Green Eyes. O resultado foi que muitas pessoas me disseram que foram introduzidas ao slash através de Green Eyes por indicação de outros leitores e que não se arrependeram.

Outra coisa que notei ao longo desses anos foi que o fandom se modificou bastante. Antes a grande maioria dos leitores das minhas fics eram meninas, talvez até garotos que se passavam por

meninas. Na minha fic mais atual notei que os garotos estão em pé de igualdade para com as garotas!

BR: Por que você escolheu Draco, que é um personagem secundário nos livros, como protagonista de *Green Eyes*?

AL: Como anti-herói, Draco tem um apelo muito forte para o público. Ele é aquele garoto mimado e preconceituoso, mas ao mesmo tempo é possível ver o quanto sua criação tem a ver com quem ele se tornou. É aquele personagem que você torce para se redimir ou pelo menos abrir os olhos para a realidade. Ele é tão humano, tão cheio de falhas! Particularmente, acredito que seja muito fácil imaginar que Draco seja mais vítima do que vilão. Sei que a JK Rowling não aprova essa visão de conto de fadas do Draco, mas ela deixou muitas brechas para isso. Tanto que ele é um dos personagens mais populares nas fanfictions.

BR: Como você vê a recepção de *Green Eyes*? Os comentários que você recebeu influenciaram o decorrer na narrativa de alguma maneira?

AL: Na época em que comecei a escrever, eu não imaginava que faria tanto sucesso. Eu dizia para mim mesma: não espere muito retorno com esta, afinal o público para fics slash é menor. Mas, para minha surpresa, em pouco tempo o retorno foi muito maior do que na minha primeira fic. Os leitores logo começaram a indicar para outras pessoas e novos leitores ainda chegam atraídos pela quantidade de reviews, o que é muito bom.

Sem dúvida que os comentários influenciaram no desenvolver da história. Minha intenção era que a fic fosse longa, mas talvez ela não tivesse sido tão longa se eu não tivesse experimentado o 'empurrãozinho' dos leitores. Personagens começaram a ganhar mais espaço conforme a aceitação que tinham, novas ideias surgiam a partir dos comentários... Tenho certeza que meus leitores participaram do desenvolver da fic mais do que imaginam, por isso a importância dos comentários!

BR: Qual é a sua opinião sobre a tradução de Lia Wylér?

AL: Acredito que tenhamos que levar em conta vários fatores na tradução de uma obra dessa magnitude. Por mais que tenha evoluído com o passar do tempo, para todos os efeitos, Pedra Filosofal era um livro de uma série infantil e imagino que seja por isso que a Lia tomou o cuidado

de traduzir até mesmo os nomes que julgava mais incomuns como Remus, James, Albus e das casas de Hogwarts. Acredito que a tradutora não poderia imaginar o sucesso que a série faria com os mais variados públicos e talvez tenha se arrependido de muitas decisões que tomou ao longo dos livros. Outro fator a ser considerado é que a tradução não é algo simples de se fazer, afinal por mais que você se esforce algo acaba se perdendo de uma língua para a outra. Não se trata apenas do idioma, mas de toda uma cultura! Nesse sentido, admiro muito o seu trabalho.

Pessoalmente, eu prefiro usar os nomes originais (em inglês) para os personagens e Casas de Hogwarts nas minhas fics e os nomes traduzidos para lugares e objetos.

BR: Como você enxerga o futuro do *fandom* e das fanfictions de Harry Potter?

AL: Infelizmente, acho que o período de glória do *fandom* já ficou no passado, as pessoas estão seguindo com suas vidas e partindo para outros *fandoms* agora que a série terminou. Já não há mais livros para se esperar, a história oficial terminou e os próprios fãs já não são os mesmos. É a ordem natural das coisas, ao meu ver. Nossos interesses mudam muito ao longo da nossa vida e permanece apenas a nostalgia das lembranças de uma época.

Ainda assim, não acho que seja possível abandonar totalmente Harry Potter. Pelo menos para mim não é nada fácil. Continuo voltando de vez em quando, lendo ou escrevendo alguma coisa para matar a saudade. Cada vez que volto encontro informações inéditas sobre os personagens, formas diferentes de compreendê-los, além de um *fandom* diferente, um pouco do novo e um pouco do velho. Mas acredito que haverá sempre novas gerações de leitores, novos fãs para manter o *fandom* vivo.

Apêndice 3 – entrevista com Mila B., autora de *Era uma vez em Veneza* (2011-2012)

BR: Como começou seu envolvimento com o *fandom* de Harry Potter?

MB: Entrei em contato com o *fandom* de Harry Potter com 14 anos, no auge da era Harry Potter, por assim dizer. Eu era apaixonada pelos livros e, enquanto aguardava livro ou filme novo, eu não me saciava, então acabei pesquisando na internet mais sobre a história e, acidentalmente, encontrei um site de fanfictions. Foi amor à primeira leitura, depois disso não parava de ler e, eventualmente, decidi me arriscar a escrever, pela vontade de também brincar com os personagens que eu tanto gostava. Eu adorava principalmente história de romance entre Draco e Ginny, na época, e foi nesse sentido que comecei a escrever. Logo descobri o quão bom era escrever, uma das melhores distrações que se pode ter, e não parei mais.

BR: O que motivou a escrita de suas fanfictions, em especial *Era uma vez em Veneza*?

MB: Sempre gostei de história, aliás, sou apaixonada por história e, principalmente, essa época do renascimento. Após ler um livro chamado "O Vampiro Armand", da Anne Rice, que se passa justamente nessa época, em Veneza, eu me encantei pelo que era a cidade naquela época. Esse livro também tem temática homossexual, e eu decidi criar uma versão Harry e Draco da coisa. Minha história saiu bem diferente do livro (a exceção do início, pois em ambos há um garoto andrógino delicado que é capturado de sua terra natal para ser vendido como escravo), claro, até porque ninguém é vampiro em *Era uma Vez em Veneza*, mas a essência do lugar, pode-se dizer, eu me aproveitei do livro, pois estava apaixonada por Veneza de outrora.

BR: Qual a sua opinião sobre fanfictions com universo alternativo, como *Era uma vez em Veneza*? Por que você escolheu esse contexto (a Veneza do século XV) para o desenvolvimento da história?

MB: Na época que eu era ligada ao *fandom* de Harry Potter, fanfictions AU era o que eu mais gostava de ler, apesar de também gostar muito das que usavam o contexto dos livros. A maioria das pessoas, entretanto, preferem histórias não-AU, ao menos era o que eu observava. Acho que eu preferia AU porque, no fundo, queria ter mais liberdade para criar minhas próprias coisas, tanto que acabei eventualmente migrando para originais. Você pode me achar hipócrita, mas hoje em dia eu acho que quem escreve AU devia era se aventurar em originais logo de uma vez. No

fundo, acredito que escrever fanfictions AU, seja em qual fandom for, é uma espécie de aprendizado, estilo a Malhação para jovens atores. Você começa a escrever, pela primeira vez, com personagens e um ambiente conhecido, familiar e agradável (fácil, por assim dizer), e depois passa para um ambiente não tão familiar, mas mantendo aqueles personagens que você ama e conhece. Alguns nunca saem de um desses dois âmbitos, confortáveis e felizes em escrever com isso, e eu acho mais do que justo, afinal, isso tudo é apenas diversão e distração, e o que importa é a pessoa se sentir bem e curtir o que está escrevendo, e assim sempre haverá outras pessoas que também irão curtir. Outros autores amadores, no entanto, não se contentam e buscam, enfim, escrever coisas completamente originais, nos sentido de tudo ser de sua autoria. Alguns até conseguem publicar, dou-lhe de exemplo Cassandra Clare, que na juventude escrevia fanfictions de Harry Potter.

BR: Como você enxerga o subgênero *slash* no *fandom* de Harry Potter? Por que escolheu Draco/Harry? O que motivou a escolha de Draco como narrador protagonista?

MB: Acho que o subgênero slash tem bastante "porquês" de existir. Na época, eu fazia parte de um fórum e lá tínhamos as 101 razões para acreditar que Harry e Draco eram um casal possível. Não tenho mais essa lista, mas, bem, para quem curtia o gênero yaoi os dois eram um prato cheio, ainda mais por envolverem o clássico "amor e ódio" que muitas pessoas curtem num romance. Minha escolha por Draco e Harry deu-se, basicamente, por ter-me apegado ao casal após ler uma fanfiction AU dos dois, muito famosa no fandom slash de HP, chamada Green Eyes, da autora Amy Lupin. É um dos melhores romances homossexuais que já li até hoje e, acredite, já li muitos. Apaixonei-me pelo casal e comecei a tentar escrever com eles. Sou apaixonado por "amor e ódio" e era um prato cheio pra minha imaginação, eu via muita química explosiva no casal, ainda que em Era uma Vez em Veneza eu nem tenha trabalhado muito esse clichê, mas de qualquer forma eu adorava o casal e poderia escrever qualquer tipo de história com ele. Eu não era muito fiel ao canon e muitos diziam que eu os deixava non-canon, mas eu não me importava muito. Sobre o narrador ser o Draco, creio que foi porque o Armand, no livro "O vampiro Armand", era narrador em primeira pessoa, e eu curti a forma da narrativa e o quanto isso deixava o par romântico do narrador misterioso e sensual, uma incógnita para os olhos de um garoto jovem e inocente.

BR: Como você vê a recepção de *Era uma vez em Veneza*? Os comentários que recebeu influenciaram a história de alguma maneira?

MB: Achei uma ótima recepção, inclusive, não esperava tanto na época. Eu acredito que os comentários que recebemos sempre influenciam de alguma forma, não no sentido de nos fazer alterar todo o curso da história, mas eles às vezes nos mostram coisas que nem percebemos, ou dão ideias novas, ou nos fazem pensar "uau, realmente, seria legal adicionar essa cena que a menina comentou", e por assim vai. Acho que são detalhes que vão surgindo. Além disso, quando se recebe alguma crítica, podemos parar e analisar melhor o texto e o que estamos fazendo, e contornar isso de alguma forma, amadurecendo e melhorando a escrita e a história, fechando todas as pontas. Alguns leitores são muito perceptivos e reflexivos, e isso ajuda muito, nos torna mais atentos aos personagens, suas atitudes e reações. Acho que uma das coisas que mais ajudam leitores iniciantes é essa troca bastante benéfica e recompensadora entre autor-leitor. Sobre *Era uma Vez em Veneza*, especificamente, faz muito tempo que eu escrevi, então é difícil lembrar com detalhes, mas se bem me lembro, acredito que explorei mais o segundo narrador da história - Andrej - devido à boa aceitação dos leitores para com ele, do contrário, provavelmente não teria escrito os extras.

BR: Qual a sua opinião sobre a tradução de Lya Wyler?

MB: Eu acho que ela fez um ótimo trabalho. Imagina traduzir de uma forma que crianças entendam tantos nomes e palavras estranhas? Acho que ela tentou se manter fiel na medida do possível e não traduziu nada de maneira bizarra ou discrepante, para mim foi um trabalho do qual ela não tem do que se arrepender. Antigamente eu reclamava de ela ter traduzido os nomes das casas (Grifinória, Sonserina, etc), mas aí me toquei que ela não tinha como saber que esses nomes no original eram realmente sobrenomes dos fundadores das casas, lá no primeiro livro, e ela mesma disse que não teria traduzido se soubesse disso.

BR: Em determinado capítulo da fanfiction, você responde a uma crítica sobre o coelho Mordred e diz que "Isso é uma fanfic, não é um livro, não é algo sério, apesar de eu me esforçar bastante para não escrever completas porcarias. [...] Enfim, isso é uma ficção, escrita por uma amadora, que não tem nenhuma obrigação com editora ou o que for, e que

não tem medo de escrever uma bobagenzinha do jeito que gosta." Você considera que a fanfiction é, de fato, um gênero menor que a literatura publicada pelas editoras?

MB: Sim, admito que acredito nisso. Não no sentido de SEMPRE ser menor, ou que quem escreve é inferior do que um autor de livros publicados, até porque tem MUITA porcaria publicada mundo afora, enquanto eu já li fanfictions fantásticas melhores que muitos livros famosos. O que quis dizer é que, justamente, eu vejo fanfictions mais como diversão e brincadeira, do que se você for escrever algo para uma editora. Eu, naquela época, escrevia para brincar (até hoje escrevo para brincar, mas menos que naquela época), não estava tão preocupada em estudar TANTO sobre o contexto história (apesar de ter estudado um tanto), nos mínimos detalhes, para escrever em Veneza. Não estava me importando em fugir um pouco da realidade ao criar um coelho bastante inteligente. Agora, se eu fosse, por exemplo, tentar publicar Era uma Vez em Veneza, transformando os personagens Harry e Draco (e outros) em personagens originais, eu iria rever vários trechos, estudar mais e deixar tudo mais coerente e fiel à realidade, pois aí, ao menos para mim, não seria apenas uma brincadeira, eu estaria tentando transformar minha história em algo mais profissional, a ser publicado.

BR: Como você enxerga o futuro do *fandom* e das fanfictions de Harry Potter?

MB: Acredito que vai perdendo a força, conforme aquela "época de ouro" da Harry Potter fica para trás. Muitos autores deixaram de escrever Harry Potter, eles cresceram e os compromissos os impediram de continuar lá. Na época, a maior parte que escrevia eram de adolescentes, assim como os leitores. Esse pessoal cresceu e seguiu em frente, deixando para trás sua época de surtar e brincar com Harry Potter. Outros foram para outros fandoms, outros se voltaram para histórias originais. Outros, pararam de escrever. O fato de não haver, como antes, tantas pessoas lendo fics de Harry Potter também desanima alguns para continuar ali, ou começar por ali, visto que perde-se essa troca autor-leitor que, como comentei, acho fundamental para escritores iniciantes postando na internet. No fundo, acredito que eventualmente se tornará um fandom morto, o que é uma pena. Me bateu até uma nostalgia aqui.